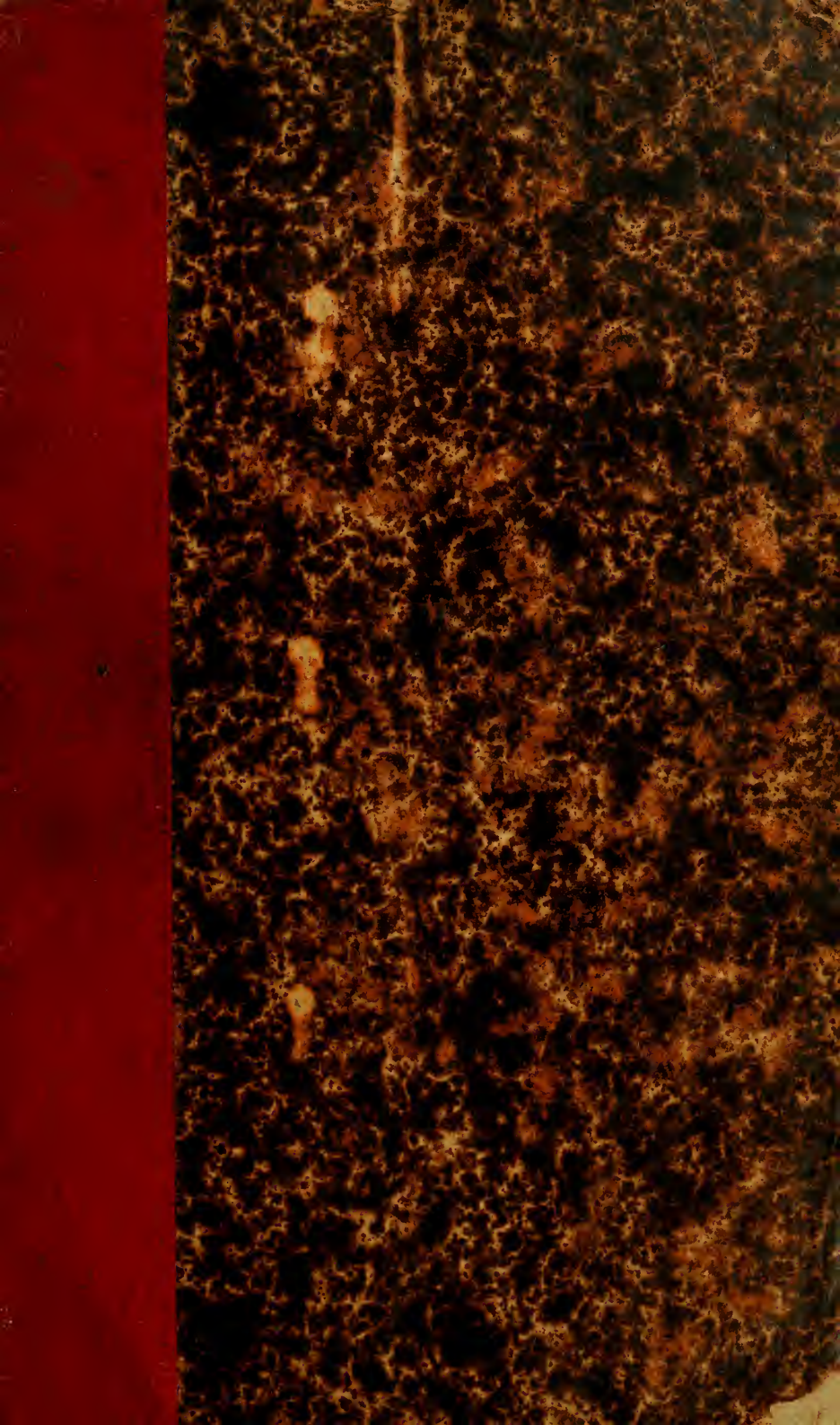

LIVRARIA
DE
ARTHUR DE ALMEIDA RIBEIRO

Nesta casa encontra-se um completo sortimento de livros para Collegios e Academias.

Romances, Dramas, Sciencias, Religião, etc.

91 RUA DE S. JOSE' 91

Em frente a igreja do Parto

RIO DE JANEIRO

BOSTON PUBLIC LIBRARY

The
John A. Lewis
Collection of
Americana

Purchased from the Fund established by Mrs. Lewis

CAMÕES

E OS

LUSIADAS

POR

JOAQUIM NABUCO

RIO DE JANEIRO
Typographia do Imperial Instituto Artistico
21—Rua Primeiro de Março—21
1872

A' MINHA MÃI

R-B PQ 9224 .N17

INTRODUCÇÃO

Completam-se em 1872 os tres seculos passados sobre a fronte da pyramide do espirito humano e da gloria portugueza chamada — *Os Lusiadas*.

Qualquer, porém, que seja o tempo decorrido, a obra cada dia parece mais nova, e os louros do poeta são mais verdes; á admiração das gerações passadas junta-se a das gerações nascentes, e é dessa constante e universal homenagem que se faz a fama do cantor e do poema.

Estas notas, que vão publicadas em fórma e com apparencia de livro, são verdadeiras impressões pessoaes. Acontece com um poema, como os *Lusiadas*, o mesmo que com a natureza: cada um comprehende-a, gosa della, ama-a segundo seu temperamento, e duas pessoas postas em frente de um bello espectaculo do firmamento sentem differentes emoções.

Ha ainda mais uma analogia entre essas duas grandes obras: a creação que é o poema de Deus, e o poema que é a creação do genio. Quem ama verdadeiramente a natureza póde percorrer muitas vezes o mesmo sitio, cada dia descobre uma nova belleza. A' principio vê-se apenas a magnificencia do panorama, depois destaca-se o horisonte, em seguida o solo, até que a variedade das maravilhas torna-se infinita.

Uma cascata, por exemplo, ha nada mais semelhante em todas as suas partes, e não parece que se deve gosar apenas do espectaculo da quéda? Fixai porém a vista nas fendas das pedras ; a agua parece manar em crystaes debaixo da grande massa que se precipita; os vapores mesmo têm muita diversidade conforme o raio de luz; no ruido sempre o mesmo do rio que se despenha ha mais de uma harmonia. Tereis assim as mais bellas e variadas impressões, onde esperaveis apenas encontrar a monotonia. O mesmo dá-se com um grande poema.

Quando se o lê á primeira, vez parece que se comtempla um céo estrellado em noite de verão; sente-se espalhado por todo elle um ar de magestade e de grandeza, que nos faz dizer—ahi está o genio. Temos a vertigem do infinito. Lendo-o porem outra vez, apoderamo-nos do plano do poeta, seguimos a marcha. do seu genio, descobrimos as leis da attracção e da mechanica poetica. E' como se nesse céo, de que a principio nos deslumbrava a extensão sem limites, descobrissemos a lei de seu movimento e de suas relações, e penetrassemos o segredo de Deus. Se depois baixamos os olhos d'esse *firmamento* que nos fascina,

e começamos a examinar o solo, quanta fonte encoberta ao lado do caminho! quanta delicadeza de côres! que vida em todos os entes! quantas flores a nossos pés! e, ao deixarmos esse torrão ornado de tantos primores, enganamo-nos acreditando têl-os exhaurido. Cada vez que lá voltarmos seremos sorprendidos por novos prodigios: é um mundo, onde cada dia se vê mais um encanto que se ama ainda mais quando se o descobre com trabalho, assim como essas fontes escondidas, em cuja agua o viajante bebe com mais amor, quando elle proprio a encontrou ainda virgem na solidão da matta.

E' á mocidade que se deve dar a ler esse livro tão elevado e tão puro. Em suas paginas aprenderá ella a amar a gloria, em cada estancia terá um novo incentivo, e durante muitos annos lhe acudirá sempre á memoria um oraculo de Socrates escripto na linguagem divina do poeta, ou um feito de Vasco da Gama e de Egas Moniz immortalisado por um outro Homero.

A mocidade deve ler o poema, sobretudo porque, como dizia Horacio recommendando a leitura da *Iliada*, „ a mocidade é como a amphora, que exhala por muito tempo o aroma do primeiro vinho que conteve " (1).

E' preciso recomeçarmos com o divino Camões, porque hoje, é triste dizêl-o, os *Lusiadas* são um livro pouco lido e pouco conhecido.

Uma outra litteratura tomou o lugar da forte

---

(1) Trad. Jules Janin.

poesia epica. Já não se falla ao coração nem ao espirito, falla-se ao systema nervoso, á sensibilidade doentia das mulheres hystericas e dos homens ociosos. Ler um canto opulento, rico, dos *Lusiadas*, ler o poema, direi melhor, parece á muitos uma coisa tão extraordinaria como levantar a pesada espada de nossos maiores e suas armas de combate.

Isso, porém, só falla contra nós. Ha tres seculos possue a litteratura portugueza um monumento como esse, e, em vez de estudal-o, de buscar nelle todos os prazeres que nos offerece, andamos á cata das borboletas que a França produz em uma estação para morrerem na outra. Assim mostramo-nos indignos da herança que o genio nos legou; e ainda somos felizes, porque basta-nos para voltarmos ao antigo vigor do coração e da intelligencia a leitura apaixonada dos *Lusiadas*.

Deve-o ler a mocidade. Disse alguem: „ uma grande vida é um sonho da mocidade realisado na idade madura; „ é preciso, pois, que o sonho seja bello, para que, se se realisar, fique para o paiz mais uma gloria. E em que livro tem-se tantos elementos para crear um ideal de vida, como nesse? Todos os sentimentos estão nelle insculpidos em versos eternos: o amor puro, a ambição desinteressada, o desejo de gloria, o sacrificio, o valor, o desprezo da morte, e o amor da patria sem limites, todos os grandes sentimentos animam como o fogo sagrado a alma dos heróes do poeta. Que melhor lição para os que entram na vida do que a que lhes manda deixarem no limiar todo o egoismo, e dedicarem-se sempre pela pessoa a quem amam, pela idéa e pela patria?

E' preciso que a datar do terceiro centenario do poema preste-se-lhe mais alguma homenagem, ou antes um respeito universal como o de que gozaram durante a antiguidade os poemas homericos.

Qualquer que seja o actual eclypse, o astro se desprenderá da sombra e tomará ainda algum dia sua posição no horisonte. Não é só, porém, o poeta que se deve conhecer, é tambem o homem.

Camões, e isso ver-se-ha melhor ao ler as presentes notas, é a expressão genuina de seu paiz. Pessoalmente bom, amavel, dedicado, cheio de desinteresse, heroico, elle toma com suas desgraças um grande vulto e proporções lendarias. Cabe-lhe a missão de cantar a gloria portugueza na vespera de Alcacer, e a ventura de não sobreviver á patria! naufrago nas aguas do Mékong, o que trata de salvar das ondas é seu livro, e com elle a epopéa da navegação! Infeliz e pobre, mendiga depois de ter dotado o paiz com o maior monumento que elle possue!

De todos esses accidentes e esses infortunios formou-se a legenda do poeta. Respeitarei tanto quanto fôr possivel a figura historica e a tradição popular. Um Camões pobre, proscripto, mendigando nas pontesde Lisboa pela mão de uma escrava, seria um remorso para a geração de 1570; para a de hoje, porém, é um exemplo vivo que a fará honrar o genio infeliz. Não toucarei assim nas roupas de marmore em que a posteridade envolveu a estatua do poeta, nem tratarei de quebrar o prestigio seductor de suas desgraças. A tradição é a historia. Seria uma profanação mentir a ambas, só para seguir os passos de uma opinião que quer destruir todos os cultos da humanidade, decompôr

as lendas, mostrar os lados pequenos dos grandes homens. Como se um mytho não fosse a resultante de um longo trabalho de idealisação! e como se a humanidade não tivesse querido, formando-os, crear modelos inalteraveis para progresso de todos!

Este livro não tem valor, como disse antes, senão como notas de minhas impressões, e esse valor é tambem pessoal. Tratei de deixar de lado o estudo bibliogphico, cuidadosamente feito pelo Sr. I. F. da Silva; o estudo litterario, fil-o unicamente com os *Lusiadas*, desconhecendo quasi tudo que sobre elles se tem publicado; é, como se vê, um livro escripto com minhas proprias impressões.

Como um mergulhador, que, no fundo do oceano, não precisa de ler o que sobre elle se escreveu para sentir-se deslumbrado por tantas riquezas e por tão novos quadros, assim não pensei que me fosse necessario o soccorro de outros para sentir e comprehender as innumeras bellezas do poema de Camões. Exprimir o que senti foi-me possivel, porque não precisei de fallar a linguagem do poeta.

Escolhendo os *Lusiadas* para objecto de meus estudos, acredito que tomei um assumpto nacional. Os *Lusiadas* são a obra prima da litteratura portugueza, que é a nossa.

Varios ensaios, e alguns de grande merecimento, fizeram-se entre nós com o intuito de dar-nos uma litteratura propria, mas ella ainda não existe. De duas sortes foram os trabalhos, que se conhecem, feitos com essa intenção. De uns o assumpto era a vida de nossos indigenas, de outros era o estado actual de nossa sociedade.

Uma litteratura, inspirada pela vida errante das tribus primitivas, que se servisse amplamente de seu rude vocabulario, que não nos descrevesse senão os seus costumes, seria bem uma litteratura tupy ou guarany, mas não a brazileira. A poesia póde idealisar o caracter, o coração, as guerras, a civilisação até d'esses ferozes habitantes de nossos sertões; mas a poesia, que se impuzer essa aliás bella missão, será uma poesia phantastica, sem direito a ser nacional.

A sociedade brazileira, da qual a litteratura deve ser a expressão, é exactamente aquella que substituiu no gozo d'este paiz os seus habitantes primitivos. Tornarmo-nos nós os cantores d'essa vida, que só tem poesia para aquelle que não acceita plenamente a theoria do progresso moral, é, já não digo, levantarmo-nos contra nossa propria existencia n'este lado do Atlantico, mas, sermos os poetas de uma raça que não é a nossa. Póde isentar-se o poeta de qualquer servidão de sentimento, mesmo da do patriotismo, mas não póde querer ser o poeta natural de uma sociedade, que elle nega radicalmente. A vida do Brazil começou em 1500; antes existia o seu solo, mas com outro nome e povoado por outra raça. O dominio d'essa desappareceu, barbaramente perseguido, é certo, e refugiou-se no interior ainda virgem do paiz. Nada ficou sobre o sólo attestando a antiga existencia das tribus primitivas; nenhuma forma de sociedade estavel havia entre ellas, emquanto no Perú os Incas tinham o seu throno firmado no coração de uma raça, cujos monumentos e construcções maravilharam os conquistadores.

Aquelle que contasse da vida errante, que po-

voasse o deserto de illusões, que puzesse no coração de nosso indio os sentimentos mais ternos do seu, que fizesse-o muitas vezes echo de suas proprias dores, que lhe désse a eloquencia de um tribuno e a imaginação de um poeta, esse poderia fazer uma obra admiravel phantasia; faria mesmo uma obaa da mais verdadeira e ideal poesia, O *Uruguay* dá nos testemunho d'isso; mas o poeta, por maior que fosse o seu denio não faria um poema nacional. „ A litterratura, phrase de um dos mais profundos espiritos da Restauração, de Royer-Collard, é a expressão accidental da sociedade ", e o que tem a sociedade brazileira com as tribus indigenas?

Gonçalves Dias, por exemplo, nos seus *Cantos* comprehendeu bem isso; eis porque parece-nos ter tão pouca razão o Sr. Alexandre Herculano em chamar ás *Poesias Americanas* — a verdadeira poesia nacional do Brazil —, quanta teve elle em lamentar que ellas não occupassem maior espaço no volume (1). Gonçalves Dias é um dos poetas que mais tiveram o sentimento americano; mas suas poesias indigenas seriam menos facilmente da poesia tupy do que seriam do cancioneiro hespanhol suas sextilhas de *Fr. Antão*. A côr local não constitue a originalidade de uma litteratura. Se a côr local bastasse para isso, Gonçalves Dias seria andaluz do tempo dos sarracenos, Byron seria veneziano ou grego e Shakspeare seria ao mesmo tempo bretão, romano e moiro.

---

(1) Esses mesmos pensamentos aqui mais desenvolvidos encontram-se em um artigo meu—a Poesia no Pacifico—impresso na *Reforma*.

Ha alguma cousa mais que realisar para uma litteratura ser nacional, é expressar o estado da sociedade, que n'ella se reflecte. Comprehenderam isso homens de talento como os que haviam tentado nacionalisar no Brazil a poesia guarany, ou para melhor dizer, a poesia que intenta ser guarany, porque os poetas, que pintam-nos esses povos, dão-lhes sentimentos que elles não reconheceriam, e ideias de uma civilisação á que nunca chegaram. Mas os pintores de nossa sociedade foram tão infelizes como os da vida selvagem. No Brazil não ha por ora originalidade alguma, nem de artes, nem de construcção, nem de costumes, nem de vida. Ha duas coisas, porém, que fazem parecer tudo isso novo e original: a primeira, digamol-o em nossa honra, é a natureza; a segunda, digamol-o para nossa vergonha, é a escravidão.

Ora acontece que ha sempre nas obras dos escriptores, que querem ser nacionaes, traços, reflexos, signaes d'essa deploravel instituição. O que constitue nos seus livros a particularidade de nossas scenas familiares, de nossa vida campestre, são os quadros do captiveiro humano.

Assim a nossa vida é a mesma dos outros paizes, com a differença que entre nós ha a escravidão de mais. E' isso que forma a originalidade brazileira. E' certo que alguns de nossos escriptores pintaram a escravidão de modo á fazel-a odiar; ao lado d'esses, porém, cujas obras pertencem mais á polemica do que ao romance ou á poesia, ha muitos, quasi todos, que confundem insensivelmente os dois estados, e que, quando querem dar a côr local do paiz á suas obras, trazem uma lembrança do captiveiro, sem indagarem se

isso não é um stigma, que elles imprimem, em vez de uma honra que fazem, á seu paiz. Este systema que não pecca por falta de relação com a sociedade, brazileira, pecca por falta de ideal, sem o qual não existem nem letras nem artes. E' elle, na verdade, a exacta pintura da sociedade de hoje, mas por isso mesmo é destinado á perecer com esta.

O presente no Brazil é uma épocha de transição. Os quadros. em que ella vê hoje sua imagem, hão de parecer ás gerações posteriores o monumento de tempos, em que o trabalho ainda era servil e em que uma raça florescia, emquanto morria a outra. Em honra de seus maiores, ellas hão de apagar da historia essas lembranças.

Assim os diversos ensaios feitos com intuito de dar-nos uma litteratura patria, foram todos estereis: uns, porque produziram uma litteratura, que sem ter relação alguma com a raça, as tradições e a historia do paiz, não podia ser a litteratura brazileira ; outros, porque traçaram as raias de nossa nacionalidade moral com a escravidão, condemnada á desapparecer. Isso prova que não está no poder de um homem, nem de um grupo, mudar a natureza das coisas, e que as litteraturas formam-se lentamente, como a lingua, a religião e a sociedade.

Não duvido que venhamos á ter uma abundante litteratura patria,mas para isso é preciso,primeiro, que a alma beba amplamente inspirações na nossa natureza e, depois, que a sociedade chegue pela liberdade á tomar sua fórma definitiva. Emquanto taes resultados não se produzirem, os *Lusiadas*, como obra prima de nossa lingua, serão a obra prima de nossa litteratura.

Tenho ainda que responder á um preconceito e á um erro.

O preconceito é dizer-se que devemos tornar-nos independentes de Portugal, litteraria, como nos tornámos politicamente. Basta enuncial-o para ver-se que ahi ha uma confusão do dominio da força com o da intelligencia. O erro é suppor-se que o Sr. Domingos Gonçalves de Magalhães operou essa obra da nacionalisação das letras patrias. Não quero fallar dos vivos, mesmo para tirar a este livro todo de impressões pessoaes, o caracter de um livro de controversia; é preciso, porém, que eu exprima meu pensamento inteiro á esse respeito. Acredito que na orbita litteraria do Sr. Magalhães só entraram alguns escriptores, cujas obras já estão esquecidas. Esse facto explica-se naturalmente, porque falta côr, movimento, harmonia, communicação, vida e rima á poesia do Sr. Magalhães. Sem eloquencia e sem paixão, não se póde fazer proselytismo em artes, como não se faz em politica.

Poderia fallar dos outros que com mais qualidades quizeram realisar o mesmo intento do illustre poeta do—*Waterloo*—, mas este livro não deve logo no prefacio suscitar paixões.

A critica, como deve ser feita, ainda é suspeita á muitos. Habituados, como estão todos, á ouvir fallar do seu talento á proposito de cada obra sua, extranhariam talvez que, deixando de parte o talento e o estylo, eu julgasse só a obra, suas condições de vida e sua influencia litteraria.

Escolhendo pois os *Lusiadas*, acredito que não sahi do terreno da litteratura nacional.

Escripto como está, vai este livro desagradar á

muitos; a alguns, porém, elle parecerá a expressão do sentimento do autor. Os que o conhecem verão que essa critica, por assim dizer individual, foi feita com sinceridade, e que á cada passo sua alma estava realmente impressionada pela emoção que descreve. O raio de luz que atravessa a agua chega do outro lado tão puro, tão perfeito e tão brilhante: possa atravez d'este livro resplandecer sempre o genio do poeta!

Se publico estas notas escriptas no espaço de quatro mezes, e não as guardo cuidadosamente longos annos, é porque quero dar sempre e sinceramente os fructos de minha idade. Estas impressões são de uma mocidade verde ainda; publicadas segundo o preceito do mestre do gosto e da arte, que nunca elogio á contento (1), não pareceriam ellas a producção affectada de uma idade que queria ter apparencias de outra mais nova, em que as emoções são mais vivas? Quantas pessoas não julgão ser impossivel guardar-se sempre a mesma frescura de impressões e de sentimentos? quantas não acreditam que o enthusiasmo, o amor, a generosidade, a confiança, a fé, a illusão, são plantas que dão todos os seus perfumes na madrugada, e que depois enregelam-se e murcham por um vento frio e secco, chamado experiencia?

Ha outra razão, porém, para publicar meu livro este anno.

Em 1859, em 1864 e em 1865, a Allemanha, a Inglaterra e a Italia celebrarão com festas nacio-

(1) Horacio, Epist. II.

naes os centenarios de Schiller, de Shakspeare e de Dante.

Publicando hoje estas notas, não faço mais do que fizeram os homens de coração d'esses tres paizes, quando, deixando os campos, vinham ás cidades cobrir de flores as estatuas dos poetas.

Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente á Luiz de Camões no terceiro centenario de seu poema.

10 de Abril de 1872.

LIVRO PRIMEIRO

Camões antes dos Lusiadas

CAPITULO I

MOCIDADE DE CAMÕES

Camões nasceu no anno de 1524; é pois elle filho do seculo XVI.

Nenhum seculo deixou na historia uma impressão mais duravel, do que esse. E' elle, por assim dizermos, o mais cheio de acontecimentos inesperados e de um alcance, que se não póde bem limitar. Foi durante elle que o espirito humano adquiriu a liberdade de pensar, e que a intelligencia chegou ousadamente ás consequencias de seus principios.

Antes d'esse seculo a idade media domina a Europa. Apezar de ter sido destruido o prestigio das cruzadas pelo imperio ottomano, apezar de terem já os papas perdido a influencia secular que exerceram sobre os reis, o dominio do pensamento estava ainda vinculado á Roma.

Quaesquer que fossem os direitos do vigario de Christo sobre os homens de sua fé, seus direitos

sobre o desenvolvimento do espirito humano erão nenhuns. Elle podia então, como hoje, definir os dogmas e as tradições, mas não podia impedir o curso da sciencia. A razão devia ter dezeseis seculos depois de Christo ao menos a liberdade com que outr'ora florescera em Athenas, Roma e Alexandria.

A Reforma, da qual Augsburgo foi a solemne iniciação, apparece na historia, posta de lado a questão religiosa de que esta não se preoccupa, como um grande passo da humanidade, um passo decisivo. Deficiente, contradictoria, anarchica, e até inconsciente como systema religioso, ella produziu sem o saber o resultado de romper a pesada atmosphera, que asphyxiava a intelligencia dos povos. Depois d'ella a razão expandiu-se livremente, e o espirito humano, na inteira posse de si mesmo, seguiu o seu destino, em um progresso de liberdade incessante.

O que, porém, dá ao seculo XVI um caracter especial, é a longa lucta que a iniciativa do monge allemão teve de sustentar com a Europa. Limitado no principio ás fronteiras de um pequeno estado, augmentando depois com a affluencia de todos os espiritos que careciam de desenvolver-se, o movimento reformador poude afinal sahir victorioso da lucta, porque para elle a victoria consistia em ganhar o direito de viver. A energia, que de parte á parte foi necessaria, de uma para conter a revolução geral do espirito humano, de outra para vencer os exercitos das grandes potencias com a força tão sómente de uma idéa, dá a historia d'essa época o movimento e o interesse de um drama.

Foi ainda nos principios da contenda, quando o partido da insurreição (1) não podia sahir á campo, que o poeta portuguez viu a luz do dia. Outros acontecimentos porém deviam cercar o seu berço, e para que bem se avalie em que scenario e entre que factos começou elle a vida, vamos pintar o estado da Europa e o de Portugal no primeiro quartel do seculo XVI.

Raras vezes tantos e tão diversos acontecimentos succederam-se com a mesma rapidez em um tão curto periodo. São vinte e cinco annos como outros não ha talvez na historia, se exceptuarmos os que correm de 1789 á 1815.

E' realmente uma era de energia, de grandes commettimentos, de actividade e de trabalho, que se parece de alguma sorte com os periodos de formação; é a genesis do principio de liberdade.

Para começarmos pelo poder, que era a fonte de toda a autoridade espiritual, e que, apezar de enfraquecido como potencia secular, tinha ainda a dictadura das almas, o Papado vê successivamente tres pontifices occuparem a thiara.

Seus nomes dizem tudo: Alexandre VI, Julio II, Leão X.

O reinado de Alexandre VI é o governode Cezar Borgia: o dominio do incesto, do punhal e do veneno. Lucrecia liga o nome ás tradições do pontificado, emquanto seu pai envenena-se com o vinho que destinára á um amigo.

---

(1) Guizot disse: A Reforma foi uma *insurreição* do espirito humano contra o poder absoluto na ordem espiritual.

Julio II é de outra tempera; é elle um velho de setenta annos, mas de alma joven e de coração ardente ; com sua idade, ainda é o primeiro a entrar pela brecha em uma praça sitiada, imitando a intrepidez dos vinte e dois annos de Gaston de Foix. Ao passo que manda levantar a basilica de S. Pedro por Bramante, toma elle a espada para expellir os francezes da Italia. Julio II é uma figura ainda indecifravel, mas quão longe está esse papa artista, italiano e soldado de um Borgia!

Leão X, um Medicis, é seu herdeiro. Leão X é o reinado da arte. O papado esquecia as velhas disputas escholasticas para lançar-se á antiguidade pagã.

Roma tornou-se uma outra Florença.

Era no reinado d'esse papa que devia rebentar a reforma de Luthero; em 1820 queima elle a bulla qne o excommunga. Antes, porém, que as guerras religiosas tenham lugar, a scena da Europa é occupada com a rivalidade de Carlos V e de Francisco I. Essa lucta longa, travada em diversos theatros, complicada sempre de novos accidentes, é a primeira guerra de supremacia que vê a Europa moderna; no anno, porém, do nascimento do poeta, a victoria da casa d'Austria estava imminente. Era a vespera da batalha de Pavia.

No começo do seculo o espirito emprehendedor da navegação fôra descobrindo o mundo. Cabral tinha dado o Brazil á seu paiz, Magalhães tinha feito a primeira viagem á roda da terra, e Vespucio ligado o nome á America, emquanto um anno antes Colombo voltava á Hespanha carregado de ferros. A maior actividade reina em todos os paizes. A conquista do Mexico exige um Cortez; as artes

chegão ao seu apogeu, e em toda a parte a monarchia é temperada por um novo ideal, ao passo que se torna absoluta por direito. E' a formação da Europa moderna.

A inquisição queima ainda em nome de Christo, mas nos paizes cultos a inquisição não penetra; para esses vão apparecer os jesuitas. E' o prefacio das grandes luctas religiosas. Dentro de pouco a França será o theatro da mais sangrenta guerra civil; os estados protestantes far-se-hão acceitar pela guerra dos trinta annos; e uma nova sociedade formar-se-ha na Europa, sobre as ruinas da idade media, da inquisição, da theocracia. Para essa será a revolução ingleza de 1688 e a franceza de 1789: então acabará o feudalismo.

Difficil por certo é dizer qual o caracter, que tem todos esses tão diversos acontecimentos; o que dizemos, porém, é que elles denunciam em toda a parte a energia do despertar, e que a mostram em todos os paizes, nos paizes do norte, que se organisam como a Russia, que se refazem como a Polonia, que se libertam como a Suecia, que chegam á ter conhecimento de sua força, como a Inglaterra, e nos paizes centraes e meridionaes da Europa

O descobrimento de novos mundos, o renascimento da antiga civilisação, abriram ao pensamento horisontes mais largos. Para voar a elles era preciso ter as azas soltas, e a cadeia religiosa era muito pesada; ella não prendia só a fé, prendia a razão e mesmo o sentimento, a sciencia e a arte.

O caracter pois d'esses primeiros vinte e cinco annos é uma actividade, que se atirava á todos os commettimentos, que percorria todos os mares,

que sentia necessidade de expandir-se e de executar. O que elles, porém, produziram, como grande resultado de toda essa energia de coração, foi a liberdade do pensamento.

Tal era o estado da Europa.

Em Portugal reinava por esse tempo D. João III. Havia tres annos que elle era rei. O reinado de D. João III é a transição da gloria para o captiveiro. Fraco, preoccupado de interesses espirituaes, obedecendo á Castella, elle não guardou a herança de D. Manoel, e quando morreu passou a seu neto um paiz embrutecido pelo fanatismo e gasto pela indolencia. No entanto era bem grande essa monarchia portugueza quando elle subio ao throno. As praças de Africa estavam intactas: Gué, Cafim, Azamor, Mazagão, Ceuta, Alcacer, Tanger e Arzila viam tremular a bandeira de D. Affonso V. O Brazil pertencia á corôa, e no seu solo fertil e encantado podia levantar-se um imperio. Cabo Verde, os reinos de Congo, as ilhas, que a coragem dos descobridores e a intuição do infante D. Henrique tinha enfeudado á monarchia, eram na costa occidental da Africa possessões portuguezas, emquanto na oriental o eram tambem Sofala e Moçambique. A India, onde ainda soava a fama do grande Albuquerque, recebia como governador Vasco da Gama. Malaca, Ormuz, Gôa, Calecut, e tantas outras praças, espalhadas da Persia ao mar da Sonda, attestavam que Portugal no começo do decimo sexto seculo tomava posse das terras que descobrira. Compare-se com todos esses paizes, de uma area indefinida então, o pequeno reino europeu, encravado na grande monarchia de Carlos V. Era Portugal, na expressão do

annalista desse reinado, de Fr. Luiz de Souza, „ um ponto indivisivel comparado com tamanha circumferencia. “ (1)

Quem póde bem collocar-se no meio das coisas e dos homens de um outro tempo, avalia de que perseverança e de que genio não precisava o rei de uma semelhante monarchia, para guardar a unidade d'ella. Era-lhe preciso um espirito de conciliação, de concordia e de tolerancia superior ao de seu paiz, para em toda a parte operar a fusão das raças novas e da raça dominante. No Brazil, por exemplo, que fineza de politica não era necessaria para realisar a sujeição das hordas innumeras que o habitavam, para doutrinal-as, e fundar com esses elementos naturaes o dominio portuguez! Em vez, porém, desse espirito organisador e conservador, o rei tinha o opposto. Não devia elle ligar, devia desunir; mesmo no seio de seu pequeno paiz natal ia introduzir a mais funesta das divisões e traçar com as fogueiras do *auto da fé* as fronteiras das crenças.

Emquanto deixava na India converter-se a obra da assimilação colonial em outra de lucros pessoaes, e apparecer a primeira fórma do trafico dos escravos; emquanto não fazia por sustentar as praças de Africa e deixava-as entregues ao heroismo dos soldados que nellas havia desterrados; D. João III inaugurava, por assim dizer, seu reinado, franqueando á inquisição o solo e as almas portu-

(1) Annaes de D. João III, publicados por A. Herculano, p. 30.

guezas. Era, como se vê, o movimento contrario áquelle que agitava o norte da Europa. Se na Allemanha, na França, em todos os paizes septentrionaes, precisava-se de liberdade, em Portugal e na Hespanha o Santo Officio prendia pelo medo do fogo as consciencias já presas pelo medo do inferno. Na pequena familia lusitana nascia, pois, um novo schisma, e o espirito de intolerancia que devia exterminar as populações indigenas do Brazil, escravisar os negros da Africa, e explorar a ferro e fogo as riquezas do Indostão.

Nasceu o poeta no começo desse infeliz reinado, muito inferior á missão que lhe coube, e que devia provocar, em um seculo heroico como o seculo XVI, uma reacção que seria a morte do paiz;—tal foi a expedição de Africa. No mesmo anno morria na India Vasco da Gama. A sorte approximava o berço do cantor do tumulo do heróe. Portugal ao declinar via nascer aquelle que daria á sua gloria um echo incessante.

Não se póde com segurança dizer em que parte de Portugal nasceu Camões. Coimbra, Alemquer, Santarem e Lisboa disputam, como outr'ora as cidades gregas, a honra de ter dado o berço ao maior poeta nacional. Ainda que os biographos modernos declarem-se por Lisboa, o caso é para nós duvidoso. Alemquer (1) allega que nos seus arredores ha uma quinta á qual tradição antiquissima deu o nome de Quinta de Camões; que um avô deste residio e foi alcaide da villa; que sem-

(1) Visc de Jurom, Tomo I pag. 9.

pre que della falla Camões, é como alguem que lá viveu e que a pinta com suas reminiscencias. Nos *Lusiadas*, fallando das cidades que se juntaram ao dominio de Affonso Henriques, diz o poeta:

> . . . . . Alemquer, por onde soa
> O tom das frescas aguas entre as pedras,
> Que murmurando lava.

O soneto C, mal interpretado pelos que querem ver nelle a biographia de Camões, merece todavia alguma attenção. Esse moço infeliz, victima aos vinte annos de uma enfermidade, que o roubou á vida, no alto mar, devia ter sido um companheiro de infancia do poeta. Ao descrever-lhe a patria, o poeta falla de Alemquer como alguem que se lembra com saudade de seus sitios poeticos e de sua rica vegetação.

> « Criou-me Portugal na verde e chara
> « Patria minha Alemquer ; »

Esse nome de „patria" dado a um pequeno recanto do paiz é realmente uma delicadeza de coração, que só conhecem os homens nascidos longe dacôrte. Os filhos de Lisboa não comprehenderiam que se chamasse assim uma aldeia ou villa da Estremadura. São os que nascem nesses lugares distantes, cujos costumes, habitos de linguagem e côr local são nas côrtes objectos de mofa, os que sentem necessidade de dar ao pequeno torrão onde nasceram e passaram a infancia o nome de patria.

Santarem allega que a mãi de Camões tinha lá nascido e lá vivera, e que o poeta vio a luz do dia em seu solo, no meio da familia materna ; é a tra-

dição recolhida por muitas gerações que dá-lhe o direito de querer ser o berço do poeta.

Coimbra allega qne o pai Camões residio nella por muito tempo, dentro do qual está o anno do nascimento do poeta; allega mais que em 1607, dedicando as rimas á sua Universidade, Domingos Fernandes o affirmava.

Resta Lisboa, e esta com mais titulos talvez. Manoel Corrêa assegura que Camões nasceu em Lisboa, e Manoel Corrêa foi amigo do poeta; mas esse diz tambem que elle nasceu em 1517. A opinião de que elle foi oriundo de Lisboa, ainda que provavel, não passa de uma conjectura, e assim ficamos sem dizer onde nasceu o poeta. Poeta eminentemente nacional, quiz o acaso que, perdida a lembrança de seu nascimento, podesse o paiz reclamar a gloria de ter sido o seu berço. Pertencendo menos á Lisboa, á Santarem, á Alemquer, á Coimbra, elle pertence mais á Portugal.

Era a familia de Camões antiquissima em Hespanha, de onde se havia passado a Portugal, com Vasco Pires Camões; desse nasceu João Vaz, e deste Antão Vaz, avô do poeta. Antão Vaz, casado com Guiomar da Gama, teve Simão Vaz de Camões, pai do poeta, que desposou-se com Anna de Sá e Macedo, de Santarem.

Nenhum documento nos resta sobre a infancia de Luiz de Camões, e quasi nenhum sobre sua mocidade. Parece, porém, que frequentou as aulas da universidade de Coimbra, onde residio seu pai. Até os vinte annos de idade levou elle aformar sua intelligencia, a enchêl-a com esses thesoiros de sciencia, que deviam ornar o seu poema. Sahindo de Coimbra, veio para Lisboa. Teve

Camões um desenvolvimento muito precoce. Um soneto attribuido aos seus onze annos é uma maravilha para a idade.

A litteratura portugueza tinha atravessado por esse tempo sua idade de ouro. Em toda a parte o renascimento das lettras e das artes tinha produzido bons fructos. Portugal não havia ficado áquem do movimento.

O theatro havia-se constituido com Gil Vicente, cuja simplicidade tosca mal deixa perceber a grande influencia que teve sobre a litteratura patria.

Ao lado do theatro florescia o romance. Além desse *Amadis de Gaula*, que corria a Europa vertido em todas as linguas, Bernardim Ribeiro tinha já escripto a sua *Menina e Moça*, que mais tarde devia ver a luz. Bernardim Ribeiro é uma alma poetica e sensivel, como muitas não conta uma litteratura. Toda a vida passou-a elle a cantar, a soffrer e a amar. Sua lyra tem já em seu seculo uma doçura inimitavel, que tanto tempo depois devia ainda ser o modelo de Garrett. Alma de trovador, dir-se-hia que era um desses bardos peregrinos, cuja missão sobre a terra fôra a mesma dos passaros que vivem cantando, ou dos insectos doirados que moram nas flores. O coração dessa raça feliz, de que no seculo XIX restam poucos descendentes, não tinha outro destino senão colher a poesia de todas as coisas e fazer della o seu mel. Almas leves, poisavam acima de todas as dores nas azas da esperança, como a borboleta que se eleva sempre acima da mão que a quer prender.

Esses bardos, que cantavam o amor e Deus, e erão sagrados em toda a parte; que dormiam uma noite á sombra das cathedraes gothicas e em

outra nos castellos feudaes; que amavam a vida, como ella se mostrava, e que morriam um dia com a harpa ao lado, cantando a ultima serenata n'um campo de batalha, como o *Ministrel* de Thomas Morus, são a tradição mais poetica, mais ideal, que a idade media nos deixou.

Era um d'elles Bernardim Ribeiro. Como disse o poeta de D. Branca „ foi elle o cantor da saudade. " Soffreu quanto póde soffrer uma alma sensivel; mas sua melancolia é doce, sua dôr é amavel; a tristeza do seu exilio e de seu pranto, quizeramos todos possuil-a. Amante de uma filha de D. Manoel, seguiu-a por toda a parte como sua sombra que era, e para a qual ella olhava com esse amor, com que as mulheres contemplam o seu reflexo.

Não houve em Portugal mais puro coração que o do poeta do Alemtejo; com elle devia conviver Luiz de Camões, as suas almas poderam comprehender-se. Se Bernardim Ribeiro tivesse sobrevivido ao cantor dos *Lusiadas*, a gloria d'este teria sido vingada mais cedo; mas elle devia só dar ao coração de seu joven amigo certos sentimentos, que fariam d'elle na poesia lyrica o seu unico herdeiro.

Outros talentos honraram n'esse tempo a poesia portugueza. Era o tempo em que Sá de Miranda estava na intimidade de D. João III. Sá de Miranda é um espirito culto, innovador e ousado para sua idade, mas não é um poeta. A poesia tem outra missão, o poeta tem outra alma; mais poeta que elle é Antonio Ferreira, é Caminha, e, ainda mais, esse Fernão Alvares d'Oriente, um precursor de Gonzaga.

Tal era o estado das letras, quando Camões, findos os seus estudos, veio á Lisboa. Acolhido na côrte, onde florescia n'esse tempo o gosto da poesia e do bello, e onde dominava o espirito do infante D. Luiz, não tardou Camões em ser objecto de geral acceitação. O infante D. Luiz, filho de D. Manoel, tornou-se celebre por seus amores com a Pelicana. Caracter generoso e ardente, lançara-se á guerra de Tunis com Carlos V, e ahiganhara merecidos louros. Filho de um rei, recusou todos os casamentos que se offereciam á sua elevada posição, e, se não desposou-se, viveu sempre com sua bella amante.

O fructo d'esses amores discretos e pudicos foi D. Antonio, prior do Crato, em cuja mão tremulou pela ultima vez a bandeira da independencia.

D. Luiz dava á côrte, no reinado sombrio, aspero e monotono de seu irmão, alegria e movimento.

Era em torno d'elle que se reuniam os nobres do reino. Em Portugal não havia, como na Italia, o costume de terem as côrtes os mais notaveis poetas junto a si. Quando á Camões foi dada essa tença de 15$000 por seus serviços em Africa e por seu poema, a clausula—emquanto residir elle em minha côrte— deixou á posteridade como um enigma a intenção do rei. Seria ella um signal da avareza de D. Sebastião, ou antes a prova de que o rei prezava em tanto o genio do poeta que não queria vel-o distante de Lisboa?

Se, porém, D. Sebastião sentiu necessidade de prender á sua côrte o cantor dos *Lusiadas*, D. João III não teve em conta alguma o merecimento do poeta. E' certo que n'esse tempo elle

se estreava, e o poeta dos idyllios, e das *Rimas* não deixava ainda bem medir a elevação de seu genio; mas isso mesmo que elle compunha na mocidade era superior ao que seu tempo conhecia. Ainda na flôr dos annos era elle o primeiro poeta portuguez, e para exceder á todos não precisava dos *Lusiadas*

Os poucos annos que demorou-se Camões em Lisboa, antes de seu primeiro desterro, foram os mais bellos de sua vida; foram elles a florescencia da alma, o tempo dos sonhos e das illusões. O amor encheu todas as horas de seus dias; cantou elle o amor sob todas as formas, e sentiu-o com todos os extasis. O desterro, porém devia encerrar essa quadra. Com ella morreu no coração do poeta a confiança, depois d'ella sua vida não offerece mais uma epocha, em que o espirito poise sem dôr. Vejamos, pois, como passaram os poucos annos felizes da existencia de Camões: são elles a alvorada risonha de um dia escuro e de uma noite tempestuosa.

CAPITULO II

OS AMORES DE CAMÕES

A posteridade cria lendas da vida dos grandes poetas; dos infortunios, que soffreram, faz ella uma aureola, e prende ao d'elles para sempre o nome da mulher, que amaram.

Essas mulheres celebres, que acompanham os poetas deante da posteridade, representam um brilhante papel; os destinos dos dois amantes andaram tão ligados, que quasi sempre se póde attribuir a inspiração ao amor. As causas exteriores, os accidentes, exercem na natureza uma tão incontestavel influencia, que se não sabe o que teria produzido o mais elevado de todos os genios se não nascesse no berço que teve, se não tivesse conhecido as alegrias, as tristezas e até as miserias por que passou na vida. Ora o amor é a mais forte das causas exteriores, e a maior influencia que se conhece no mundo, é a da mulher.

Por isso não se póde desprender na morte o

que foi unido em vida; essas duas vontades, uma das quaes dominava a outra que produzia, tem uma parte determinada na obra commum; não se póde, olhando a solidão do passado, dizer tudo que aprendeu um grande poeta no coração da mulher que amou; o que se póde dizer, é que ella perfumou sua existencia, que desenvolveu, porque nobres paixões desenvolvem o genio, sua faculdade creadora, que dominou seu destino. E' por isso que na memoria da posteridade Tasso e Eleonora, Dante e Beatriz, Petrarca e Laura, Ossian e Malvina, Camões e Catharina, apresentam-se no mesmo momento; uma faz parte da fama do outro. Não se póde prestar maior homenagem aos grandes poetas que repartir por aquellas, que foram a origem de sua inspiração, os louros de sua gloria.

A eschola historica, porém, decompondo as lendas populares, e fazendo o inventario da memoria humana, chega não só a negar o amor de alguns dos grandes poetas, como sua existencia.

N'esse Homero, que tantos seculos a humanidade considerou o pai da poesia, não vê ella um homem, mas um grupo, como a astronomia que onde vemos uma unica estrella e um unico raio descobre uma pleiade e muitas scintillações.

Parece, porém, que a immortalidade que o poeta quiz dar á sua amada triumphará de todos os argumentos da critica.

O que tem querido provar os criticos? Que Camões nunca amou? Seria preciso não distinguir a linguagem da paixão da fria linguagem da imaginação. Que amou mais de uma mulher? Se começam por negar a existencia da primeira! Podem contestar, isso sim, que Natercia fosse D. Catharina

de Athaide ou D. Catharina de Almada; podem dizer mesmo que não se conhece a pessoa de quem Camões quiz perpetuar a belleza sob esse nome, que é um anagramma de Catharina. Mas em que esclarece essa questão, aliás delicada e respeitosa para a memoria do poeta, a de saber se Camões amou ou não amou? se o amor inspirou-lhe ou não parte d'essas melodias suaves que nos legou em suas *Rimas?*

Fosse quem fosse essa *Natercia cruel*, a posteridade tem um nome para ligar ao do poeta; que mais quer ella? seu culto prende-se á mulher adoravel que o poeta amou. Certamente a investigação historica prestar-nos-hia um grande serviço se nos dissesse á quem pertenceu esse nome, quem foi essa musa; na impossibilidade, porém, de descobril-o e de decidir-se por uma das conjecturas existentes, póde-se duvidar de que fosse Natercia uma das pessoas de quem fallam os contemporaneos, mas nunca de que uma mulher existisse, adorada pelo cantor e ao qual elle deu a immortalidade que terão seus versos. Natercia, tal é o nome sob o qual conhecemos a amante do poeta; não queremos outro. A immortalidade da gloria só é uma recompensa se existe a da alma, e a alma daquella, que foi a inspiração do grande épico, recolherá o perfume de todo o incenso queimado ao nome, que elle lhe deu em seus cantos.

Parece, porém, que se póde dizer que Natercia foi D. Catharina de Athaide, e as razões dessa hypothese historica são para nós as produzidas por Faria e Souza. E' certo que o poeta amou uma pessoa altamente collocada; ora, D. Catharina de Athaide era dama do paço, circumstancia

que influiu e determinou o desterro do poeta da cidade de Lisboa.

Não queremos dizer que o poeta fosse desterrado como Ovidio, ao qual se compara. O poeta romano soffreu uma pena, e a natureza do lugar, para onde foi elle exilado, prova bem que se tratava de um verdadeiro castigo em proporção com a offensa; Camões, porém, foi apenas afastado da Lisboa, e é natural que interviesse nesse tempo a autoridade do conde da Castanheira para impedir o desenvolvimento do amor de D. Catharina, o qual só podia acabar em um casamento muito desigual para ella segundo os principios da antiga nobreza. Demais, essa senhora, a quem parece ter pertencido o nome de Natercia, seu anagramma, o que tambem é uma razão mui valiosa n'um tempo em que se tiravam elogios para a pessoa do seu proprio nome, morreu na flor da idade, e á ella deve referir-se immortal soneto XIX.

Os ditos do poeta e o testemunho do proprio biographo, reunidos aos argumentos acima apresentados, tornam provavel a opinião de que a mulher amada pelo poeta foi D. Catharina de Athaide.

Talvez entre os sonetos attribuidos a Luiz de Camões, assim como ha traducções italianas, haja sonetos alheios, e d'ahi provenha a idéa dos que affirmam que Camões amou muitas mulheres, e que foi apenas, como o chama o bispo de Vizeu „*um moço namorado.*“ Póde-se escrever sonetos a muitas pessoas, sem que se tenha verdadeiramente amado mais do que uma. N'um tempo sobretudo em que as letras erão tidas em tão boa acceitação pela fidalguia, um homem que possuisse

o genio de Camões seria obrigado muitas vezes a emprestar sua linguagem aos amantes da côrte. D'ahi talvez a origem dos sonetos que parecem não ser dirigidos á Natercia, sonetos restituidos ao espolio do poeta, quando Faria e Souza tratou de colleccionar as suas *Rimas*, pelos fidalgos que delles haviam se servido em sua mocidade. Quem lançará á conta de Bocage todas as paixões de que foi elle o echo?

E' impossivel, felizmente para nós, que essa critica de dissecção e de morte produza com o poeta portuguez todos os seus effeitos. Não se poderá negar áquelle que teve o privilegio do genio a faculdade de amar! nem se dirá que, não tendo encontrado na terra a creação de sua phantasia, levou uma vida incompleta e solitaria, e que todo esse poder de querer, de que foi dotado, só lhe servio de poder escrever um dia:

Em prisões baixas fui um tempo atado!

São curiosos os argumentos com que o bispo de Vizeu (1) rebate a opinião dos que sustentam o amor do poeta. Assignala elle a difficuldade de medir-se a paixão verdadeira por uma poetica, o habito de encarecerem os poetas suas paixões amorosas, *talvez creação de sua fantasia*, e a influencia da escola de Petrarca, seguida muito de perto pelo poeta portuguez; esses argumentos, porém, apresentados de passagem, não lhe mere-

(1) Memoria Historica e Critica acerca de Luiz de Comões e das suas obras.

cem demora, e elle annuncia os tres grandes motivos em que funda-se sua opinião.

„ Hum amor fino e subido, permitta-se-me o empregar aqui a linguagem dos iniciados em taes mysterios, qual se o pinta o cavalleresco, e Camões nos inculca o seu, deve ser essencialmente Platonico; de maneira que eu concordaria de bom grado com Faria e Souza, se elle nos explicasse Platonicamente só aquellas passagens em que o poeta exprime o amor exaltado; se não hé o mais proprio termo *requintado:* porém, como se póde reputar o verdadeiro amor de Camões esse fino, subido e Platonico por essencia, quando algumas pinturas bem pouca delicadas, em que o pintor parece trabalhar muito segundo a sua natural inclinação, estão fortemente arguindo, que dos seus extravios desta qualidade *mais foi*, como elle diz de outrem, *a culpa da Mai que a do menino?* e quando vemos que arrastado desta sua propensão, careceu da força necessaria para imitar o bom senso de Virgilio, que tanto se propõe seguir, e não teve em sua mão ser nos *Lusìadas* tão casto pintor como o poeta romano? Hum amor, em segundo lugar, na realidade tão impetuoso e violento, como o que indica a maior parte dos versos namorados de Camões, não se declara por conceitos tão agudos, com requebros tão ponderados, e por tão affectado estylo, como elle faz tantas vezes, ou para melhor dizer, como faz em todos esses lugares em que mais se pretende engrandecer. Ultimamente, o arrancar-se da margem do Tejo, e procurar as afastadas regiões da India, mal póde conciliar-se com tão ardente amor, se a sua dama ainda vivia; e se ella já não vivia, como quer Faria e Souza,

que credito devemos dar ás finezas e extremos ditos á primeira, se o vemos dizer depois finezas e extremos iguaes a outras? Hum bom Cavalleiro nem sequer soffria o pensamento de cortejar com a mesma finura a mais de huma Dulcinéa; e hé pouco menos que hum aforismo da filosophia e da experiencia, que as paixões de impeto desmarcado nunca, ou quasi nunca, se repetem. "

Os argumentos de D. Francisco Lobo nada absolutamente provam. O primeiro é, o que se póde chamar um argumento da inquisição. Admira-nos isso tanto menos quanto, folheando um pouco as suas obras, achamos algumas paginas escriptas para defender o Santo Officio, nas quaes se falla na *honra da inquisição*, e na pena que *requeria* a *perversidade* dos Brunos e dos Vaninis!

Devia ser quem tal escrevia cioso do estylo e da menor liberdade erotica em as obras do genio. Infelizmente, porém, para seu argumento, o bispo não citou um exemplo, senão á nota a *ilha dos Amores*. Dizer que Camões não amou D. Catharina de Athaide pela pintura um pouco lasciva que fez dessa ilha, é esquecer que quando essa descripção foi feita Natercia tinha morrido, havia annos. Na constancia mesma de seu amor, podia o poeta ter por um momento deixado as côres predilectas de sua palheta. Quem nega que o autor das *Tristes* fosse o mesmo do livro dos *Amores?* Não parece, porém, contra producente que D. Francisco Lobo ao mesmo tempo descubra em Camões um emulo de Petrarca, e lhe negue o ter amado platonicamente?

O que distinguiu Petrarca? O amor platonico. Esse melodioso cantor possuio o conhecimento de

toda a theoria do *Banquete;* o sentimento só revelou-lh'a. Póde-se duvidar disso com algum fundamento? Não é a theoria de Platão que Ugo Foscolo chama „ *la macchina della poesia del Petrarca?* „ Os pregadores dominicanos não chamavam Laura *l'amante spirituale de Messer Francisco Petrarca?* Como, pois, contesta o bispo Lobo o amor de Camões com dois fundamentos tão contrarios — porque elle seguiu os passos do poeta italiano e porque todo o amor subido deve ser platonico, e o de Camões não o foi? Amou elle como Petrarca, ou amou como Horacio? Eis a questão. Se seguio a escola do poeta italiano, seguio e pintou em seus versos o amor platonico; se foi um pintor lascivo do amor sensual, não seguio Petrarca. A contradicção dos motivos é flagrante.

Tem razão o bispo de Vizeu quando diz que Camões foi o emulo do cantor de Laura. Quem ler ao mesmo tempo as *Rimas* desses dois poetas verá quão largamente o poeta portuguez recorreu a seu predecessor.

O soneto XXXIV de Camões é a traducção (esta superior ao original) do soneto LXXVI de Petrarca. Basta comparar os dois para ver-se como o traductor deu uma novidade, um cunho seu, um ar de melancolia e de seriedade ao lindo soneto do primeiro artista da fórma poetica.

O soneto IX de Camões é a traducção do soneto XC de Petrarca, mas desta vez o soneto de Camões é mais petrarchiano ainda que o original, sendo inferior a elle pela mobilidade espirituosa do ultimo terceto, que no italiano tem toda a pausa e profundidade de uma grande dôr. Comparem os leitores os tercetos finaes:

Se me pergunta alguem porque assi ando,
Respondo que não sei: porem *suspeito*
Que só porque vos vi, *minha senhora.*

Pascomi di dolor; *piangendo rido*;
Egualmente mi spiace morte e vita.
In questo stato son, Donna, per voi.

Ainda o soneto CI de Camões é a traducção do soneto I de Petrarca.

Mesmo em um soneto, escripto verdadeiramente com lagrimas, o poeta portuguez recorda-se ao começar de seu emulo da Italia, e em sua dôr paga-lhe um voluntario tributo. E' esse o soneto XIX, de que já fallamos, e que começa assim:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,

o que nos lembra o começo de outro de Petrarca:

Quest'anima gentil che si diparte
Anzi tiempo chiamata all'altra vita.

Não fazemos um parallelo entre os dois genios; dizemos sómente que D. Francisco A. Lobo tinha razão quando dizia com todos os criticos seus predecessores — que Camões foi um emulo de Petrarca; se assim é, como diz que elle não amou platonicamente? Vamos porém mostrar que Camões foi um dos mais puros pintores do amor, que jámais existiram Toda a sua theoria era platonica. O pensamento do poeta italiano:

L'amante nel amato se transforme

é desenvolvido pelo poeta portuguez em um soneto —o X— que se póde achar um pouço confuso como peça literaria, mas que mostra claramente quão espiritualista, ou melhor quão idealista, era Camões.

Eis o soneto:

Transforma-se o amador na cousa amada
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se n'ella está minha alma transformada
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente póde descançar,
Pois com elle tal alma está liada

Mas esta linda e pura Semidéa
Que como o accidente em seu sujeito,
Assi com a alma minha se conforma;

Está no pensamento como idéa;
E o vivo, o puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a forma.

Qual é a sua theoria, pois? E' que pelo pensamento o homem apodera-se da mulher amada, sente-a em si, transforma-se nella; póde haver mais puro idealismo? a escola transcendental não vai mais longe. „ A pessoa amada conforma-se com a que ama como o sujeito com o accidente. " Ha mais elevada abstração no amor do que essa? e esse movimento de reversão exterior, do amor que busca sua fórma, como materia simples, não é digno de Platão? Com que direito, depois de tres seculos se nega ao mais casto dos poetas lyricos o poder de amar, quando elle mesmo (e os genios teem o direito de serem acreditados sob palavra,) escreve de si uma phrase como esta:

O vivo, o puro amor de que sou feito?

Era, sim, feita de amor toda aquella natureza, que as decepções e as desgraças nem um minuto quebraram antes de ter immortalisado os dois objectos que mais amou na terra, Catharina e a

patria. Não é, porém, só a sua theoria o que se deve ver, é a maneira porque d'ella fez uso em suas *Rimas*.

O que cita o bispo de Vizeu? A ilha dos amores. E' certo que ha alguns traços um pouco accentuados na descripção d'essa ilha, mas quando pintou-a Camões? Já o dissemos, desde muito Natercia estava morta.

Acredita elle que em Camões o amor foi effeito mais da sensualidade do que do coração, e cita, applicando-o ao poeta, um verso do Canto IX dos *Lusiadas*:

> Mas eu creio que d'esse amor indino
> E' mais culpa a da mãi que a do menino.

Não merecia o grande poeta essa cruel censura; os extravios d'essa natureza elle proprio os tinha qualificado de *amor indino*. Os que conhecem o valor de certas expressões de Camões sabem que elle manifestava todo seu horror á um objecto, chamando-o de *indino*. A morte de D. Ignez de Castro é *indina*.... e é bastante o termo para na forte linguagem dos *Lusiadas* estigmatisar a tragedia dos Paços de Coimbra.

Não era depois de ter inflingido tal qualificação ao amor sensual, que merecia o poeta ver condemnado por suas proprias palavras o puro amor que votara á Natercia. Como se em uma natureza superior como a dos grandes genios fosse de presumir que o sentimento não tivesse passado de instincto! e como se se podesse legar á posteridade os mais admiraveis modelos do amor sem nunca se o ter sentido!

Os outros argumentos de D. Francisco A. Lobo

são como o primeiro. Para provar que Camões nunca sentio o amor verdadeiro diz que este „ não „ se declara por conceitos tão agudos, com re- „ quebros tão ponderados, e por tão affectado es- „ tilo, como elle faz tantas vezes, ou para melhor „ dizer, como faz em todos esses lugares em que „ mais pretende engrandecer-se “, e cita para exemplo estes versos:

.....ali me inflamo
Nas lagrimas que choro ;
E de mi que vos amo
Em ver que soube amar-vos me namoro

da canção primeira.

A accusação é grave, e, não obstante vem sem prova. Dizer que é affectado o estilo de Camões quando pinta seu amor, é julgar mal dos estilos. Como discipulo de Petrarca, usou muito Camões da maneira de escrever do poeta italiano, e algumas vezes para ser espirituoso deixou de ser verdadeiro ; mas a originalidade era mais forte do que a arte, e muitas vezes Camões attingio em suas poesias lyricas á simplicidade do sentimento. Demais póde-se dizer que um poeta não amou verdadeira, apaixonadamente, porque escreveu com graça e pretenção ? A paixão não é uma vertigem; não é no momento das grandes impressões que se escreve; o amor por mais vivo que seja deixa em certas horas o espirito senhor de si mesmo ; é por isso que não se póde dizer que não ama ardentemente aquelle, que escrevendo á mulher amada observa rigorosamente a arte, e trata mesmo de bordar seu estilo, e de ornal-o por todas as formas. Os gritos de dor verdadeira encontram-se em Camões e em Petrarca. Quando á um e outro

falta a amante, achão elles na lyra cordas bastante plangentes para serem unisonas com sua dor; mas o amor feliz, esse que vive de esperanças e de doces recordações, tolera bem todos os estilos e o *espirito* póde viver com elle.

Quanto aos versos citados por D. Francisco A. Lobo, foram esses mal escolhidos.

Que dizem elles? „ As lagrimas inflamam o meu amor e sinto-me contente de mim porque vos amei. " Ha nada menos afastado do gongorismo, ainda que a oxpressão „ *me namoro* " não seja a a mais simples? Só com o fundamento d'esses versos contestou o bispo de Vizeu o amor de Camões, e com o d'elle o de Petrarca, o de Tasso, e até o de Dante, porque todos mais ou menos algumas vezes deixaram a mascula simplicidade de seu estilo para usarem do galanteio da côrte e serem agradaveis nos paços.

Quanto á dizer-se que se o poeta amasse Catharina não partiria para as Indias, é desconhecer que o patriotismo póde suffocar qualquer outro sentimento, sobretudo em um homem, como Camões, que é a mais alta expressão de seu paiz. Demais não podia elle saber que nada tinha que esperar de Catharina? a vida na sua terra, no estado precario de sua fortuna, não ser-lhe-hia uma humilhiação de todos os dias? os desenganos mesmos do amor, a perseguição do valido de D. João III, o desejo talvez de obter pelas armas um nome que ainda não davam as letras e de crear com o sangue um titulo para merecer a amante, todas estas circumstancias não teriam influido na determinação de sua viagem? Quem sabe mesmo se, agitado já pelo demonio de seu genio,

não tinha elle necessidade de sulcar os mares do Oriente e de ver o theatro da epopéa de que devia ser o cantor?

Se, porém, Caharina de Athaide, como o quer Faria e Souza, morreu antes de Camões partir para as Indias, nada prova que elle amasse depois outra mulher, com o amor que votou áquella.

Antes pelo contrario, desde logo sua vida obedeceu á poderosa attracção da gloria. N'esse coração, livre de qualquer jugo, só ficava o amor da patria, alimentado por uma profunda saudade. O amor puro é um orvalho que, quando desapparece, deixa fecundados todos os bons germens que ha no coração: aquelle que amou muito não póde mais na vida, quando morre o objecto amado, ter o culto das pessoas; tem só, mas como uma paixão, o culto das idéas; a patria que viveu sempre na alma do poeta, ao lado da imagem de Natercia, morta essa, occupou toda sua vida, e desde então o vemos viver por ella até expirar sobre o seu tumulo.

Que amor, porém, foi esse de Camões? Foi um amor infeliz ou correspondido?

Não sentiu elle na vida senão o pezar, e esse deve ser o maior de todos, de se vêr humilhado e desprezado por aquella á quem offerecia o seu genio e que ia tornar immortal? Ou viu elle partilhado seu amor e teve tambem dias de felicidade, cuja lembrança depois havia de tornar menos duro o preço de sua gloria?

E' no estudo do coração dos grandes homens que vemos que elles se parecem comnosco, e que somos todos de uma commum natureza. Quando

vemos os fructos de seu genio, perguntamo-nos á nós mesmos se os produziu uma intelligencia como a nossa; quando, porém, estudamos-lhes a vida, vemos que elles pertencem pelo sentimento á familia humana, á que parecem achar-se tão superiores.

O amor de Camões! o que sentio elle diante de sua Natercia? amou-a com a confiança da mocidade e com a intuição da gloria; pôz, no limiar da vida, o seu talento á sombra do amor de uma mulher, que era o seu Deos; acreditou que era ella quem lhe dava essa inspiração, de que devia ter desde moço contentamento e orgulho; emfim, poeta, fez d'ella sua musa, e amou-a, é tudo dizer quando se falla de Luiz de Camões, amou-a mais do que a patria. Essas *Rimas* deliciosas que elle nos deixou não trahem ainda o narrador da viagem de Gama, respiram só paixão. Se nenhuma desgraça tivesse-lhe atravessado a vida, e se elle fosse sempre o amante de Catharina de Athaide, não teriamos os *Lusiadas;* a gloria de Camões seria a mesma que a de Petrarca, todo o seu genio convertel-o-hia elle em um hymno de constante adoração á sua Laura. A morte, e antes o desterro, deram, porém, ao poeta toda a consciencia de seu valor e o sentimento do dever. No tumulo da mulher amada foi preciso partir essa lyra facil do trovador, e enterrar a grande affeição de sua vida; que outro assumpto digno restava á seu genio? Foi então que sentio-se elle obrigado a cumprir sua verdadeira missão: era essa immortalisar a patria. E' por isso que dizemos que primeiro o amor suffoca qualquer outro sentimento.

O que não sentiu Camões por Natercia? Que

doces queixas contra o rigor dos seus olhos, queixas que são sempre um acto de adoração, porque sua alma devorada pelo amor era como o incenso, que quando queima perfuma? !

> Que dareis co'hum favor que vós não dais,
> Quando com hum desprezo me dais vida?

E' sempre esse o estylo de seus versos, sempre um profundo respeito pela mulher amada; um tom de quem falla a Deus, com uma intimidade que não exclue a adoração sem limites. O soneto XXIV, que assim começa:

> Aquella triste e leda madrugada,
> Cheia toda de magoa e piedade,
> Em quanto houver no mundo saudade
> Quero que seja sempre celebrada.

não pinta bem ao vivo a natureza d'esse amor? Não é a madrugada de Mantua, em que Julietta aperta contra o seio Romeu, já seu, e vá-lhe ao primeiro raio matutino que penetra em seu leito o beijo longo da despedida, beijo que são muitos, e de que se guarda a impressão até a volta ou até a morte, como os dois infelizes amantes; é outra madrugada, *leda*, porque a dôr descobre em tudo que não toma luto por ella uma expressão de ironia, em que as lagrimas não correm juntas, mas correm ao mesmo tempo. O poeta ao partir não tem o echo para mandar seu adeus á amada, que ao despontar sente que elle está longe. E o que diz elle fallando á imagem sempre viva de Natercia, que tinha no coração, como se lhe fallasse á ella?

> Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
> Que com cousa outra alguma se contentem;
> Antes os esqueçaes, que vos esqueçam.

O caracter de toda a poesia lyrica de Camões é

o desinteresse. O que lhe faz bem é amar; quer ter no coração um sentimento que dê-lhe vida e que o faça orgulhoso; sente gloria em soffrer! Não será isso um symptoma do amor doentio? Não são os corações fracos os que acham na dôr um prazer inexplicavel? Sobretudo os genios, não é por um sentimento de vaidade que elles querem ser o ponto de attracção de todos os soffrimentos para se julgarem perseguidos pela humanidade e abandonados de Deus?

Não se deu, porém, isso com Luiz de Camões. Ainda que elle tivesse provado até o fim da vida o amargo de todas as decepções, ainda que elle houvesse sido muito infeliz, sempre o poeta esqueceu o homem: nenhuma obra do espirito humano é mais impessoal que os *Lusiadas*. Nem uma palavra quasi sobre o author; e no emtanto era soffrendo todas as ingratidões da patria, que elle a ia immortalisando. Que mal que em um d'esses momentos o raio da gloria, que elle lançava sobre o Gama ou sobre Portugal, tivesse uma tal polarisação, que hoje, que sua luz chega até nós através de tres seculos, podessemos dizer: havia uma grande dôr na alma de Camões quando escreveu esses versos? Nada, porém, ha que traia o homem; no instante que elle tomava a penna para gravar suas oitavas, qualquer sentimento pessoal desapparecia, ficava só diante d'elle sua missão, seu dever. Amava a patria sem esperança, como muito tempo amara Catharina; seu coração não se assustava com os curtos limites da vida, a vista d'elle alcançava adiante dos nossos horisontes: se a patria ingrata o repellia, a posteridade pagar-lhe-hia em um culto nacional o amor que teve a

Portugal; se Natercia o desprezava no mundo, suas almas haviam de encontrar-se livres e puras, e a attracção de sua gloria e de suas desgraças seria então irresistivel.

Era seu destino cantar; e sabendo que tudo que ficasse em seus versos teria a duração d'elles, não quiz dar aos objectos que amou uma triste celebridade. Teria Camões, apossando-se d'este sentimento contrafeito a natureza, ou foi elle o mesmo homem, o mesmo amante, que suas *Rimas* nos apresentam?

Parece-nos que Camões foi o que quiz ser, e esse culto cavalleresco e ardente que tem por sua Natercia em seus versos, teve-o em sua alma. Que respeito incessante! Se ella o abandona, se olha para outrem, sua queixa é apenas murmurada, não arrebenta como uma injuria, como uma colera, e todavia sente-se toda a energia e toda a dignidade que havia no amor do poeta.

Ah! Natercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.

Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras só minha?

E depois, quando o tempo tinha já passado sobre essa ferida do coração torna elle á dizer-lhe que já não chora os seus desenganos,

« A' mágoa choro só, só choro os danos
» De ver por quem, Senhora, me trocastes: »

Não parece quando se ouve esssa linguagem assim tão sentida e tão terna, que, depois de escrever, o poeta cahia em prantos? não ha lagrimas

ainda n'esse amor que, mesmo no desengano, está de joelhos diante do idolo, que se profanou com suas proprias mãos? Parece sim que Camões mal tinha deixado a penna, sahia para chorar, e elle mesmo lembrando-se do passado, e de como escrevia seus sonetos nos diz:

« Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto »

Essas decepções, porém, deviam ter sido apenas duvidas e ciumes injustos. Quando se ama verdadeiramente, teme-se que um olhar só da pessôa amada deixe sobro o objecto uma emanação de si! que um sorriso accenda em todas as almas uma constante esperança! que uma illusão nasça em outro coração e que ella seja a poesia de uma outra vida. A vaidade póde querer que a mulher amada seja o objecto de uma adoração geral; o amor, porém, é cioso de qualquer ruido.

Provavelmente sua imaginação, o desterro, a posição de D. Catharina de Athaide, os rumores da côrte, fizeram crêr a Camões que elle não era o preferido. Devia dar-se então o que se passa ainda hoje. Quantos noivos não se apontam sempre para as moças, que estão em uma situação de fortuna propria a tentar os que se deslumbram pelo dinheiro? Accrescente-se a posição social do conde da Castanheira, e mesmo a posição no paço de D. Catharina de Athaide, e será muito facil acreditar que tivesse ella muitos pretendentes. Sendo assim poderiam chegar ao desterro do poeta falsos rumores de casamento.

Quem sabe se tambem verdadeiros? Talvez forçada pela familia, Catharina se houvesse desposado com outrem; ainda n'esse caso sua lembran-

ça seria pura para nós: o tumulo devia ser o seu verdadeiro leito nupcial.

Ainda que Camões insista sobre isso, e até injurie em um soneto o rival, que julgava ser-lhe preferido, parece que essa sombra foi ligeira e passou rapidamente. Seu amor existiu e foi correspondido; Catharina amou-o. Não se póde duvidar d'isso lendo os seus versos. Em sua propria queixa o poeta o affirma:

> Que foi de aquella fé que tu me déste?
> D'aquelle puro amor que me mostraste?

Se, porém, Catharina amou Camões, o que explica o afastamento d'esse de Lisbôa, nunca foi sua noiva. Talvez, e ella era muito moça ainda, o coração fizesse-lhe prometter ao poeta o que seus parentes não lhe deixariam cumprir; mas com os annos esse amor foi se tornando mais recatado e mais discreto. A desigualdade das fortunas, a ausencia do poeta, os divertimentos de Lisbôa, as tradições do Paço, tornavam natural a falta de correspondencia entre os dois amantes. O certo é que, voltando do seu desterro, Camões trazia na alma um grande pezar; foi então que elle seguiu para a Africa, que era n'esse tempo a Algeria de Portugal, onde se formavam os soldados, e ahi nos arredores de Ceuta recebeu a ferida que vasou-lhe oolho direito. O que levou Camões á Ceuta? não o dizem os biographos, ou antes cada um assignala um motivo differente: parece-nos, porém, que foi o desgosto de que estava possuido e a incerteza quanto ao amor de Natercia, junto ao desejo de adquirir um brazão á custa de seu sangue para

não ser indigno d'ella. Sua duvida devia ser pungente e foi eterna; durou com o poeta. Apenas Catharina de Athaide morreu, Camões escreveu-lhe com lagrimas o soneto, que todos sabem de cór; e no emtanto quando o lêmos depois, talvez em um d'esses momentos de scepticismo, que todos tem, e em que não é de admirar que o homem duvide da mulher que ama, porque começa duvidando de si, vemol-o accusar de desamor aquella que fôra sua alma. D'esta vez não é propriamente uma accusação, é uma lamentação. E' mais um grito de dôr. E' o soneto XCII, especie de canto semitico em que o talento nos apparece como um dos elementos da desgraça, e o mundo povoado de tantos seres, cheio de tanta vida, como um deserto em que o genio não acha nem sombras nem fontes e morre á mingoa abrasado interiormente pelo fogo divino, condição de sua gloria e de sua impotencia!

Triste soneto, que só póde ser bem apreciado ao lado do primeiro, — parallelo que o leitor fará, da descrença e da fé.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;

Roga á Deus que teus annos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

N'esse soneto não há uma palavra que diga que Natercia amou o poeta; mas a supplica é tão terna e tão apaixonada, que se póde pensar com razão que elle reconhecia ter sido amado, porque o pedido que elle diz-lhe que faça—*áquelle que seus annos encurtou*—é o pedido de uma alma que amou verdadeiramente, um pedido como o de Francesca de Rimini,

Quel ché mai da me non fia diviso.... (1)

Eis o outro soneto:

Que poderei do mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desfavor,
E morte, emfim; que mais não póde ser?

Pois me não farta a vida de viver,
Pois já sei que não mata grande dôr,
Se houver cousa que magoa dê maior,
Eu a verei, que tudo posso ver.

A Morte, á meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor somente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou:
Parece que para isto só nasci.

Ahi está a pintura de um amor sem esperanças, que só encontrou desgostos. Viva D. Catharina, só viu o poeta n'ella o desamor; morta, legou-lhe uma dôr eterna. Merecia isso aquella que tão ternas palavras lhe havia dito? Não se lembrava elle mais d'aquella madrugada que queria fazer lem-

(1) Dante—Infermo.

brada „ *emquanto houvesse no mundo saudade* “ em que as lagrimas cahiram tantas dos olhos da amante que com as suas

Juntando-se formaram largo rio?

Elle accusa a amante, mas só o seu tempo era culpado, e, se não nos repugnasse admittir a fatalidade nos sentimentos humanos, o seu genio. Se Camões fosse o noivo de Catharina, e os seus desejos eram por um casamento, se a esposasse, se entrasse para a alta nobreza de seu tempo, se tivesse uma vida feliz, seria isso muito melhor para o homem, seria talvez a morte do poeta. Não se dando o casamento, naturalmente contrariado pelos preconceitos do tempo (um preconceito contra o genio!) Catharina de Athaide devia occultar um amor... impossivel! A honra de sua familia diz-nos que ella sacrificou-se a vontade dos seus. Não morreria ella d'essa concentração do amor? da desesperança? Aquella alma obrigada á viver dentro de si mesma, á alimentar-se com os seus sonhos da manhã, que já eram á noite outros tantos desenganos, á dominar o coração, a desviar o curso de seus sentimentos do alveo em que elles correram tanto tempo, não teria morrido por esse ingrato dever? Eis o que talvez Camões não soubesse, e por isso offendesse, duvidando d'ella, essa martyr do amor.

A memoria de Natercia desperta hoje o interesse de todos; e já que o poeta fel-a immortal, como seu poema e seu nome, ella pertence-nos e devemos honral-a. E' por isso que com essas hypotheses, todas verosimeis, cumprimos o dever de restituir todo o brilho ao puro amor de Camões e

de Catharina. São perfumes esses de uma adoração sempre crescente e de que as almas ainda devem gozar; esses amores constantes de que foram, sem que o soubessem, o objecto, são flores derramadas na campa dos grandes poetas e de que elles em vida não sentiram a fragrancia. E tanto mais obrigados estamos todos a respeitar a lenda, quanto um cantor distincto e digno em tudo de sua fama (1) deu-lhe um novo colorido e uma grande popularidade. Todo aquelle que, lembrando-se de Catharina de Athaide, repete comsigo esses versos:

> Alma minha gentil que te partiste
> Tão cedo d'esta vida descontente,

continua logo:

> Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
> Quem dentre os goivos te esfolhou da campa ?!

---

(1) Garrett—Camões.

CAPITULO III

CAMÕES NA INDIA

Em 1553 partio Camões para a India. Tinha elle voltado de Ceuta, para onde partira em 1546, e d'onde trouxera em seu rosto uma honrosa cicatriz. Em 1550 alista-se para seguir para o Oriente, mas só parte tres annos depois. O que póde explicar-nos todos esses actos do poeta, essas resoluções tão ousadas e tão subitamente trocadas por outras, essa viagem para um mundo tão distante?

Não se póde escrever com exacção a historia da alma do poeta. A collecção de versos que nos deixou, e nos quaes elle lançava suas impressões de momento, suas magoas e suas alegrias, não tem ordem chronologica, e não se sabe nem quando nem onde o poeta os escreveu. Era, porém, Camões uma alma que só obedecia á nobres e poderosas attracções.

Algum movel honesto e desinteressado, alguma paixão de alma grande o teria por certo levado a tão distantes terras. Quem sabe se o tumulo de Catharina não tornava já para elle em um vasto deserto o paiz de sua infancia e de seus amores? Quem sabe se, desilludido do amor, não buscava elle avidamente na gloria uma felicidade que estava condemnado a não encontrar na terra? Quem sabe mesmo, como o dissemos já, se não obedecia elle a uma affinidade intima de seu genio para os lugares, o mar, e a scena da epopéa que elle queria cantar?

O certo é que em 1553 partio o poeta para a India em um profundo desalento. E' elle mesmo quem o pinta em uma carta celebre. E' elle quem diz-nos que não queria que em si „ficasse pedra sobre pedra.“ Medonho esboroamento de uma alma como a delle! „E assim posto em estado, que me nam via se nam por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na náo disse foram as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*“

Dessas palavras fez-se uma accusação ao poeta, mas quem o lê o absolve. Disse-as elle, sim, mas disse-as em sua magoa, quando elle mesmo só se via atravez das sombras, que o desfallecimento lançava em seu coração. „Nam me via se nam por entre lusco e fusco.“ Quando, ao afastar-se da patria, Camões pronunciava baixinho essa maldição contra ella, desvendava-se-lhe já no mar o segredo de seu destino e a vasta extensão de sua gloria!

A vida do poeta na India póde ser contada em bem poucas palavras. No governo de D. Affonso de Noronha, acompanhou-o o poeta em uma expedição

contra o rei de Chembé. No de D. Pedro de Mascarenhas, acompanhou a expedição de Manoel de Vasconcellos, voltando em 1555 á Gôa, onde encontrou Francisco Barreto com o titulo de governador. Foi no governo deste que soffreu Camões a pena de um novo desterro, e dessa vez para a China.

Qual foi o crime do poeta assim tão severamente punido? Uma satyra, um riso de escarneo de sua alma cheia de ideal diante da humilhação do nome portuguez no Oriente, que elle tanto tempo enchera!

D. Francisco Barreto, e é grande a reacção operada em seu favor, póde ter sido um militar senhor de si no perigo e um bom governador da India. Não lhe disputaremos nenhuma de suas glorias tão pobremente enterradas em um sepulcro desconhecido do deserto africano; mas D. Francisco Barreto merece bem a sentença da historia, que ligou sua fama á de Camões.

O desterro do poeta para a China foi uma pena injusta e uma pena cruel. O bispo de Vizeu, tão sympathico ao juiz, condemna a sentença do modo mais eloquente: „ confesso, diz elle, que todo o bom Portuguez, ao lembrar-se do naufragio na embocadura do Mecon, deve estremecer com a idéa de que podiamos ter por este meio a desventura de não lograrmos a lição deliciosa, e os creditos que ganhamos com os *Lusiadas*. "

Por uma satyra era o poeta condemnado, depois de tantos serviços, a atravessar os mares tormentosos da China; por uma satyra escapou elle de morrer na foz de um rio asiatico ou, o que talvez fosse o mesmo para a gloria portugueza, de ver arrebatadas pelas ondas as folhas de seu poema.

Grande era na verdade o crime assim tão severamente punido! Uma satyra feita contra uns fidalgos da India, e uma allegoria entre Babylonia e Sião, a saber, Gôa e Lisboa! Já, ao ver a capital do dominio portuguez no Oriente, Camões havia della escripto: „ mãi dos viloens ruins, e madrasta de homens honrados.“ E de facto nella só florescia o trafico, a exploração immoral do velho prestigio da metropole.

Não podia, não tinha Camões o direito de satyrisar esses „que haviam convertido o astro do puro, nobre e desinteressado esforço portuguez em cubiça sanguinaria de mercadores?“ (1) Tinha mais que o direito, tinha o dever. Em certas epochas a satyra é o ultimo refugio da intelligencia opprimida: Roma explica, e, o que mais é, exige Juvenal.

Um dos espiritos mais athenienses deste seculo, cujo destino parece ter-se unido, como o de Camões, á desgraça da patria, (2) escreveu alludindo transparentemente ao segundo imperio: „ viram-se tempos tão desgraçados, em que o sorriso de um homem de bem era a unica voz deixada á consciencia publica. “

Desterrado para a China, foi Macau o lugar de seu exilio. Ahi dizem que exerceu elle um cargo de justiça, provedor dos defuntos.

Foi no isolamento de Macau — no silencio da gruta de Patane — apenas quebrado pelo ruido

---

(1) A. Herculano. Annaes de D. João III. Introducção.
(2) Prevost—Paradol.

monotono do mar, que Luiz de Camões escreveu a maior parte de seu poema. Nada naquelles sitios lhe fallava da patria, e por isso tanto mais se lhe gravava na mente a imagem della. Quem vive fóra de seu paiz, muitas vezes o esquece, se encontra uma hospitalidade tão franca como a da familia, se vive no seio da mesma civilisação, e sobretudo se descobre o amor; mas quem vive, por assim dizer, em outro mundo, separado por centenas de leguas do seu, coberto de monumentos de idades passadas, e de uma população diversa em tudo da do Occidente, em côr, religião, costumes, lingua, idéas e sentimentos, quem vive assim tão longe da patria é um desterrado que não a esquece nunca. Na solidão da costa da China o poeta revolvia na memoria as lembranças de sua mocidade, tão cedo consumida! aquella pura e ideal creação de Deus e de seu genio, Catharina, elle buscava vêl-a no espirito alongando os olhos pelo mar.

Foi então que, elevando sua alma acima das sombras do desterro, Camões compoz os *Lusiadas*. De volta a Gôa, naufragou na embocadura do Mekong.

Quem não tem visto o quadro do naufragio de Camões? A legenda consagrou a tradição popular.

No meio das ondas o poeta salva com temeraria audacia as folhas dos *Lusiadas*, para poder depois escrever com a mais palpitante eloquencia:

« Este receberá placido e brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vêm do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa. »

Chegando a Gôa depois de tantos soffrimentos, ainda é Camões lançado em um carcere, de que o livra o conde de Redondo.

De Gôa partiu elle com Pedro Barreto para Sofala, mas, parando em Moçambique, a náo *Santa Clara* tomou-o para leval-o ao reino.

Alguns amigos de que a historia conserva os nomes pagaram por elle a Pedro Barreto os duzentos cruzados que esse falso amigo exigia do poeta para deixal-o partir. Foram elles Heitor da Silveira, D. João Pereira, D. Pedro da Guerra, Ayres de Souza, Manoel de Mello, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Gaspar de Brito, Fernão Gomes, Lourenço Pegado, Antonio Ferrão e Diogo do Coito. (1)

Assim voltava á patria dezeseis annos depois de a haver deixado o immortal cantor. Era outro o paiz que elle vinha achar, mas outro tambem volvia elle. Os mais bellos annos de sua vida consumiram-nos as perseguições e as dores do coração.

Sob a acção lenta de tão diversas causas havia se transformado a natureza ardente do poeta. Uma constante melancolia se apossára delle.

Era a sombra do moço que partira, que voltava ao reino para chorar no tumulo de Catharina, e ver em um momento resplandecer e apagar-se o brilho da patria. Nenhuma viagem foi mais longa e mais cheia de anciedade do que essa. — A náo corria veloz, ventos brandos impelliam-na nas ondas, mas a imaginação do poeta era mais rapida que os ventos.

---

(1) V. de Jur. Tomo I pag. 93.

„ Bem póde affirmar-se, diz eloquentemente D. Francisco Lobo, que nunca surcou as aguas de Portugal um vaso com carregação mais rica de fama e gloria para a gente lusitana.“ Assim, nem a náo que levára Vasco do Gama á India fôra mais gloriosa que essa que trazia Camões e os *Lusiadas!* Era o navio que conduzia o novo Virgilio, e ao qual Portugal, como outr'ora Horacio, pedia que lhe trouxesse incolume a outra metade de sua alma:

« Et serves animæ dimidium meæ. »

Dous annos depois de chegar ao reino, Camões publicou o seu poema. Contam-se hoje tres seculos.

Ao avistarmos, como uma cidade sagrada, esse grande monumento de nossa raça e de nossa lingua, esqueçamos por um momento as lagrimas que elle custou. O soffrimento está na origem de todas as grandes coisas; mas, se elle foi grande, tambem foi o preço de uma gloria incomparavel. Estamos em frente dos *Lusiadas.*

LIVRO SEGUNDO

Os Lusiadas

PARTE PRIMEIRA

A IDE'A DO POEMA

I

As epopéas nacionaes são na familia epica o ramo mais velho, ainda que guardem eternamente um perfume de mocidade e de originalidade, que o outro não tem. Este segundo ramo é o dos poemas epicos propriamente ditos, ou poemas individuaes.

A differença entre as duas especies da epopéa é a mesma que entre as duas sociedades que se desenham n'ellas. A infancia da humanidade, por não ter monumentos que a deixem comprehender perfeitamente, é ainda hoje desconhecida. Não tanto a infancia, deveriamos dizer, como a transição d'essa para o segundo periodo, para a adolescencia. Talvez entre todos os povos, em todas as latitudes, os primeiros tempos fossem assignalados pela barbarie, que as raças indigenas ostentam ainda hoje na America e na Oceania. Admittamos

mesmo que o caracter da raça branca, sua intelligencia, seus instinctos tivessem tornado mais curto esse periodo, talvez de seculos, em que a alma existiu sem um raio do ideal nem do dever.

A adolescencia foi, em relação ao homem, um progresso maior do que a virilidade. A civilisação, as artes com a plena noção do bello, a religião com a do bem, a justiça organisada, a democracia, todos os productos do desenvolvimento dos povos, são comparativamente um menor adiantamento que a primeira fórma de sociedade introduzida entre os homens primitivos, nomades, errantes e livres.

A primeira mocidade da familia aryana foi a idade de oiro da humanidade. A primeira organisação de uma sociedade estavel é o facto principal da historia; d'elle sahiu tudo que existe, foi elle a condição da vida de tudo; entretanto a historia não póde contal-o, da mesma fórma que o homem não póde contar o seu nascimento. N'esses tempos primitivos, em que o historiador não penetra, penetra o poeta; é elle quem reconstroe esse passado para sempre perdido, quem reanima com uma ficção essas idades que não deixaram traços, e de que não se conhecem os fosseis. Moysés e Homero são os poetas da adolescencia humana. O primeiro vai mais longe, chega á genesis da humanidade, conta-nos a apparição do primeiro homem sobre uma scena creada, illuminada, plantada e povoada para elle; o segundo descreve-nos as idades da revelação humana, em que o ceo estava ligado á terra.

Mas como se produziu o cyclo epico? como nasceram os poemas homericos? Eis uma questão

que tem agitado os criticos do seculo, e que parece não estar esgotada.

Os povos, n'esse periodo que precedeu ao de uma civilisação bem definida, sem alphabeto nem chronicas, celebravam em cantos os feitos de seus maiores perpetuados e achrysolados pela tradição. Na idade patriarchal, quando o poder legitimo era o do chefe da familia, que conduzia o rebanho como pastor, sentava-se á tarde á porta da tenda como juiz, e fazia sacrificios a Deus como pontifice, a immortalidade, á que aspilavam os heroes, era que seus nomes fossem rembrados e abençoados pelos anciãos e aprendidos ao calor do fogo pelos meninos da tribu.

Havia, porém, um elemento de chronica, uma fórma imperfeita de historia, que se chamava o *péan;* esse repetia-se de pai á filho, e conservava para uma geração os feitos da outra. A idade legendaria sobretudo viu desenvolver-se esse hymno. As familias formaram a sociedade e a realeza levantou-se no meio d'ella como um grande patriarchado do povo; guerras longinquas foram tentadas, e o primeiro fermento da gloria das armas envenenou para sempre, lançado na fonte, o coração dos homens.

O cyclo troyano foi o mais celebre da Grecia heroica. Durante muitos annos a imaginação dos poetas colheu as flores d'essas tradições.

Eram os seus cantos mais do que a narração de scenas tragicas e de grandes victorias; eram os hymnos sagrados, em que a gloria dos deuses resplandecia ao lado da de Achilles e de Ajax.

Aliturgia era verdadeiramente epica. Essa linguagem divina fallava á um tempo á todos os sen-

timentos: ao da gloria, ao da patria, ao de Deus, ao amor, e por isso a nação aprendeu os cantos, até que um dia a memoria do povo achou-se na posse de muitos poemas. O Homero que surgiu então foi o organisador, ou o auctor dos poemas que tem o seu nome? A Grecia não soube a verdade á esse respeito, não a saberemos nós.

Fosse, porém, Homero um homem, ou um grupo, os seus poemas tem um caracter distincto das epopéas individuaes; teve elle de dar uma fórma ás legendas gregas, teve de renovar em um mais sublime metro as tradições nacionaes. A Iliada não pareceu á ninguem o trabalho de um genio, pareceu a agglomeração das lendas de um povo. Escripta em um verso tão elevado quanto claro, tinha a altura e a transparencia de um bello ceo; nobre no sentimento, generoso, religioso, e antes que tudo grego, era realmente o poema da Grecia legendaria. E' por isso que se póde dizer que esses poemas são a expressão de sua epoca, por que correspondem-lhe á todas as necessidades, manifestam-lhe todos os sentimentos, passam do genio do poeta para a memoria do povo, e são, apezar de toda a sua sublimidade e por causa d'ella, a linguagem mesma de uma geração primitiva e ingenua. A Iliada é o livro da historia, da moral, da politica de um povo antigo; é a Biblia da Grecia. O genio de um homem podia tel-a concebido, mas só o genio de um povo poderia tel-a realisado, com tal vastidão, tal grandeza e tanta simplicidade. A parte de Homero póde ser grande no poema, mas é pequena ao lado da do povo. Convem não esquecer que esse poema não tem uma perfeita unidade, que parece duas acções epi-

cas, duas epopéas fundidas em uma, a de Ilion e a de Achilles. Como quer que se julgue, o poema é uma epopéa nacional, a saber a agglomeração de muitas lendas, o livro da lei, das tradições, dos oraculos; a expressão em verso dos sentimentos do povo, a linguagem divina da admiração e da esperança nacional; cada um queria aprendel-o depois de tel-o ouvido, porque antes todos o sonharam.

Como differe, porém, d'esse monumento de uma sociedade nova o monumento epico das idades litterarias, baptisadas sob o nome de um homem, como os seculos de Augusto, dos Medicis, e de Luiz XIV! Como differem mesmo d'essa simplicidade antiga, de que a Iliada é o mais notavel exemplo na familia aryana, como a Biblia o é na semitica, as producções de épocas de mais gravidade e seriedade, do que os seculos marcados com a effigie de um despota illustre! A fé primitiva, a expontaneidade, a ingenuidade e a virgindade do coração, e um aroma incomparavel de solidão, de madrugada, de vida que começa, de um mundo que se fórma, tudo que ha n'essas grandes florescencias das eras mythicas, chamadas as epopéas, não existe nos poemas individuaes. A Eneida é de certo escripta em verso como a Iliada, sobre o plano da Iliada; mas quem não reconhece logo em uma o engenho litterario de um poeta, em outra o genio inventivo de um povo? quem não vê que uma reflecte a civilisação romana, com suas convenções, sua medida, sua arte poetica, sua mythologia, e que a outra é a fórma ampla, vigorosa, original, de um povo adolescente?

As epopéas formam-se sem esforço pelo lento trabalho dos seculos. Cada poeta liga á essa ca-

deia das tradições cantadas um novo élo; a memoria do povo torna-se assim o pergaminho em que cada Aedes ou Skalda escreve o seu hymno. Em cada festa há um lugar para o poeta. Elle é o sacerdote da tribu, como Orpheu; é o oraculo, o guerreiro, o legislador, a tradição viva. Deliciosa vida a d'esses tempos, que não podem ser comparados ao nosso pelo progresso material, nem pelo adiantamento das sciencias, e em que, todavia, o genio tinha um culto, e a intelligencia representava o papel de predestinada! Era por esse respeito religioso, que cercava os homens de genio, que a missão do poeta era sagrada, e que todos emulavam em dar aos mysterios, ás legendas, aos mythos, e ás tradições populares uma fórma, ao mesmo tempo sublime para ser admirada, e simples para ser comprehendida. Com o trabalho de duas gerações a epopéa estava feita; das antigas epopéas homericas só nos restam duas, mas o seu numero devera ser muito maior. Do cyclo epico talvez só possuamos as obras primas. E' assim que se formam essas narrações seguidas em um metro uniforme, é assim que ellas gravam-se lentamente na memoria dos rhapsodas, até que um dia quando o povo recebe o alphabeto fixam-se por escripto em uma fórma definitiva. Poder grande de invenção é por certo esse das eras primitivas em que sem o auxilio do alphabeto compõem os poetas, não somente cantos isolados, como os que formam o cancioneiro de Portugal e Hespanha, mas poemas historicos, religiosos, politicos e guerreiros como a Iliada!

O poema individual, os *Lusiadas* por exemplo, forma-se de um modo mui diverso. Lendo os

outros poemas, Camões viu que eram elles os mais altos vôos do genio humano, e quiz desprender o seu. Mediu seu talento com a segurança de quem realmente o possue, e não lhe viu fronteiras; desde então sua musa facil, amorosa, terna e melancholica, tornou-se a musa epica, e no fim de alguns annos realisou elle o que entre os povos adolescentes é trabalho para seculos, ainda que as qualidades intrinsecas de um e outro momento não sejam equivalentes. Eis porque nós dissemos que traços profundos separam os dois ramos da familia epica; um não tem a frescura de sentimento, o viço de mocidade, o enthusiasmo religioso, a fé sincera, a solemnidade e a uncção de um oraculo, que existem no outro; um é a resultaúte do genio de muitas gerações, o outro é o esforço de uma unica intelligencia. „Não conheço prova mais maravilhosa e esplendida do genio, diz Macaulay fallando de Milton, do que um grande poema produzido em uma idade civilisada. „ Os grandes poemas são a vegetação luxuriosa de um mundo novo; tentar renoval-os depois que sua época passou, é querer reproduzir a creação.

Essa obra alguns poetas realisaram-na, mas o que elles não poderam fazer, foi tirar ao poema o reflexo de seu tempo, nem dar-lhe a côr local de uma outra sociedade.

Os grandes poemas das idades civilisadas são os maiores esforços da intelligencia no mundo; um homem por si só faz o trabalho de um povo, alguns annos produzem o fructo de seculos. Se nas epopéas nacionaes ha toda a novidade de coração e de idéa, propria de um povo adolescente, o merito não é do poeta, é de seu tempo. O poeta

que cantou a guerra de Troia não tinha mais genio que o cantor do descobrimento das Indias, o que se deve dizer é que o seculo XVI não é o mesmo que o seculo pre-historico em que Ilion cobriu de suas cinzas o solo Troiano.

A differença pois que se nota entre os dois grandes ramos da epopéa—a nacional e a individual — é o resultado da differença existente entre os dois estados de civilisação que se representam por esses monumentos. De todos os poemas o que mais se approxima da epopéa nacional é os *Lusiadas*. Elle tem, sob a forma medida, artistica, de um seculo litterario, a fé ardente, o patriotismo puro, o culto das tradições populares de idades menos adiantadas; é elle tambem o deposito das lendas, dos fastos, e das lembranças do povo; é, como a Iliada foi o poema da Grecia legendaria, o poema do Portugal heroico.

Esta unica vantagem dos *Lusiadas* faz delle na escala epica o segundo dos poemas, e de seu autor um dos genios mais vastos que a humanidade já viu surgir em seu seio. Camões deu a seu paiz um poema ungido dos sentimentos mais puros e estremes; escreveu sob a fórma epica a historia toda da monarchia; realisou por si só a obra dos antigos Aedes e dos Skaldas do norte; fez, em uma palavra, — em pleno seculo XVI — depois da imprensa e da inquisição, um poema nacional!

II

Já a *Eneida* e a *Divina Comedia* existiam quando Camões compoz os seus *Lusiadas;* mas como poema nenhum dos primeiros vale o segundo.

Nos primeiros cantos de Virgilio ha certo movimento que nos lembra a *Iliada*; a narração de Enéas é monumental; mas o resto do poema, exceptuadas notaveis descripções, como a do Tartaro, é diffuso e sem interesse. Turnus, rival de Enéas, enche o poema com suas luctas, e não tem importancia historica; a acção passa-se nos dominios da lenda, mas já sem o colorido nem a naturalidade da *Iliada*: é que Homero encontrava as lendas já creadas pela imaginação do povo, e Virgilio as tirava da sua.

O leitor littterario admira, na verdade, sobretudo em Virgilio a suavidade de sentimento que o distingue, e á cada pagina da *Eneida* encontra um thesouro escondido. O poema epico, porém, é outra coisa; elle deve ser um todo harmonico e grandioso, não deve tanto agradar pela delicadeza e enleio da phrase como pelas concepções, pela idéa, pela acção; não deve ser admirado nas particularidades, senão depois de haver deslumbrado o povo por sua construcção, por suas grandes linhas, por sua symetria. São assim as cathedraes gothicas: o observador não se demora no cinzelado das portas, no angulo da ogiva, nos entalhos e no mosaico, senão depois de ter contemplado o enorme vulto de pedra, e de ter seguido com os olhos as linhas

agudas que sobem para o ceo e descem para a terra, como a escada de Jacob. O que fica na memoria, o que se desenha aos olhos de quem viu uma dessas construcções da arte christã — é o perfil da cathedral, tal qual se a vê de longe, em um crepusculo da tarde. O poema epico deve ter uniformidade, symetria, e igualdade, sem as quaes não ha bello, nem na poesia nem nas artes. A *Eneida* nunca seria o poema de Roma.

A *Divina Comedia* não é propriamente um poema epico; é um poema phantastico, é o sonho de uma imaginação tão grande quanto melancolica. Nada ha ahi de real; são espectros que fogem e se evaporam. Dante é um dos maiores genios que o mundo produziu, mas é da natureza de Shakspeare. O poeta de Hamlet e, o que mais é, de Julio Cesar não poderia fazer a epopéa da Inglaterra; cada genio tem uma vocação, quasi sempre visivel em suas obras e limitada por ellas. Duas ou tres figuras immortaes, que o propheta italiano nos deixou, mostram o poder de concentração que tinha o seu pensamento, e como podia elle em dois ou tres traços cercar de luz uma fronte. Mas esse homem extraordinario é a Idade média; sua musa é a theologia catholica; as sombras do exilio entram por seu poema e envolvem até o seu paraizo. Um povo não póde repetir essas concepções sombrias, que nada têm com a sua historia. Mesmo um povo como a Polonia, na expressão do poeta anonymo — o paiz dos tumulos e das cruzes — não comprehende essa linguagem de desespero e de amargura. Ha na *Divina Comedia* espalhados aqui e ali trechos admiraveis; mas o poema é sepulchral, é lugubre, e o povo quer outra coisa; elle quer a vida em

vez da morte, quer a esperança em vez do desespero, a gloria e não a agonia, a realidade e não o phantasma. A *Divina Comedia* é a creação da idade média, com sua escolastica, sua theologia, seu mundo de espiritos, sua escuridão, sua noite. Não é esse por certo o poema dos corações ingenuos, das almas que creem, das que perdoam, das que esperam: não é o poema do povo.

Os *Lusiadas*, porém, reunem ao sentimento suave da *Eneida*, e ás imponentes allegorias de Dante, movimento, symetria e vida, e estão cheios desde o primeiro ao ultimo canto do mais ardente enthusiasmo. E' notavel que para os dois grandes poetas, Dante e Camões, a epopéa fosse o refugio de um amor infeliz; mas esse na *Divina Comedia* derramou-se como o fel, emquanto nos *Lusiadas* não alterou um momento o estro do poeta. Ha no poema italiano uma tal melancolia, que um critico o comparava á terra de Sardenha, cuja amargura sentia-se mesmo em seu mel; é a obra mais triste do espirito humano. O livro de Job é um conto em que ha sempre notas de uma dor profunda, mas que parece ser o dialogo da humanidade com Deus, e em que a virtude é afinal coroada pela felicidade. Ha livros de prophetas, como o de Jeremias, que têm a mesma tristeza e as mesmas sombras, mas são gritos de dor, arrancados pelo opprobrio da patria, lançados á margem dos rios do captiveiro, e sempre apezar delles sente-se na alma uma confiança inabalavel em Deus e no futuro.

O poema de Dante, porém, não é cheio dessa dôr patriotica, que aliás elle sentio mais do que ninguem; é uma melancolia que tudo invade, que envolve tudo, que tira a luz do univerno, e deixa-

nos em uma sombra impenetravel, semelhante somente ao coração do poeta. Camões, infeliz tambem como Dante, contém sua dor e impede á sua desgraça de fallar; sua alma tem um novo amor, a patria; o homem esquece-se, quando canta o poeta. E' assim que um amor desgraçado, buscando refugio no trabalho da epopéa, produz tão differentes fructos. O sublime exilado de Ravenna amava a patria, com a dor e o desespero do filho de uma captiva; para fugir ao seu supplicio, buscava elle um outro mundo, e elevava-se á religião; mas a escolastica era arida, suas creações estercis, seu ambiente sem luz, e por isso o viajante, depois de ter percorrido o universo e de ter visto o ceu, voltava com a mesma tristeza e a mesma amargura com que tinha partido.

Porque não escreveu elle na porta da vida as palavras que traçou sobre a do inferno:

« Lasciate ogni speranza, voi ch'ntrate? »

Ter-nos-hia explicado o seu mysterio, e resumido em uma sentença o seu poema!

III

Se, porém, os *Lusiadas* são isso que dizemos delles, mostremol-o ao leitor. A formação do poema no espirito do poeta é o que vamos ver agora; a fórma por que elle realisou sua concepção, estudal-a-hemos depois.

A idéa do poema é a navegação de Vasco da Gama e o descobrimento das Indias. A idéa do

poema quer dizer a acção epica, cujo desenvolvimento forma a unidade do monumento. Camões, porém, como veremos depois, queria cantar alguma coisa mais do que a expedição do Gama, queria cantar a patria. E' por isso que parece haver nos *Lusiadas* duas acções simultaneas; o mesmo dá-se na *Iliada*, e tão perfeitamente que Grote suppõe que ella consta de dois poemas, um que tinha por objecto a colera de Achilles, e outro a guerra de Troia. Nos *Lusiadas*, da mesma fórma, ha o poema da navegação e o da patria. Este, porém, está intercalado n'aquelle, e desenvolve-se, não de uma maneira epica, mas pela narração e pelas prophecias do Gama, de Adamastor e de Thetys.

A idéa dos *Lusiadas* póde-se, pois, dizer que é a expedição do Gama, porque foi essa idéa que deu ao poeta occasião, scena e maneira de pagar sua divida á terra de seu berço; uma vez de posse de um argumento epico, pensou elle em cantar a historia toda do paiz. Se o seu heroe foi a patria, e se a expedição do Gama pareceu-lhe dever ser apenas um dos florões da gloria lusitana, não é menos verdade que foi essa expedição que forneceu a base e as linhas do monumento nacional, que o poeta levantou.

A navegação será, pois, a idéa do poema, ainda que seu espirito seja a patria. Vejamos como o poeta comprehendeu o seu assumpto.

Nos dois primeiros cantos dos *Lusiadas* assistimos á derrota das naus portuguezas. O theatro da epopéa é o oceano, nelle passa-se a acção integral dos primeiros cantos.

Depois da introducção e da invocação celebre ao joven rei, o poeta transporta-nos logo ao meio

do mar. As naus seguem o rumo do Oriente. Nossa primeira impressão é de segurança; os ventos respiram brandamente, as espumas brancas alastram as ondas inquietas, (1) que brincam á prôa dos navios. Ao passo, porém, que com as velas inchadas navegam as naus, no Olympo agita-se a questão do dominio portuguez na India. O concilio dos deuses, signal da grandeza do commettimento lusitano, reune-se para decidir dos destinos do Oriente. A figura de Jupiter é traçada com uma magestade inimitavel; maior do que elle é só o Jehová de Moysés. O anthropomorphismo grego tem uma explicação nos versos do poeta. Um rosto humano animado pelo infinito é realmente divino:

« Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano. »

A importancia da empreza do Gama, a gloria que lhe caberia, é pintada em uma estancia, que por sua elevação e sua opulencia é uma das mais notaveis do poema. E' Jupiter quem falla, e essa oitava não desmerece na bocca de um deus:

« Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve,
Per vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, á mais se atreve;

---

(1) Muitas vezes quando descrevemos os quadros de Camões servimo-nos de palavras suas; seria bom que o leitor lesse, ao mesmo tempo que a analyse, o poema.

« Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e perfia
A ver os berços onde nasce o dia »

Jupiter protege os portuguezes, e com elle Venus e Marte. Bacchо, invejoso dos triumphos lusitanos, oppõe-se á derrota das náos, mas ha do outro lado as primeiras divindades do Olympo.

Seguem pois pela esteira dos primeiros descobridores os navios do Gama; a pintura da viagem é mais a do deslisar de um cysne pela agua polida de um lago, do que a de grandes naus perdidas no oceano sem limites. Em torno d'ellas apparecem novas ilhas, ferteis como essas que foram as primicias das explorações do infante D. Henrique.

« Tam brandamente os ventos os levavam,
Como quem o ceo tinha por amigo ;
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo. »

Estão as naus ancoradas em Moçambique, onde a ira de Bacho suscita aos navegantes um novo triumpho. O Mouro determina armar-lhes uma cilada, que custa-lhe o incendio e a destruição de sua pequena cidade. Ahi dão ao Gama um piloto, que tem ordem de perder os navegantes; mas Venus desvia o rumo das naus das terras longinquas, para as quaes elle as levava. Estava perto a cidade de Mombaça, que devia esposar os resentimentos de Moçambique, por ser africana e moura como ella. São novos perigos que surgem diante dos descobridores da India. Cada estação da costa africana seria para elles um novo inimigo ; o oriente, unido em um mesmo sentimento, levantar-se-hia contra os seus exploradores da Europa. Por isso é que uma vez chegados tão longe

da patria, os portuguezes olhavam o futuro com mais anciedade. O caminho que buscavam existia; a bôa nova já lhes tinha sido dada pelos habitantes da Africa Oriental; elles estavam mesmo no rumo desse Oriente, por tantos seculos fechado, e em cujas cidades ia tremular a bandeira de uma nova civilisação; mas chegariàm ao seu destino? Esse mar immenso que se estendia diante delles e que era preciso atravessar não seria, uma infinidade de ilhas, animadas todas de um mesmo odio, movidas da mesma fé?

A batalha do Coran e do Evangelho tantas vezes ferida nos areaes da Africa, nas planicies da Hespanha e nos lugares santos, não teria desta vez por scenario um mundo desconhecido, o mar infinito?

Camões, que comprehendeu tudo que os portuguezes deviam temer, pintou em um verso a luta eterna do homem e da fatalidade. A oitava que termina o canto primeiro é por assim dizermos reproduzida do livro de Job. Foi elle o primeiro que figurou o homem como um verme rasteiro esmagado pela mão de Deus. O poeta, porém, não lembra-se de que soffre; se nesse momento uma palavra, que não é por certo a expressão de uma esperança sem limites como a sua lhe cahio da penna, não foi de seu destino que elle lembrou-se; foi sim dos perigos suscitados cada dia, em cada legua de mar, em cada vento, em cada nuvem, em cada enseada, em cada ilha do mar das Indias, aos seus audazes navegantes; um desfallecimento seria por muitos annos ainda a morte da idéa, que levava as náos á tão inhospitas plagas; um naufragio seria talvez a etern a separação do Oriente. Foi esse temor que dictou a uma alma crente

como a de Camões o grito da profunda dôr do poeta idumeo:

« No mar tanta tormenta, e tanto dano;
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano;
Tanta necessidade aborrecida:
Onde póde acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indine o ceo sereno
Contra um bicho da terra tam pequeno? »

Em Mombaça (canto II) nova cilada; o Roteiro descreve-nos essa perfidia dos mouros, e nós a relataremos quando fallarmos do maravilhoso pagão.

De Mombaça parte Vasco da Gama para Melinde, cujo rei, sincero e hospitaleiro, recebe-o com amizade, e a quem o Gama narra a historia de seu paiz. Occupa essa narração celebre tres cantos do poema; n'ella desenvolve-se a segunda acção dos *Lusiadas;* mas vê-se bem que a unidade epica de nenhum modo se parte. O genio do poeta é realmente extraordinario; conseguio elle desenvolver no seu poema duas acções, a do Gama e a de Portugal, mas a segunda incluida na primeira com tanta arte, que a todos parece um episodio e que a unidade do monumento ficou perfeita. Esse esforço unico em toda a historia do espirito humano, porque a *Ilìada* foi talvez primeiro dois poemas distinctos, não tem sido bastante admirado, e é elle que torna os *Lusiadas* o mais nacional dos poemas epicos.

IV

A narração do Gama refere-se desde o fim do canto IV á idéa da navegação. O poeta ou o heróe conta-nos a historia dessa idéa desde que ella appareceu até que deu todos os seus resultados a Portugal, a saber—dois mundos, um no Oriente, outro na America.

Depois de haver contado a historia da patria desde Viriato até D. Affonso V, depois de haver engastado em sua narração as gemmas da gloria militar do paiz, o poeta chega a D. João II.

> « Este por haver fama sempiterna,
> Mais do que tentar pode homem terreno,
> Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
> Os terminos, que eu vou buscando agora. »

A descripção da viagem dos primeiros emissarios do rei é uma homenagem prestada aos exploradores, que por amor da patria arriscam-se ás aventuras de expedições longinquas, em que deixam a vida. O seculo XIX tem no seu martyrologio muitos nomes desses missionarios da sciencia, devorados uns pelas feras do deserto, mortos outros de fome ou de frio, entre os gelos do polo, as solidões da Australia e os pantanos africanos. A familia, porém, desses homens de sacrificio é antiga, e desde seu começo a sciencia tem sido, como a liberdade, conquistada a preço de sangue. O poeta descreve-nos a expedição por terra ás Indias. Vamos analysar esse final do canto IV com todo o esmero, não só porque n'este livro não

se tornará a elle, como porque o poeta escreveu-o com amor, e em cada verso encontra-se uma prova de seu genio.

Nenhum poeta moderno faz das antiguidades uso tão adequado e de tanto valor para o estylo como Camões. Quasi toda a mythologia de Ovidio, a geographia de Strabo, e a historia grega e romana está em seu poema; ás vezes ha luxo de erudição classica, mas quasi sempre esses nomes antigos, essas ficções poeticas, essas fabulas dão a seu estylo um encanto e uma eloquencia de que elle levou o segredo.

Pela analyse do poema ver-se-ha isso á cada passo; aqui somente chamaremos a attenção para duas ou tres bellezas desse genero.

Sempre que descreve-nos uma viagem, o poeta tem diante dos olhos o mappa do mundo antigo; é proprio isso de um talento como o seu, que burila cada incidente da obra, e que pinta o theatro com o mesmo esmero com que pinta a scena. Os mensageiros vão de Portugal pela Hespanha, França e Italia, e embarcam-se no porto,

« Onde já foi Parthenope enterrada. »

As palavras que se seguem são dolorosas para nós; como um poeta tão recto, como Camões, podia chamar—felicidade—a escravidão e saudar Napoles por se

« ..... illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos hispanos. »

O jugo de Felippe II, pelo qual elle felicitava os Napolitanos, algum tempo depois devia pezar sobre sua patria!

De Napoles navegam os emissarios pelo mar da Sicilia, aprôam ás praias *arenosas* de Rhodes, chegam ás altas ribeiras *onde Pompeu perdeu a vida;* vêem Memphis e as terras que o Nilo alaga; sobem á Ethiopia, que guarda, como as grutas da Thebaida, a fé christã.

D'ahi passam elles as ondas erythréas,

« Que o povo de Israel sem nau passou; »

deixam atraz as serras de Ismael, percorrem a Arabia feliz, em cujos desertos, perseguida pelo pai, Myrrha converteu-se na arvore do incenso:

« as costas odoriferas sabéas
Que a mãe do bello Adónis tanto honrou; »

deixada atraz a Arabia, penetram no golpho persico, onde dura

« Da confusa Babel inda a memoria; »

atravessam os rios Tigres e Euphrates, cuja origem está no Eden,

« Que as fontes onde nascem tem por gloria »

e d'ahi buscando a agua pura do Indo, entram

« Onde não se atreveu passar Trajano. »

Este parallelo do altivo imperador romano, parado á margem do Indo, com todo o seu exercito, sem ousar ir mais longe, e de dois homens, fiados na sua missão divina, que põe com segurança o pé em um solo desconhecido, e embrenham-se por solidões virgens, é muito do genio do poeta; em sua crença de espiritualista, o contraste de um exercito e de um homem nada tem que

admirar, se do lado deste está a idéa e a verdade. Os corações ingenuos tem mais confiança na justiça que na força.

As expedições em tão longinquos climas terminam por uma inevitavel desgraça; o martyrio é o premio da perseverança, da coragem e da abnegação. Ainda hoje todos perguntamos qual será o destino dos exploradores ousados, que cruzam os desertos virgens da Africa!

« Mas de vias tam asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram enfim e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.

Que Camões honrasse por tal arte esses homens illustres que chegaram até o Indo e que não puderam pizar outra vez o chão da patria, comprehende-se e admira-se; o que contrista, é que nem uma palavra tenha elle dito, fallando do reinado de D. João II, das descobertas maritimas da costa africana. O nome de Bartholomeu Dias não devera faltar nessa corôa do rei portuguez. O descobrimento do cabo das Tormentas, nome fatidico posto pelo descobridor e mudado pelo rei, que entrevia o futuro, no de Boa Esperança; a heroica escola de Sagres e a gloria sempre crescente de seus marinheiros; o cabo NÃO, enigma solitario de pedra na costa do Atlas; as expedições de tantos homens illustres possuidos unicamente da idéa de estender as fronteiras do reino e de conhecer os ultimos limites do planeta, tudo isso devia ter um lugar no poema, e receber do poeta a consagração de seus versos. Não era por certo Vasco da Gama quem desejaria que se riscasse da historia a narração das viagens de Bethencourt, Vaz e

Zarco, Noli, Velho, Diogo Cano, e sobretudo Bartholomeu Dias, como se desfez no mar o rasto de seus navios. Os perigos vencidos por outros venceu-os tambem elle, mas elle passou onde os outros pararam, e ainda atravessou centenas de leguas de mar nunca sondado e de céo nunca visto, para descobrir o caminho das Indias.

Façamos justiça á Camões dizendo que elle não calou essas primeiras expedições para tornar solitaria a gloria de Vasco da Gama; o que elle queria cantar era seu paiz, e essas datas notaveis da historia patria, em que successivamente as Canarias, a Madeira, as ilhas do Cabo-Verde, as dos Açores e os reinos de Africa, foram se ajuntando ao pequeno solo da monarchia, não são para repudiar em beneficio de ninguem. Não accusemos assim o poeta por um esquecimento que lhe doeria reconhecer. Tanto menos voluntario foi elle quanto o proprio Vasco da Gama recordar-se-ha dentro de pouco de ter ouvido da bocca de Adamastor lembranças de Bartholomeu Dias:

> « Aqui espero tomar, se não me engano,
> De quem me descobriu summa vingança. »

As estancias que veem depois são chamadas o sonho de D. Manoel. O poeta mostra nessas oitavas muitas faces de seu admiravel engenho. O que primeiro nos sorprehende é a grandeza da concepção: o Indo e o Ganges levantados do leito, e apparecendo diante de D. Manoel para incita-lo á conquista do Oriente; maravilham-nos depois as proporções do quadro, a perfeição da metamorphose, e por ultimo o numero, a harmonia e a opulencia dos versos, notaveis nesse mytho do poema.

Era de noite; o poeta prepara sempre, como dissemos, o scenario; as estrellas nitidas que sahiam convidavam ao repouso,

« sua dentque cadentia sidera somnos »

« Estava D. Manoel no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são. »

O poeta pinta-nos o espirito do rei occupado sempre do pensamento de seus avós,

« (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara,) »

e por isso mostra-o antes de adormecer

« Revolvendo continuo no conceito
De seu officio e sangue a obrigação. »

Nem o somno, que lhe fecha os olhos, furta-o á sua idéa, porque os sonhos de D. Manoel tem por objecto, como suas esperanças, o engrandecimento da patria. O rei sente-se destacar da terra para um ponto do espaço,

« D'onde diante muitos mundos via; »

d'ahi alonga elle os olhos para os lados onde o dia nasce e vê duas fontes brotarem

« .... de antiguos, longinquos e altos montes. »

Sob esta expressão o poeta representa a serra do Himalaya, *antiga* porque de suas fraldas desceu a humanidade primitiva, *longinqua* porque está no seio da Asia, e *alta* porque perde-se no céo com sua corôa eterna de neve virgem. A descripção dessas montanhas é feita com a viva côr local das pinturas do poeta; das aguas que corriam dos

montes altissimos pareceu ao rei que sahião dois homens, *mui velhos*, como se os seculos tivessem passado sobre elles, de *aspecto venerando*, mas *agreste*, como essa natureza indica ao mesmo tempo selvatica e grandiosa; gottejava-lhes agua dos cabellos; a pelle era *denegrida* como a terra queimada pelo sol, a barba *hirsuta e comprida*, como os juncos que bordam as margens dos rios asiaticos. Na fronte traziam elles ramos de uma flora desconhecida, como se viessem de um mundo novo; um delles vinha abatido por ter atravessado mais solidões e mais paizes, e a agua de cujo seio se levantára parecia alterada no impeto de seu curso. Não são esses dois vultos duas metamorphoses maravilhosas dos grandes rios do Indostão? Este, mais grave na pessoa, que vem de mais longe e que se mostra alterado em suas aguas, não é verdadeiramente o Ganges, velho porque foi o berço das religiões immemoriaes da India, longinquo porque demora muito ao oriente do Indo, e turvo de aguas pelos muitos braços em que se precipita no oceano? Essa representação dos dois rios na figura de dois velhos é uma das bellas creações do genio imitativo do poeta. Eis as duas oitavas:

« Das aguas se lhe antolha, que saíam,
Pera elle os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, indaque agreste, venerando:
Das pontas do cabello lhe caíam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas cumprida.

D'ambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Um delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha.

E assi a agua, com impetu alterada,
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem como Alpheu de Arcádia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

A linguagem do Ganges é simples, mas eloquente. A saudação á D. Manoel é uma homenagem ao futuro de Portugal:

« O' tu, á cujos reinos, e corôa,
Grande parte do mundo está guardada.

. . . . . .

Fallando de si e do Indo, sua palavra tem a magestade de uma prophecia; elle desvenda aos olhos do rei o segredo de seu berço, que está no Eden, diz-lhe que a conquista do Oriente será o preço de muito sangue, mas que a victoria é segura.

A expedição de Vasco da Gama é a consequencia desse sonho. Já o coração *presago* promettia grandes coisas ao heróe, quando o rei o escolheu entre todos para essa missão de perigo e de honra. Tomou elle comsigo seu irmão Paulo, Nicoláu Coelho, e uma ardente mocidade.

« Em que cresce o desejo do valor. »

Descreve-nos então o poeta a memoravel scena do dia 8 de Junho de 1497, a partida das naus de Belém á busca do Oriente.

V

A pintura desses navios é digna de Homero.

Essas náus não são só lenhos fluctuantes, que as ondas agitam, são corpos animados de um espirito e de uma consciencia, como os navios pheakianos da Odysséa. Como os cavallos do deserto, que anceiam por quebrar o jugo e respirar o ar livre de suas campinas, esses navios só querem ver-se soltos no mar sem limites, em céos desconhecidos; a gloria tenta-os e vendo no céo feita constellação a trireme antiga em que Jason descobriu o Chersoneso, promettem

« De ser no Olympo estrellas, como a de Argos »

Todo o povo reunia-se na praia de Belém; a expedição interessava altamente á sorte de Portugal e ao coração das mãis. Todos perguntavam se essa sciencia que assim conjecturava da fórma da terra não era apenas um idolo que se nutria de sangue; todos duvidavam desse novo mundo, cujos reflexos não se viam no horisonte, cujos signaes não eram conhecidos, e em busca do qual se sacrificava a flôr da mocidade lusitana. Essa duvida, essa anciedade, essa opposição a uma idéa, que no espirito do povo não tinha chegado á sua hora de madureza, o poeta exprimiu-as em versos immortaes, cujo espirito e sentido podem ser todavia objecto de controversia.

Primeiro, desenha-nos o poeta a scena da despedida; é uma scena de desolação a mais pungente;

todos os que amavam separavam-se de seus filhos, seus amigos, seus maridos, como se já lhes vestissem o luto; diante delles, em sua imaginação, não havia senão a morte: leguas e leguas de um mar despovoado, tempestades e perigos e talvez os gelos do polo, terras crueis, povos vingativos e canibáes.

A dor da mãi, que via partir o filho que era sua consolação e seu amparo; a dor da mulher, que se cria já viuva, mas procurava disputar á morte uma vida, que tantas vezes lhe tinham jurado ser sua, perduram vivas ainda nas estancias do poeta. A oitava em que se pinta a segunda é sobretudo de uma ternura inimitavel; não ha mais forte appello ao coração de um homem do que essas perguntas feitas entre lagrimas pela bocca da mulher amada:

« Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida qué é minha é não é vossa? »

. . . . . .

« Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento? »

O pranto era geral; as lagrimas igualavam em multidão a branca areia da praia de Belem. (1)

De repente as náos livraram-se dos ferros, e, os ventos enfunando-lhes as azas, balançaram-se no mar, com o orgulho de quem levava os destinos de um povo; pouco a pouco a imagem d'ellas foi-se tornando mais rara nos olhos curiosos, cheios de muda interrogação e profunda saudade, que se

(1) Camões. Est. 92.

cravavam em suas velas: afinal o horisonte envolveu-as para só restituil-as dois annos depois, cheias de gloriosas primicias, ás aguas do Tejo.

Emquanto, porém, as náos destacam-se da terra, ouve o Gama as sentenças de um velho, que a brisa do mar levava até o navio. Era um homem de aspecto venerando e

« d'um saber só d'experiencias feito. »

Quem o poeta quiz representar sob a figura desse velho, que maldiz os progressos do espirito humano, que condemna cheio de odio a navegação, que faz do heroismo um opprobrio, e que ultraja Prometheu por ter dado á alma „ *o fogo de altos desejos* " ?

A nós parece-nos que esse velho é o passado, que é um descendente dos antigos heróes, a quem a navegação não parecia a melhor applicação do valor, que queriam luctar contra homens e não contra coisas, cegas e implacaveis, como aguas, ventos e tempestades. O certo é que essa personificação do passado com suas tradições e seus odios é a prova do genio dramatico do poeta: elle deu á voz de um homem uma magestade que não tem mesmo a de Adamastor! Esse velho que apostropha o Gama ou os céos é o vulto de uma idade vencida naquelle momento mesmo pela marcha da idéa. O que elle aconselha a Portugal é a morte: essa terra da Africa que elle lhe pinta como uma outra Chanaam, é o sepulchro. Mais tarde o poeta aconselhará á um rei e á um povo ainda mais fracos a mesma infeliz expedição, mas, pondo na bocca desse homem, que symbolisa as causas vencidas pelo progresso humano, o grito

de uma nova cruzada á Africa, deu-nos o poeta o direito de contal-a no meio dos tristes legados de um passado já morto.

A' vista dessas estancias, poderemos dizer que, se Camões cantou a loucura de D. Sebastião antes de dar ella todos os seus fructos, um dia ao menos condemnou esse sonho de uma geração que supprimia o seculo decimo sexto? e que se em vez do poeta, fosse elle o conselheiro do rei, vacillaria antes de seguir a politica que elle mesmo entregou ao ludibrio da posteridade embalsamada sob a forma de um ancião, que amaldiçôa a gloria, o heroismo, o progresso, e a epopéa portugueza do Oriente? Eis o que vamos ver.

Por mais desoladora que seja a excommunhão desse velho, admiremos a eloquencia do poeta, que dá á todas as causas a unica linguagem que pode fazel-as acceitar.

As primeiras oitavas são uma imprecação contra a gloria de mandar, a popularidade e a fama,

« Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana! »

Duvidando das futuras conquistas do Oriente, pergunta elle qual será o premio da gente que vai partir:

« Que perigos, que morte lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente? »

Lamenta depois o peccado e a desobediencia de Adão, que fechou para a humanidade a idade de ouro e lançou-a na de ferro; sua apostrophe á guerra é admiravel:

« Já que n'esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantesia;
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeste nome, esforço e valentia;

Já que prezas em tanta cantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada; pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá. »

Aconselha então a Portugal a destruição do povo ismaelita, incita-o com a differença de suas duas religiões, tenta-o com suas *cidades mil e terra infinita*. O que é notavel é que Camões, pondo agora na bocca desse velho a condemnação de sua epopéa, parece n'este ponto esquecer que elle é a representação de um passado vencido; ninguem dirá que não é o mesmo Camões quem falla por elle; essas duas oitavas poderiam estar intercaladas na invocação a D. Sebastião ou no principio do canto septimo. Isso faz que a creação não tenha unidade, que n'um ponto condemne a obra toda do poeta e em outro seja a palavra de seus sentimentos mais constantes. Isso faz que se acredite que o poeta teve sempre a peito o seu sonho da expedição á Africa, e que sempre que d'elle fallou foi com o enthusiasmo e a fé de um vidente.

« Deixas crear ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tam longe,
Per quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe. »

Esse velho que é nessas palavras o interprete do sentimento do poeta, com essa modificação que elle queria a expedição á Africa em 1498, e que Camões a queria em 1572, e com outra mais importante ainda, que antes que uma expedição á Arzilla Camões quereria a de Vasco da Gama se fosse seu contemporaneo, esse velho vai agora condemnar os *Lusiadas*.

Depois de uma maldição que, nem por lembrar

os versos de Horacio, perde em originalidade e em valor,

« Oh maldicto o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho! »

o ancião pede ao ceo que esse primeiro navegante não encontre nem cithara nem engenho que o faça immortal. Não se dirigirão esses versos a Vasco da Gama, nem terá o ancião adevinhado Camões quando taes palavras proferiu?

« Nunca juizo algum alto e profundo
Nem cithara sonora ou vivo ingenho,
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas comtigo se acabe o nome ou gloria! »

As duas oitavas seguintes, parecendo ser a condemnação das armas, são a do progresso. O poeta deu ao ancião toda a eloquencia de que era dotado o seu estro, para faze-lo pagar um involuntario tributo á intelligencia humana.

Esses gigantes que protestam contra uma ordem de coisas que os esmaga; esse velho que enumera os grandes arrojos do homem para condemna-los; prestam ao progresso a homenagem de reconhecer as suas conquistas. Maldigam-no embora; apontando-as, a honra da humanidade está salva. Baccho, no VI canto, accusa os homens de irem tornando-se deuses; ha mais solemne reconhecimento do progresso ascendente e indefinido?

O ancião lamenta que Prometheu tivesse dado á sua estatua

« Fogo de altos desejos que a movera. »

O que é isso? E' o momento em que na alma do homem entrou uma faculdade divina, em que o

coração teve sêde de uma felicidade ideal, em que o amor não conheceu barreiras, em que o valor, a abnegação, o sacrificio, o desprezo da morte collocaram a alma acima do corpo e deram-lhe a liberdade, que ella sonhava! Depois d'isso houve na humanidade homens que guardaram a antiga semelhança com o animal, mas d'esses os houve sempre; o que appareceu, sim, pela primeira vez, foram homens que viram Deus no fundo de seu coração, como se vê um reflexo na agua. Desde então a sciencia, a liberdade, as artes, a moral, o estado, foram apparecendo na terra, e o *fogo de Prometheu* tornou-se a verdadeira aurora da humanidade.

Que mais eloquente homenagem ao progresso incessante do que essa maldição ao homem, por não deixar de tentar um só commettimento?

« Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte, extranha condiçao! »

Essa creação do poeta que parece como a de Adamastor não ter unidade, tem-na completa fóra do poema (1). Esqueçamos o sonho de Camões da expedição á Africa, e esse velho fallará exactamente a linguagem dos portuguezes do tempo de D. João I. Os perigos da navegação, a incerteza do successo, o longo periodo necessario para ter-se no reino noticia das náos que levavam tantos heróes, tudo amedrontava não só os que ignora-

(1) A unidade subjectiva da creação é perfeita

vam as probabilidades que havia de encontrar-se o caminho das Indias, como os que eram mais versados na geographia. Na vida d'el-rei D. Manoel, de Osorio, esses sentimentos são pintados ao vivo. Eis as vozes que elle põe na bocca de quantos assistiam á ceremonia do templo de Belém:

„ Ah! miseros mortaes! onde nos arrojou tal ambição e tal cobiça! Que mais horridas justiças fariam nestes coitados, á terem n'algum faccinoroso crime decahido! Tam longos e desmesurados mares que teem de perpassar, tam despiedadas montanhas de ondas, que teem de atravessar, e os riscos que em tantas paragens lhes estão a vida ameaçando! Não lhes fôra mais comportavel acaba-los com qualquer feição de morte, que lança-los, em tal desvio da patria, n'uma campa de salgadas ondas? "

Esse era o pensamento vulgar; para muitos, se era necessario fazer algum sacrificio ao espirito militar e emprehendedor, fizesse-se a guerra d'Africa, onde as palmas não seriam menos gloriosas e custariam menos perigo. Esse velho póde bem ser a representação do povo, que pouco fiava dessa aventurosa expedição e que temia que o Gama parasse defronte do cabo das Tormentas, voltando com a desillusão e com os destroços apenas de suas náos. Seja porém esse velho a personificação do povo ou a do passado, é sempre uma grande creação; é elle no poema, como o Adamastor, a voz de uma fatalidade vencida; quanto mais eloquente é seu anathema, mais é elle um involuntario reconhecimento do ascendente do pro-

gresso. Nessa figura que exprobra á humanidade sua grandeza, á intelligencia seus vôos, ao coração seus altos desejos, á Portugal sua epopéa, vê-se logo o genio do poeta, dando sempre á cada idéa que tinha tido sua epocha uma personificação e uma voz.

VI

No canto V prosegue a viagem do Gama. São scenas do mar, que fazem de Camões o poeta da navegação. (1)

A estancia em que elle pinta a partida dos navios, que lentamente se destacam das praias de Lisboa, está na memoria de todos; ninguem a leu que não a saiba; ninguem afastou-se de sua terra, nem vio vacillar pela ultima vez no extremo do horisonte a sombra da sua cidade, que não a repetisse. E' a expressão da saudade do navegante que de repente perde de vista a terra querida e sente que está na solidão do mar.

« E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar e ceo. »

Com que orgulho diz Vasco da Gama:

« Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abriu ! »

Vem aqui a homenagem esperada ao glorioso infante, fundador da escola de Sagres, cuja me-

(1) O canto V é analysado na parte terceira do livro segundo, onde se trata de Adamastor.

moria velava ainda n'esses mares sobre os navios portuguezes:

« As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o Generoso Henrique descobriu. »

A ilha da Madeira apparece com seu arvoredo e sua sombra; n'ella Venus teria sua morada, se não fôra a ultima das ilhas descobertas e lá

« se esquecera
De Cypro, Gnido, Páphos, e Cythéra. »

Costeam os navegantes o deserto do Sahara. O poeta tem, para pintar a esterilidade e a aridez do solo, côres tão reaes, como para pintar-lhe a riqueza e a abundancia. Quem ao ler a oitava em que as solidões do Sahara são reproduzidas não reconhece o deserto sem agua,

« Gente que as frescas aguas nunca gosta »

sem vegetação e sem sombra,

« Nem as hervas do campo bem lhe abastam, »

uma terra enfim sem fructos, cuja extrema aridez este verso pinta admiravelmente:

« Onde as aves no ventre o ferro gastam, »

allusão feita aos solitarios habitantes do deserto, as avestruzes, que o poeta acredita sustentarem-se das areias ardentes e dos metaes achados n'ellas, porque esses plainos brancos, esses areiaes infinitos não têem verdura nem agua.

A constellação do Cruzeiro, que mostra o polo do sul, é descripta em uma estancia: não era ella para o poeta, como para nós, um symbolo nacional,

mas em seu amor pela sciencia, o poeta consignava cada astro, cada phenomeno maritimo ou celeste; é assim que elle nos pinta o sant'elmo e a tromba:

« Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi á todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do oceano. »

Conta-nos depois o poeta a aventura de Velloso, de um modo cheio de jovialidade, em que se reconhece logo uma dessas historias contadas á noite á tolda dos navios para quebrar o enfado da vigia. Velloso, segundo nos conta o poeta, e além delle Damião de Góes e o Roteiro, quando a frota estava na angra de Santa Helena, sahiu com os negros para ver a terra, e como a companhia não lhe agradasse, nem se achasse seguro nella, voltou ás náos um pouco apressado; os negros deixaram-no vir sem fazerem-lhe mal, mas o Gama, que o fôra buscar nos bateis das náos, travou com elles uma pequena escaramuça, na qual foi ferido por uma zagaiada. A maneira pela qual Camões faz os companheiros alludirem á carreira de Velloso, e a resposta prompta e espirituosa deste são modelos de estylo comico, tão raro no poema epico, mas nessa circumstancia perfeitamente adequado.

« Disse então á Velloso um companheiro
(Começando todos a surrir)
« O' lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
E' melhor de descer que de subir »
Si é (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães depressa um pouco vim
Por me lembrar que estaveis cá sem mim. »

A' essa alegre historia de Velloso, succede no poema a grandiosa ficção do Adamastor.

Adamastor domina todo o canto quinto com sua soberba figura; depois ver-se-ha o que representa essa creação extraordinaria da poesia épica. Sentado na costa meridional da Africa era elle a alma desse promontorio, que parecia guardar os mares do Oriente. Através de todo esse canto desenvolve-se pois a acção epica, que tambem occupa o canto sexto, em que vemos as náus no caminho das Indias, vencendo a mais terrivel tempestade que já revolveu o oceano, e saudando com effusão a terra de Calecut, que á madrugada se entrevê ao longe por um mar ainda coberto das espumas da tormenta.

Será preciso fazer o leitor recordar todos os argumentos do poema, para ver que até o canto decimo desenvolve-se sem interrupção a idéa da navegação de Vasco da Gama?

VII

E' assim o poema desde o primeiro ao ultimo canto a epopéa da navegação de Vasco da Gama; com essa, porém, está entretecida uma outra. Sem que um momento a acção epica do descobrimento das Indias seja interrompida, sem que percamos de vista os navios gloriosos que sulcaram tantos mares virgens, ao lado desse poema do Oriente ha o de Portugal. A expedição de 1497 foi a idéa dos *Lusiadas*; sem ella Camões não poderia escrever

a historia da patria, mas a idéa do poema não é todo elle. Antes de tel-a concebido, o poeta queria levantar o monumento nacional; faltavam-lhe os alicerces; quando os teve, pôde dar curso a seus sentimentos e pagar a divida de seu genio á terra que foi-lhe o berço. E' por isso que distinguimos no poema a idéa do espirito. O que Camões quiz antes de tudo foi gravar em uma columna mais duradoura que o bronze, em uma pyramide mais solida que o granito, a historia de seu paiz: esse foi o seu sonho. Muito tempo ao recordar todo o seu amor pela patria, amor que consolava sua alma da saudade do tumulo de Catharina, muito tempo perguntou elle á seu genio como havia de erguer esse monumento; era preciso reunir n'elle todos os mythos, as legendas e os fastos nacionaes; era preciso pintar a galeria dos reis, que no passado eram pelo menos os primeiros soldados do paiz; era preciso que seu livro fosse o livro da patria, que a alma da nação respirasse em seus versos, e que fosse elle em todos os tempos o deposito das esperanças, das tradições, da gloria de Portugal. Como, porém, dar a fórma epica, uma fórma dramatica, cheia de vida, de sequencia e de unidade á historia de tantos seculos? Ainda nenhum povo o tinha tentado; muitos tinham suas lendas nacionaes, mas um poema que fosse a historia toda do paiz nenhum o possuia. No Oriente havia talvez desses poemas, mas eram antes collecções de livros, como o Zenda Vesta, como a Biblia. Um dia, viajando no rumo de Vasco da Gama, o poeta teve a revelação de sua grandiosa epopéa; encontrou elle então a idéa, que ia fazer a unidade de sua creação, e que ia dar-lhe a forma epica. Essa idéa, sabe-se qual foi.

A longa navegação nos mares do Oriente, as noites de solidão e de calma, as grandes tempestades, a apparição no fim de tanto tempo de uma terra virgem, de uma vegetação nova, de cidades de uma primitiva architectura, de templos colossaes erguidos a deuses sanguinarios, de uma outra humanidade separada por milhares de annos da do Occidente, tudo isso pareceu ao poeta extraordinario, e isso era digno de seu genio. Essa foi a idéa dos *Lusiadas*; de posse d'ella, o poeta tinha as linhas, o estylo, os alicerces e a unidade da obra que queria levantar.

A expedição de Vasco da Gama é um assumpto epico. As cruzadas, que Tasso depois cantou com tanta felicidade, o descobrimento da America, que ainda não teve o seu Homero, são na idade moderna, a saber, depois do christianismo, os mais bellos assumptos de uma epopéa. A navegação sobretudo tinha sido para a humanidade um grande progresso, porque, ao passo que descobrira á Europa mundos novos, tinha sido um commettimento nobre, todo de sacrificio, em que o sangue não havia corrido, e ao qual as condições especiaes em que se realisou davam um novo e mysterioso realce.

As cruzadas foram a expansão universal da fé christã, mas as cruzadas foram grandes guerras longinquas, cujo resultado definitivo foi nullo: puzeram ellas em communicação o occidente e as fronteiras do oriente, operaram a circulação das idéas pelo velho mundo, conduziram a França á Byzancio, a velha Inglaterra á Grecia, enfraqueceram o feudalismo, e por terem approximado os povos prepararam certa confraternidade, que

as guerras intestinas da familia européa não poderam depois destruir. Mas as cruzadas foram grandes guerras religiosas, e a espada não é o arbitro da fé; demais, ellas provaram apenas a impotencia do occidente, enclausurado tanto tempo nos conventos, coberto de cilicios, deslumbrado pelos extasis da media idade, diante desses fortes e vigorosos filhos do Levante, em cujo coração a fé ardia expontanea, como o amor. Seria a tomada de Jerusalém o objecto dessas expedições? a epopéa christã deveria findar, como o fez o Tasso, com a entrada de Godoffredo nos muros da cidade santa? Era preciso tomar e guardar; o sepulchro de Christo, sobre cuja pedra os primeiros cruzados verteram tantas lagrimas de piedade, não passou logo ás mãos dos musulmanos? Houve reinado mais ephemero que o de Jerusalém? Os gregos tomaram Troia, queimaram-na, cobriram seu solo das cinzas de seus palacios, e annos depois perguntava-se onde tinha existido a cidade de Heitor; a tomada de Troia podia bem ser o fim da Illiada. Mas além de penetrar na cidade santa, e beijar cada pedra do tumulo de Jesus, era preciso vincula-lo ao christianismo, ao occidente; isso não se fez, as cruzadas depois de transitorios triumphos, só deram em resultado, como luctas de religião, a humilhação do Evangelho, e nova coragem aos povos do Oriente para estender sua fé. A tomada de Constantinopla e o captiveiro da Grecia deviam ser os fructos amargos e tardios da impotencia do Occidente em face do fatalismo arabe.

A expedição ás Indias, porém, é toda de paz e de sciencia; a primeira idéa que apparece nella

é a da patria. O sonho dos reis de Portugal fôra estender os limites de seu paiz: pequeno como era, no dia das grandes agglomerações poderia elle ser uma das victimas. Depois a outra idéa, era a sciencia; corrigir a geographia antiga e demarcar melhor o nosso planeta; o christianismo tambem apparecia nesse pensamento complexo —era preciso dilatal-lo pelo mundo, e preparar para os povos uma outra epocha de felicidade moral, que as religiões barbaras e immoveis do Oriente tornavam impossivel. Ao passo que nada havia na expedição ás Indias que pudesse repugnar á consciencia moderna, que heroismo, que nobres sentimentos não deviam realisa-la! Esse mar immenso e infinito, que as náos rompiam com tanta segurança, não seria um grande tumulo? Que creações, que maravilhas, a imaginação popular não sonhava por essa extensão de agua sem limites? O que estaria reservado á esses, que assim abandonavam tudo que amavam no mundo? A terra seria o mesmo globo que a sciencia descrevia, mas a que o pensamento não se habituava? Essas eram as duvidas do povo, e por menos que as partilhassem os navegantes, nenhum dia deixou de trazer-lhes uma grande anciedade. Cada milha que o vento fazia vencer ás náos approximava-os do Oriente que elles buscavam, ou de um abysmo imprevisto? O fundo desse mar, nunca sondado, não estaria cheio de rochedos, e as náos não encontrariam pela prôa, por uma noite de luar ou por uma clara manhã de primavera, quando a vida mais sorrisse, uma dessas atalaias de pedra? As correntes oceanicas, que depois desviaram Cabral para o Brazil, não os levariam

á uma morte certa? Foi, sim, essa a mais longa anciedade da navegação, se exceptuarmos a de Colombo; mas em honra dos descobridores do Oriente poucos desanimaram; a esperança foi mais forte que a descrença, o dever que o temor, e quando saudaram a terra da India nenhum se tinha deshonrado pela revolta. Se essa navegação é por si só um assumpto epico, os seus resultados tornam-n'a ainda mais notavel. Esses navegantes encontram o caminho encoberto das Indias. A grande conquista estava operada, e fôra pacifica; dois mundos estavam ligados pelo oceano, duas civilisações iam encontrar-se; os limites da terra eram quasi, por assim dizermos, conhecidos.

Teve Camões razão em se fazer o poeta dessa expedição, mas não esqueça o leitor que, por mais gloriosa que ella seja, e apezar de formar a unidade do poema, que ella é um momento da vida nacional. O heróe verdadeiro de Camões é a patria; unico dos poetas epicos, atreveu-se elle a cantar a vida de seu paiz; é por isso que vamos ver agora qual foi o espirito dos *Lusiadas*, e o que poeta sonhou ao produzil-o. Se as epopéas primitivas são, como a sciencia historica demonstra, a agglomeração dos cantos de uma geração, e se um poema epico é a mais bella das creações do genio, os *Lusiadas* são a mais pura, a mais vasta e a mais nacional das obras de um só homem!

PARTE SEGUNDA

O MONUMENTO NACIONAL

I

Vimos que a idéa do poema foi a navegação, mas os *Lusiadas* são um todo harmonico, inspirado pelo mais puro amor da patria.

Quando o poeta teve a concepção de sua obra, tinha já em um gráo altissimo o amor de sua terra e de sua gente. Esses foram desde então os supremos amores de sua vida. Inspirado por Deus, tornou-se elle o instrumento fatal de uma idéa, como os antigos prophetas de Israel. O cyclo da navegação ia encerrar-se quando nasceu o seu Homero. O mesmo anno vio o nascimento do cantor e a morte do heróe.

Tinha o poeta consciencia de seu destino e de sua missão. A luz do genio não se concentra, apaga-se ou irradia.

Ao ler os antigos poemas, sentio Camões todo o poder de sua inspiração, e vio que era da familia dos grandes poetas. Havia elle escripto sonetos

admiraveis, eclogas, elegias, idyllios suaves; já tinha para deixar á posteridade a fama de um novo Petrarca. Emquanto fiou de Catharina a felicidade de sua vida, ficava elle contente de si cada vez que celebrava em versos immortaes a belleza, o amor, as saudades e a ingratidão de sua amante. Um dia, porém, a realidade appareceu-lhe atravez de todos os seus sonhos, e elle sentio que era forçoso tentar pela gloria um maior esforço. Ou porque um nome sem rival podesse destruir os preconceitos dos parentes de Catharina, ou porque obedecesse elle á essa impulsão do genio, em que Socrates via um demonio interior, o poeta poz-se logo á obra. Vio elle então que tinha um grande amor na alma, amor que nascia nas ruinas ou á sombra de seu primeiro amor, e que devia ser o asylo de um nobre coração perseguido pela dureza das prevenções sociaes ou ralado de uma eterna saudade!

Era este o da patria. Ao partir para as Indias levava, pois, o poeta um outro culto, e sua alma, que tinha se queimado em adoração á primeira de suas divindades, ainda guardava para a segunda seu melhor incenso!

A longa navegação d'aquelles tempos, a fama crescente do Gama, o ir elle no rumo das antigas frotas, sua presença no theatro de tão legendarias luctas, as amarguras de um exilio, a vida do mar tudo despertou na intelligencia do poeta a idéa de cantar o descobrimento das Indias. N'essa expedição de Vasco da Gama tinha-se achado o caminho do Oriente, e dois mundos, antipodas e sempre desconhecidos um do outro, haviam-se encontrado frente á frente. O poeta vio logo tudo que havia

de epico em um tal acontecimento, e comprehendeu que era d'essa viagem do Gama que elle precisava para pagar á seu paiz a divida de um amor immenso. O que elle devia fazer era um poema nacional. A idéa da navegação prestava-se a isso; converteria elle o seculo XV em um periodo epico, transformaria em semi-deuses os navegantes e soldados da India, depois cercaria todos esses grandes feitos da antiga aureola da Lusitania, e, collocando no primeiro plano a patria, faria de sua historia uma longa epopéa. Isso ousou Camões e isso realisou-o elle.

O titulo do poema mostra sua intenção. Os que accusam Camões por ter esquecido o Gama e a expedição são inveridicos, e além disso não perceberam bem os dois momentos differentes da concepção do poema. A idéa foi a navegação, mas o espirito foi a patria.

O heróe dos *Lusiadas* não se chama Vasco da Gama, chama-se Portugal; não é o navegante ousado que descobrio as Indias, são todas as gerações heroicas que o solo da patria produzio, a primeira que o libertou, a segunda que venceu a Hespanha, a dos tempos de D. João II e de D. Manoel, que partia sedenta de gloria

« A ver os berços onde nasce o dia. »

As primeiras estancias mostram que não se trata de um homem. Homero canta a colera de Achilles, filho de Pelêo; Virgilio, o heróe perseguido por Juno que primeiro aportára ás praias de Lavinium e levantára as altas muralhas de Roma. O heróe ostensivo de Tasso é Godofredo de Bouillon.

Canto l'armi pietose e'l capitano
Che 'l gran sepolcro liberò di Christo,

versos que os gondoleiros venezianos repetem substituindo a paraphrase pelo nome do chefe:

E di Goffredo la immortal branza....

e, se, no correr do poema, esquece o poeta o seu heróe no segundo plano, não é senão para mais realçar Rinaldo e pagar um tributo á casa d'Este.

Camões, porém, não tem um heróe singular; vai cantar esses homens esforçados em guerras e perigos

« Mais do que promettia a força humana; »

não canta o valor individual de Gama, mas

. . . . . o peito illustre lusitano
A' quem Neptuno e Marte obedeceram. »

A primeira vez que elle pronuncia o nome do descobridor das Indias é na estancia XII e ahi depois de Egas Moniz e de D. Fuas, para cantar os quaes elle só *cubiçava a cithara de Homero*. Apparecendo n'esse momento tem o almirante o alto elogio que lhe é devido:

« Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Enéas toma a fama. »

Esse *tambem* mostra que Camões não se propunha á cantar só um personagem; depois do Gama, que já tinha predecessores na estancia, vem os Almeidas, os Pachecos, os Albuquerques e os Castros. E' o Pantheon portuguez essa invocação dos *Lusiadas*. A nação ganha com todos as glorias que a honraram, sem invejar nenhuma. Não é ella o pedestal dos heróes, como a Grecia homerica; os heróes são sua emanação.

Foi esse o pensamento do poeta, e é por isso que o seu poema é o mais nacional dos poemas modernos. Vasco da Gama é na verdade o chefe da expedição; o lugar de honra pertence-lhe, mas elle só é grande porque é a viva representação da patria. O infante D. Henrique, D. João II, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Magalhães, são outras tantas manifestações do genio da navegação, que tinha a nação portugueza. Posta á beira do mar, fechada com sua imaginação e sua alma em uma lingua de terra, á mercê da Hespanha, no tempo das conquistas e da força, Portugal sonhava o dominio de um novo mundo, acreditando ter bastante vida para animal-o. Essa idéa que entrou na intelligencia do paiz teve em certa epocha os mais illustres soldados e muitos martyres; todos que se sacrificaram por ella, e os que com ella venceram, cobriram-se de gloria, mas a gloria maior era da nação, que tinha feito d'esse sonho sua politica e que vivia d'elle. Isso comprehendeu-o Camões com a intuição, que dá o amor. Escrevendo o poema da navegação, sentio que era preciso dar á seu paiz o principal papel. E' assim que a gloria da nação torna-se mais pura e mais brilhante, á medida que se penetra no interior do poema; é um monumento nacional, em cujos baixos relevos estão esculpidas grandes batalhas, e que está cheio de estatuas de heróes. Nenhum feito notavel do mais remoto passado falta á esses Annaes da raça portugueza; nenhuma pedra preciosa falta á essa corôa de um povo forte adormecido no sepulcro de Alcacer. Os *Lusiadas* são o poema de Portugal.

II

A invocação á D. Sebastião, que abre por assim dizermos o poema, é assumpto de serio estudo. Amando excessivamente sua patria, o poeta deixou-se todavia cegar pelos preconceitos de seu tempo, e aconselhou ao joven rei essa expedição infeliz que devia dar tão amargos fructos.

Essas estancias á D. Sebastião são a mais bella invocação de que jamais o throno foi objecto. A estancia X contém em si a affirmação do patriotismo do poeta, da gloria da nação e do esplendor da monarchia. Fallando de si diz elle com orgulho pedindo ao rei que olhe para seu poema :

« Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno,
Que não é premio vil ser conhecido ,
Por um pregão do ninho meu paterno. »

Fallando da geração que vai cantar, confunde elle em dois versos a honra do povo e a do monarcha:

« E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente ! »

Essa invocação, porém, com a qual se tem querido comparar os hexametros de Virgilio sobre Marcello, filho de Octavia, produz hoje em nós uma dolorosa impressão. Quando o poeta latino escreveu esses versos, era uma lagrima que elle derramava sobre a campa do joven romano esperança da liberdade e da grandeza de seu paiz.

„ Dai-me lyrios, diz Anchises ás mancheias, quero espalhar flores roxas, fazer essas ultimas offrendas á alma de meu neto: quero cumprir esse inutil dever. "

Está ahi a morte em toda sua lividez, roubando uma esperança viçosa, „ o mais bello renovo do solo romano, " aquelle que muito moço ainda, por andar talvez no palacio de Livia, trazia a fronte cercada da triste sombra de uma noite cruel.

. . . . *nox atra caput tristi circumvolat umbrâ.*

Diante, porém, de D. Sebastião não são lagrimas de dôr que o poeta deixa cahir, são hymnos que elle levanta, e a historia veio desmentir as suas prophecias. Essa eloquencia toda de uma esperança verdadeira, qual a d'elle, parece hoje uma ironia. Nunca um principe foi objecto de tal preito; mas a immortalidade, que deu-lhe o poeta com a mais bella invocação que ha em litteratura alguma, hoje é uma condemnação.

Em seu tempo, porém, quando taes versos escreveu, era o poeta a voz de seu paiz. D. Sebastião ainda não era rei, e era ardentemente desejado. A regencia do cardeal D. Henrique concorria tanto para esse geral sentimento, como as condições pessoaes do joven rei. Filho de um pai infeliz morto na flôr da idade e de uma princeza tão linda quanto dedicada, imagem de sua mãi, ultimo descendente de D. Manoel, era elle a promessa da duração da dynastia; ora a dynastia era mais do que á realeza, era a patria!

A liberdade lusitana estaria annullada se os reis de Castella recebessem a herança do velho cardeal ou talvez a de D. João III!

Era a voz da patria que fallava pelo poeta quando, dirigindo-se a D. Sebastião, começava assim:

« E vós, ó bem nascida segurança
Da luzitana antigua liberdade ! »

O preconceito, porém, de seu seculo toma cedo o lugar do verdadeiro patriotismo, e identificando os destinos do paiz com os da christandade, acreditando que Portugal sentia a repercussão dos triumphos ottomanos no Oriente, apostolo de uma nova cruzada, o poeta incita D. Sebastião á constituir-se o centro da restauração christã no mundo. Depois de tel-o chamado a *segurança da liberdade patria*, continúa Camões:

« E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade. »

O destino de Portugal apparecia ao poeta ligado á aniquilação do mahometismo; o mesmo pareceu depois ao rei, e isso matou a nação, sepultou-a nas areias da Africa e entregou seu cadaver aos corvos do Escurial.

Não era só a expedição á Africa que elle apontava como a perspectiva do novo reinado,

« Em vós os olhos tem o Mouro frio
Em quem vê seu exicio afigurado, »

é mais, é litteralmente uma nova cruzada para libertar o sepulchro do Christo e livrar as aguas do Jordão dos labios impuros dos hereges:

« Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o liquor do sancto rio. »

E para animar o joven rei nessa empreza que á qualquer intelligencia se afiguraria impossivel, o poeta evoca duas sombras, as de seus avós. E' D. João III que representa a paz, a independencia nacional; e é Carlos V que representa o imperio universal. Escrevia elle isso aquem do meiado do seculo XVI. Carlos V era já fallecido e o reinado de Carlos V diz bem quanto tinha de insensata e de impossivel essa destruição do imperio ottomano. O Oriente já tinha deixado a defensiva para tomar a offensiva, e Soliman, o Grande, vivia ainda (talvez) quando Camões escrevia esses admiraveis versos: é dizer tudo. As frotas turcas chegavam livremente perto de Malta; Belgrado, Rhodes, Tauris, Bagdad, Tunis, a Georgia, pertenciam á seu imperio; tinha elle feito João Zapolski rei da Hungria, e sitiado Vienna no coração da Europa. O imperio ottomano era assim um facto, que era preciso acceitar por muitos seculos, e as forças de Portugal ao lado do colosso, que tirava de suas victorias nova coragem, eram as de uma criança.

Camões devia ter sido um homem politico, como Dante; mas contentou-se com ser um poeta, e um soldado, o que era n'esse tempo a melhor maneira de ser do cidadão. Será elle culpado por ter dado á esses sonhos a fórma eloquente que lhes deu, e por ter infiltrado na alma do principe o veneno de um orgulho e de uma confiança em si sem limites?

Certamente não se póde responsabilisar o poeta pela expedição da Africa; seu officio não era de conselheiro, era de cantor; não tinha que guiar a opinião, tinha só que dar-lhe uma voz, que, por ser a mais alta do paiz, se faria ouvir em toda a parte.

Essas estancias admiraveis dictou-as o amor da patria e sua susceptibilidade de guerreiro portuguez, em um tempo em que as praças d'Africa, onde tanto sangue corrêra, eram occupadas pelo inimigo.

Talvez o seu sentimento religioso, que cresceu para o fim da vida, lhe fizesse crer na possibilidade de uma tal conquista; a fé, que ainda existia então em toda a força de sua ingenuidade, podia ter-lhe feito crer em uma intervenção superior; talvez mesmo para agradar ao joven principe, de quem a opinião e a idéa fixa podia já ser conheçida, e sabia-se como elle tratava os que não acreditavam em seu triumpho, o poeta na invocação fallasse com tanto enthusiasmo de um sonho que devia, tornando-se em politica de um deploravel reinado, ser a morte de sua patria. O poeta, porém, podia sonhar, não o podia o rei; o poeta podia acenar-lhe com uma gloria infinita, devia o rei ver que ella era impossivel; o poeta podia enganar-se ouvindo a revelação de seu patriotismo, o rei não tinha o direito de sacrificar a nação. E' por isso que condemnando, como mais tarde o faremos, D. Sebastião, dizemos apenas que essas estancias magnificas de eloquencia e de poesia á elle dirigidas produzem uma impressão dolorosa... nenhuma dessas esperanças realisou-se. Ascetico, como era, tinha D. Sebastião horror ao casamento e morrendo sem filhos legou a corôa á Hespanha; imprudente e temerario, não augmentou a christandade, mas assegurou o dominio dos mouros e destruio a ultima esperança de que o reino tornasse ao que era no tempo de D. João II. Demais esses versos são o monumento levantado á um sonho, que matou Portugal!

E' por isso que ainda que como monumento litterario as estancias de Camões sejam superiores aos hexanetros de Virgilio, o

« si qua fata aspera rumpas,
Tu Marcellus eris.... »

tem uma outra expressão. As promessas de que o poeta fez depositario o joven filho de Octavia, as esperanças que descansavam sobre sua fronte, a morte, e só a morte não as deixou realizarem-se. Ainda hoje nós perguntamos o que seria de Roma se Marcello não tivesse morrido antes de Tiberio. A morte deixou a pergunta sem resposta, converteu a duvida em enigma; é assim que os versos do poeta tem sempre a mesma belleza, porque ninguem poderia desmentir a prophecia de Anchises. As esperanças, porém, que Camões, e nisso elle foi o poeta nacional, tinha em D. Sebastião foram todas desfeitas. Só a morte que o arrebatou na flôr da idade, em um momento ao qual não devêra já sobreviver, se viesse um anno antes teria feito delle um novo Marcello, e as estancias do poeta não seriam cruelmente desmentidas pela historia!

III

Ao passo que se penetra no interior do livro o sentimento do poeta torna-se mais claro, e reconhece-se que, ao lado dessa idéa de cantar a expedição, ha tambem a de escrever a historia da patria. A viagem do Gama é o esqueleto, que

o poeta anima com as prophecias dos destinos nacionaes e com as recordações dos seus fastos. Essa geração de 1497 torna-se heroica, porque o poeta pintou-a com a robustez e a vida do velho Portugal, deu-lhe a armadura de Affonso Henriques, a espada do Condestavel, e coroou-a com a gloria incessante de quatro seculos.

Logo no canto II Jupiter desvenda em parte os destinos de Portugal, faz-nos a apotheose de Pacheco e prediz a conquista da India. E' n'esse canto que á imitação da Eneida o rei de Melinde pede á Vasco da Gama que lhe conte a historia de seu povo e de sua raça.

O discurso do rei de Melinde é classico, mas inverosimil. A observação de Voltaire é justa. Um rei mouro da costa africana não faz uso quotidiano da mythologia; o poeta, que tem sempre tanta côr local, não cogitou de que não era natural que um rei de Melinde, antes do descobrimento das Indias, fallasse de Theseu, Pirithoo, Ctésiphon, Erostrato, e do

« Reino de Plutão, horrendo e escuro. »

Pedindo-lhe que narre á historia de seu paiz, o rei de Melinde imita em um verso o silencio que havia em torno delles na solidão do mar. O poeta tinha sempre que exceder o modelo de Virgilio, e n'isso empenhava todo o seu engenho. Ao

Conticuere omnes, intentique ora tenebant,

responde elle com esta pintura ao vivo do silencio e da immobilidade:

« O vento dorme, o mar, e as ondas jazem. »

A narração do Gama occupa tres cantos do poema. E' a historia da monarchia lusitana desde Viriato até D. Manoel. Todos os grandes quadros da gloria portugueza estão insculpidos n'ella. São tres cantos em que respira a alma da patria.

Abre a narração uma descripção magnifica da Europa. Foi uma feliz inspiração de Camões fazer o Gama pintar aos olhos do rei de Melinde em versos admiraveis o mappa do velho mundo. Tambem essa descripção perdurará como um modelo de vasta erudição, de invenção poetica, de intuição do futuro, de inimitavel pintura, e como mais um documento dos sonhos de Camões.

O poeta procura amenisar a descripção geographica por meio de imagens, de evocações e de lembranças amaveis. De repente n'esse quadro da Europa, no seculo XV, apparece uma memoria eloquente que nos recorda o passado, e uma doce ficção que nos leva aos mythos encantadores da velha Grecia. Fallando-nos do mar do Archipelago, não parece que o poeta faz levantar-se delle, na sombra do crepusculo, o espectro da antiga Ilion, e que na foz do Scamandro desenham-se os traços phantasticos da cidade de Priamo?

« . . . . e o mar, que fêro e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria, o navegante. »

Camões é realmente nas particularidades como nas vastas concepções um grande poeta. Como é bem cabida a pintura dos gelos eternos! Basta dizer-se que o Gama fallava ao rei de um paiz intertropical, onde o sol é ardentissimo, e que a pintura dos gelos devia ter para elle muita novidade.

« Aqui tão pouca força teem de Apolo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes. »

Approximando-se, depois de ter percorrido a carta da Europa septentrional, a Lappia *fria*, a inculta Noruega, a Livonia, e o vasto imperio da Allemanha, da sua querida Grecia, o poeta nos pinta a cruel sujeição do Orienta ao jugo ottomano. No meiado do seculo XV produziu-se na Europa uma revolução immensa; foi essa a queda de Constantinopla. A agonia lenta e secular do imperio do Oriente, começada e proseguida por mãos de seus proprios filhos, consummou-se sob o alfange de Mahomet II. 1453 é a data dessa renovação de um dos paizes mais ferteis, heroicos, e cheios de tradicções, do mundo; a Grecia, a patria do idealismo, o centro de acção de S. Paulo, tornou-se a mais notavel das victimas d'esse fatalismo armado, que tomava posse do Oriente quinze seculos depois de Christo. O poeta, christão e artista, não podia senão sympathisar com as desgraças d'esse captiveiro, e não o occulta elle. No principio do canto setimo solta o grito de Byron; na descripção da Europa limita-se, porém, a fallar com amor dos povos conquistados pelos turcos:

« Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tam querida,
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sumettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Bôa injuria do grande Constantino. »

Esta pintura dos montes sagrados no jugo da

oppressão, esta evocação de Constantino diante de Mahomet, mostram a um tempo o artista saudoso da Grecia e o christão offendido pela victoria do Coran. E' o grito de dor de um atheniense e de um cruzado. Como manifesta elle seu enthusiasmo por esse pequeno povo, á quem devemos quasi tudo que é universal e eterno!

« E vós tambem, ó terras excellentes,
Nos costumes, ingenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantesia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos per armas, que per letras. »

Logo depois vem a Italia, mas a Italia do seculo XV é a revivedora do genio hellenico. Praxiteles renasce em Raphael, Phidias em Miguel Angelo, Pericles nos Medicis; Platão tem em Florença uma nova academia na escola de Marcilio Ficino; Aristoteles é impresso pela primeira vez em Veneza; um bello quadro cedido dispensa uma batalha; ao papado chega-se pelas lettras, como Æneas Sylvius. A renascença é o espirito da Grecia apoderando-se do mundo. Descrevendo a Italia o poeta fal-o ainda como um artista que é:

« Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A suberba Veneza está no meio
Das aguas, que tam baixa começou.
Da terra, um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de terra sublimada
Não menos nos ingenhos, que na espada. »

Esse elogio feito á Veneza é uma homenagem ao passado. A expedição de Vasco da Gama mudou a direcção do commercio maritimo; Alexandria

não foi mais o entreposto do Levante, e a republica orgulhosa, que havia, por assim dizermos, dominado o Mediterraneo, perdeu seu prestigio e ficou encerrada em suas lagôas. O Adriatico não podia então disputar a primazia ao Atlantico.

Estava nos destinos do seculo XIX mudar a circulação das aguas e abrir atravez dos areiaes da terra de Suez um novo caminho maritimo para as Indias. Com o vapor, Brindisis seria sempre a rival de Veneza; mas se o vapor não existisse, valendo mais as tradições, Veneza seria novamente agora a senhora dos mares. No seculo XV a obra de Lesseps tornaria inutil a de Vasco da Gama; Veneza, porém, teve tempo de agonisar e de morrer. Hoje não se reanimaria mais a vida da antiga republica, e por isso póde dizer-se que essas palavras do Gama são o epitaphio da „ viuva do Adriatico. “ (1)

Pintando a situação da Italia o poeta fal-o com muita propriedade e movimento; é uma peninsula, estende-se pois pelo *reino neptunino;* ao norte tem os Alpes—os muros naturaes; atravessam-na como uma longa espinha dorsal os Apeninos—theatro outr'ora de tantas batalhas....

« Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte,
Pobre está já de antigua potestade;
Tanto Deus se contenta de humildade. »

Occupava a thiara, quando Vasco da Gama assim fallava ao rei de Melinde, Alexandre Borgia.

---

(1) Byron.

O papado não queria a *antiga potestade,* mas logo depois o vemos com Julio II descer á arena das luctas intestinas da Italia.

A descripção da Hespanha é feita com abundancia, em versos muitos e numerosos. Referindo-se ao estreito de Gibraltar, figura elle a Hespanha *querendo fechar o mar Mediterraneo;* falla das muitas nações da peninsula iberica, do Tarragonez, que dominou em Napoles; das Asturias, asylo da nacionalidade goda, em cujo solo está Covadonga; de Castella, cujo planeta foi o centro da união e o nucleo da nação hespanhola.

Chegou Vasco da Gama á extremidade occidental da Europa: está ahi Portugal.

A posição do paiz é admiravelmente pintada em quatro versos. O poeta suppõe que a Europa é um vasto corpo, cuja cabeça é a Iberia; Portugal é o cerebro, a fronte d'essa cabeça, é dizer que elle é a intelligencia do mundo. Portugal é tambem a nação mais occidental, nas suas costas acaba a terra européa e começa o mar. Esse encontro dos dois elementos limitando-se um ao outro, em um tempo em que o novo mundo não era conhecido senão pelas descobertas de Colombo, tem alguma coisa de dramatico, de vago e de imponente; o que mais magestoso é ainda nesses versos é a imagem do sol repousando no oceano, horisonte das plagas portuguezas:

> « Eis-aqui, quasi cume da cabeça
> De Europa toda, o reino lusitano;
> Onde a terra se acaba, e o mar começa,
> E onde Phebo repousa no oceano. »

Depois d'essa pintura, o poeta expande-se em um arroubo de enthusiasmo. Sente-se que elle

desejava chegar ao fim da descripção para dar curso á seu sentimento. Essa espontanea explosão do amor da patria, em um homem afastado d'ella a tantas centenas de leguas, é natural e produz a mais viva impressão. Vamos approximando-nos com o poeta da terra de Portugal, sentimos que elle a deixa para o fim para melhor cantal-a, e aguardamos a abundancia de seu coração e o alto vôo de seu genio. São quatro versos, que o poeta murmurou dentro de sua alma quando os fez dizer ao heróe. Vê-se que elle faria o mesmo sacrificio da vida, que Vasco da Gama, se chegasse á patria com seu poema.

Quando Vasco da Gama dizia taes palavras ao rei de Melinde, fitava o olhar, pela serenidade da noite, nas sombras indistinctas do Oriente e pedia baixo a Deus que lhe abrisse o caminho das Indias; quando Camões póz no peito do heroe um tão sublime amor da patria e um desinteresse tão grande da vida, apertava ao coração a imagem de Catharina, recordava as amarguras do exilio e pedia a Deus que lhe deixasse beber até a ultima gotta o veneno da gloria!

« Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o céo me dá que eu, sem perigo,
Volte, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo. »

O poeta e o navegante murmuraram estes versos, um pensando em terminar os *Lusiadas*, o outro em chegar ás Indias.

Os grandes sentimentos não morrem na terra. Esse amor apaixonado da patria não se encerrou no tumulo de Vasco da Gama, exhalou-se para o berço de Camões; é elle um fogo eterno que

só arde nas grandes almas, e que precisa das alturas para dar sua luz e seu perfume.

IV

Entra desde então o poeta na historia da patria, e conta-a com um verdadeiro talento de annalista. As origens da raça portugueza perdem-se na antiguidade mythica. O poeta conta então com uma admiravel singeleza a formação do reino lusitano. Vem depois Viriato, cujo nome é uma legenda. Affonso, rei de Hespanha, era o centro da resistencia contra os arabes; á *elle* e á *morte vinham offerecer-se* cavalleiros de todas as partes do mundo; entre esses veio o conde D. Henrique de Hungria, o qual fez tantos prodigios de valor que o rei deu-lhe sua filha Theresa e a Lusitania. D'esse nasceu Affonso Henriques:

« que de um tal pai tal filho se esperava. »

Um dos primeiros quadros da gloria portugueza que o poeta nos pinta é o da lealdade de Egas Moniz. O principe estava cercado em Guimarães por uma força hespanhola consideravel. Vendo que para elle não havia mais salvação, seu aio Egas Moniz dirigio-se aos sitiantes empenhando sua palavra em como havia de constranger o principe á dar-lhes obdiencia, se o cerco fosse levantado. A palavra do velho aio foi bastante:

« Levanta o inimigo o cerco horrendo
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Muniz....
.....
mas não consente o peito
Do moço illustre á outrem ser sujeito. »

Era pois forçoso voltar ao campo inimigo e pagar com a vida uma tão temeraria promessa; poderia, porém, o poeta pintar-nos Egas Moniz entrando no campo hespanhol, seguro não de encontrar a morte, mas uma grande admiração por sua lealdade. Sempre que se pratica um sacrificio como esse, acredita-se obter o respeito, ou pelo menos a piedade dos contrarios, e isso torna o sacrificio menor.

Regulo voltando á Carthago para cumprir sua promessa certo de morrer naquelle atroz supplicio, em que acabou, é muito mais heroico do que Regulo voltando para commover e dominar os Carthagineses com o exemplo de sua honradez: a primeira viagem é já uma longa paixão, a segunda não é senão um passeio á busca da gloria.

Egas Moniz, porém, é um verdadeiro martyr a quem só faltou o ultimo momento do supplicio. Póde-se comparal-o a um condemnado que sentiu resvalar-lhe no pescoço o ferro do algoz, e que foi protegido pela bandeira de misericordia. Vem elle com os filhos e a mulher offerecer-se a uma morte certa. A temeridade havia sido grande; a promessa podia ter sido um embuste para afastar o inimigo; talvez previsse elle a morte e offerecesse-se para á preço d'ella salvar o seu principe. E' a abnegação de Zopyro.

Suas palavras, porém, ao principe hespanhol são um mixto de desprezo da vida e de confiança no vencedor. Apresentando-lhe seus filhos e a consorte, quasi pede graça para elles; diz-lhe que em si vingue a temeridade criminosa de um velho aio que acreditava vencer as hesitações de um general moço, mas que deixe os innocentes, porque aos

peitos generosos não satisfaz a morte dos fracos. A pintura da anxiedade, da agonia do leal vassallo é feita em uma comparação. que antes imitamos; com ella o poeta dá á seu sacrificio o valor do heroismo, torna essa fidelidade á palavra um suicidio imposto pela honra. Eis os versos em que se pinta a morte em vida de Egas Moniz:

« Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta ; e já entregado
Espera pelo golpe tam temido
Tal diante do Principe indinado
Egas estava a tudo offerecido :

. . . . . .
. . . . . .

Mas o rei, vendo a extranha lealdade,
Mais pôde emfim, que a ira, a piedade.

As grandes batalhas de Ourique e Aljubarrota estão insculpidas nos baixos relevos dos *Lusiadas* de um modo mais duradouro do que o foram as de Bonaparte no bronze da columna de Vendôme; nenhuma opinião poderia cortar com o aço impio esses dois quadros da gloria portugueza.

Nos campos de Ourique, ao romper da manhã, Christo mostra-se na cruz a D. Affonso Henriques, cujo grito ao vel-o é sublime:

« Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim que creio o que podeis. »

A apparição maravilhosa da divindade, a presença de cinco reis mouros, as mulheres arabes combatendo ao lado dos seus amantes, o encontro pessoal dos chefes, tudo faz-nos assistir a um d'esses combates da *Iliada*, em que o interesse da

lucta concentra-se em um Patroclo, um Ajax, um Heitor, um Achilles; as imagens tambem são do estylo homerico, e sente-se na narração o movimento de uma peleja antiga, ou de um grande torneio, como eram as batalhas do seculo XII.

A batalha de Aljubarrota, descripta no canto IV, já é differente. O signal da trombeta castelhana produz logo uma impressão sem igual, pintada em versos que lembram outros de Virgilio, cuja pujança é toda guerreira:

« Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente, temeroso;
Ouviu-o o monte Artábro, e o Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram. »

A principio desenha-se á nossos olhos cercado de sua aureola legendaria o condestavel D. Nuno; depois vemos seus poucos soldados supportando todo o peso do ataque. A cavallaria inimiga é tanta que debaixo dos pés dos cavallos

« treme a terra.... os valles soam. »

No primeiro impeto, cedem os portuguezes ao numero; a vanguarda inimiga é occupada pelos renegados, vendidos á Castella. O stigma do poeta fica-lhes na fronte. Ah! se Camões houvesse sobrevivido á venda de Portugal á Felippe II!

Nuno, porém, está firme e immovel, como o leão de Ceuta, qual Virgilio nos pinta Turno, sem poder recuar porque a coragem e a colera lh'o prohibem.

..... *et neque terga*
Ira dare aut virtus patitur, nec tendere contra. »

Pensa elle ainda em salvar os seus e retomar a victoria, quando D. João, o mestre de Aviz, que tinha tudo visto, invade o campo com a furia da leôa parida a quem o pastor de Massylia roubou os filhos deixados na caverna. Apenas apparece, reanima-se o ardor no peito dos cavalleiros.

« Defendei vossas terras »

lhes diz o novo rei,

que a esperança
Da liberdade está na vossa lança !

E' assim que a monarchia sahe do seio do povo; é assim que a dynastia confunde-se com a liberdade, e é por tel-as comprehendido d'essa fórma que a altiva alma do poeta incensou ambas !

Accesos em nova coragem, já luctam os portuguezes com vantagem; o mestre de Sant'Iago succumbe na acção e com elle os irmãos do condestavel, cuja agonia é descripta em dois versos que podem chamar-se o supplicio do transfuga, e se a patria é uma religião, o do apostata:

« ..... os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o céo, e os fados ! »

O desastre que começava converte-se em triumpho; a bandeira castelhana, que para mais honrar os vencedores o poeta chama — *sublime* — , abate-se na poeira Um momento ainda antes do fim a lucta torna-se duvidosa; é o supremo esforço do agonisante; é o rei de Castella que desbaratado quer vender mais caro o triumpho. Emfim a victoria é decisiva, e a nacionalidade portugueza baptisada no sangue de Ourique, compra em Aljubarrota dois seculos mais de vida e de liberdade !

Tarifa é tambem um dos feitos militares do monumento. Camões não é um pintor de batalhas; a lucta encarniçada, os accidentes do combate, a desolação do campo tornado em um vasto lago de sangue (1), tudo isso elle nol-o descreve, mas com a rapidez de quem não goza de uma semelhante scena. No que, porém, elle é inimitavel é em cantar os motivos, em pintar-nos a alma dos heróes, em collocar sempre no meio desses campos talados a lucta de dois principios, em animar cada exercito de um sentimento, e em fazer da espada o arbitro, barbaro é certo, mas necessario, da justiça.

A batalha de Tarifa é precedida pela apparição nos paços de Affonso IV de sua filha a rainha de Hespanha, princeza D. Maria. Uma nova invasão de mouros tinha coberto o solo da peninsula, e nos campos da bella Andaluzia as almenaras ardiam annunciando o combate. A multidão dos soldados fazia esquecer as hordas infinitas de Atila. O rei de Castella não se animava a luctar sem alliado; não era perder a vida o que elle temia, era o *fim do povo hispano*; para resistir á essa onda sempre crescente dos sarracenos, pede elle o soccorro de Affonso IV, seu sogro.

A princeza Maria é uma das mais completas physionomias dos *Lusiadas*: é a Niobe da patria! Vem perante o pai debulhada em lagrimas de dôr por ver o chão sagrado da Hespanha polluido pelos mouros da Africa; todo o seu gesto é de um luto profundo; sua figura é a da desolação. Lede essa

---

(1) Fazendo de seu sangue bruto lago. (Est. 112. Lus. Canto III.

oitava em que Maria entra pelos paços reaes, depois de uma longa viagem, com os cabellos soltos, espalhados pelos hombros eburneos, banhada em lagrimas, bella mas de uma belleza marmorea, chorando de ante-mão o marido, a fé, a patria, e o throno. As palavras que ella diz ao rei de Portugal são a linguagem mesma da dôr. Começa em uma especie de hallucinação, que produz o excessivo temor, por exagerar o poder dos mouros:

« Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que á vivos medo, e a mortos faz espanto. »

Que supplica eloquente, pungente para o coração de um pai, essa da oitava seguinte em que vemos a infeliz princeza debruçada sobre o tumulo de seu marido e chorando sua viuvez, como se já lhe vestisse o luto:

« Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da maura espada ;
E se não fôr comtigo soccorrido
Ver-me-has d'elle, e do reino ser privada,
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

A estancia seguinte é verdadeiramente dramatica. Querendo tentar por uma doce lisonja o coração do rei seu pai, diz-lhe a princeza:

« Portanto, ó rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo
A' miseranda gente de Castella. »

O coração do pai não pôde mais tempo refrear sua piedade e seu amor, e a physionomia illuminou-se-lhe com um ar de alegria, em que a joven

rainha vio logo a libertação da patria; por isso diz-lhe ella querendo ouvir da bocca do pai o sentido desse espontaneo sorriso:

« Se esse gesto, que mostras claro e ledo
De pai o verdadeiro amor assella...

e tendo visto por um novo gesto que não se enganava, falla então com a confiança de uma filha querida, que insiste, pede, exige sem outro argumento mais que sua ternura:

« Acude, e corre pai, que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres. »

Poderiamos apontar aqui todas as grandes bellezas da narração do Gama, se o plano de nosso livro não nol-o impedisse. Já se vio quão largamente nos occupamos d'essa narração na parte em que descreve a viagem á India, a politica de D. João II e de D. Manoel. A sublime lenda de D. Ignez de Castro e a grandiosa evocação de Adamastor pertencem tambem á ella. O que quizemos mostrar foi que durante toda essa narração que occupa tres cantos do poema Camões foi o cantor da patria; cantar a gloria de Portugal, eis o intento do poeta, mas para que essa gloria ficasse insculpida em um monumento epico era preciso uma acção: essa foi a epopéa da navegação no seculo XV.

V

Em todo o poema ha o mesmo pensamento. No canto VII volta o poeta á seu sonho de extirpação do mahometismo. A idéa de D. João I expressa nestes versos:

« .... o africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede, »

parece ter sido a idéa de Camões. Uma intelligencia como a sua era assim escrava de um preconceito e victima de uma illusão.

O preconceito era acreditar que a força é a medida do direito, e que as batalhas são a expressão da justiça; a illusão era pensar que a religião de Mahomet e a sociedade que sahiu della não tinham uma razão de ser social e que podiam uma e outra desapparecer ao sopro do Ocidente. Esse engano do poeta, que, se não era o do seu seculo, fôra durante muito tempo o da Europa, tem sido chamado por alguns criticos do poema, sympathicos á politica tradiccional, a prova do bom senso de Camões.

O canto VII é por assim dizermos o programma da cruzada de Leão X, e o da cruzada do poeta. Leão X quiz levantar a Europa contra os Turcos; mas essa expedição ao Oriente depois das victorias de Mahomet e Selim, e depois de Luthero, parecia ao espirito dos povos uma como legenda da idade media, da qual elles tinham

pressa em sahir. O poeta comprehendeu isso, e fallando dos povos da Europa mostra-se animado contra elles de sentimentos que contrastam com os que vimos na narração do Gama. Mas esse contraste mesmo prova quanto o poeta é elevado de alma e como se esquece de si ao escrever o poema. Na bocca do Gama tinha elle posto o elogio do passado; e 1498 não é 1572. Demais o ponto de divergencia é com relação á Italia; ora d'essa o poeta podia fallar diversamente considerando-a em duas differentes epochas. O artista apparecia na narração do Gama, o christão apparece no canto VII.

O poeta accusa os allemães, referindo-se á reforma de Luthero, de crearem novo pastor e nova seita, e de occuparem-se em feias guerras, não contra o poder turco,

« Mas por sahir do jugo soberano. »

Este unico verso nos pinta o estado dos espiritos no seculo XVI; não se podia sahir do catholicismo senão pelas armas: as barreiras religiosas eram fileiras de soldados, atravez dos quaes era preciso precipitar-se. A alma rastejava sem força para elevar-se acima do preconceito. E por esse sitio posto em regra á consciencia, os responsaveis eram os martyres! os que combatiam para terem o direito de pensar eram os criminosos! Ha, porém, um argumento ainda mais forte contra o poeta do que suas proprias palavras; havia já quando elle escrevia este verso, que é a condemnação de seus principios, havia no ar os signaes precursores da noite de 24 de Agosto. A obra de

uma alma religiosa e o crime dos assassinos tiveram lugar no mesmo anno. Os *Lusiadas* são contemporaneos da noite de S. Bartholomeu. Essa coincidencia citamol-a sómente para mostrar como o preconceito gera, mesmo entre os genios, principios que o coração repelle e que, levados ás ultimas consequencias, são a miseria da historia.

Referindo-se a Henrique VIII o poeta é brando. Entre os homens que teem manchado o throno, nenhum excedeu em abominação a esse pseudo-pontifice, fanatico de uma religião creada por elle, marido de seis mulheres, das quaes matou duas, defraudador do povo, assassino de Thomas Morus, de Cromwell, e de tantos outros martyres sacrificados em seu altar! Os imperadores romanos faziam chamar-se deuses pelo senado; esse obeso, sensual e louco rival de Nero fez-se modestamente crear papa por seu parlamento.

Fallando da França e de Francisco I, o poeta lembra-lhes a santidade de Carlos Magno e de S. Luiz e lamenta que o rei não tivesse querido o nome de Christianissimo senão para derribar a religião. A accusação do poeta é uma injustiça historica. O papa não era o dono da Italia, nem tinha Francisco I a obrigação de ver seu reino destruido só por não aceitar a alliança dos Turcos contra um imperio universal, que mandava sitiar e saquear Roma.

Fallando da Italia, pinta-nos realmente o poeta o quadro d'esse paiz tão desgraçado no meiado do seculo XVI; dividida por luctas intestinas, theatro sempre de horriveis dramas, dissolvendo-se sob a acção dos papas, dos condottieri, dos despotas, do punhal e do veneno; presa dos estrangeiros,

com o seu bello solo pisado sempre pelo pé das invasões, com os Alpes á mercê dos suissos, Napoles em poder da Hespanha, escrava ora da França, ora da Allemanha, insultada pelos turcos que se vingavam de Veneza, a Italia foi muito tempo a victima da idade média.

« Comtigo, Italia, fallo já sumersa
Em vicios mil e de ti mesma adversa ! »

E depois de pintar esse quadro da prostração do mundo, o poeta torna-se de repente missionario de uma nova idéa, levanta aos olhos da humanidade a bandeira dos antigos cruzados, e aponta para o tumulo de Christo ! Essa apostrophe é um maximo esforço da eloquencia poetica. Lêa-a cada um e medite-a; ahi está a politica toda de Camões. Quer elle commover e seduzir o mundo para reunil-o em armas na Palestina. Para commovel-o, mostra-lhe a *divina sepultura*, o captiveiro da Grecia heroica, os meninos da Thracia, da Armenia e da Georgia, arrebatados ás mãis para comporem essa milicia dos janisaros, sem familia e sem patria ! para seduzil-o, relembra o esplendor dos dominios musulmanos, as areias que volvem ouro dos rios da Thracia, as minas da Lydia, os veios escondidos da Africa, e em um movimento de varonil eloquencia, em que lhe falla ao egoismo e á piedade, confunde todos os seus recursos em dois versos admiraveis :

« Mova-vos já sequer riqueza tanta :
Pois mover-vos não pode a Casa-santa ! »

Que magnifica imagem essa com que elle começa:

« O' miseros christãos ! pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,

Que uns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos ?

O poeta não desanima, porém, com essa revista que passa á Europa occidental; se a França é apostata, se a Allemanha é schismatica, se a Italia está morta, ainda resta ao christianismo uma esperança, Portugal. A cruzada de Leão X é uma chimera; reunir a familia christã é impossivel no tempo da reforma, dos Jesuitas e dos autos-da-fé. O sonho de Camões apparece-lhe, porém, ainda como a melhor politica de sua patria. O que a Europa dividida não pode fazer, fará a nação ousada que descobrio o Oriente. Não colloca o poeta frente á frente as forças de seu pequeno paiz e as do grande colosso; deixa no coração dos leitores uma esperança vaga e por isso mesmo capaz de tudo sonhar. O modo, porque um tão pequeno instrumento realisaria uma tão importante obra, não nol-o diz o poeta; pensava, porém, elle então nas praças e no dominio d'Africa; parecia-lhe que o mahometismo ferido nas extremidades, na India e na Mauritania, deveria succumbir. O certo é que o primeiro passo para esse glorioso resultado, era a expedição á Africa. O poeta aconselhava Alcacer. Eis a oitava em que o elogio de Portugal é feito de um modo dramatico, que, se nos alegra por lembrar-nos á que altura sobem os pequenos povos quando estão de posse de uma grande idéa, entristece-nos por vermos que a hallucinação da gloria leva ao suicidio. E' preciso recordar que essa estancia termina o quadro da Europa no seculo XVI e que sua collocação no poema dá-lhe um movimento que perde, uma vez separada do todo:

« Mas emtanto qne cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana ;
Não faltarão, christãos, atrevimentos
N'esta pequena casa lusitana :
De Africa tem maritimos assentos:
E' na Asia, mais que todas, soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E, se mais mundo houvera, lá chegára. »

Tal é a maneira de pintar de Camões ; suas descripções tem todas um pensamento ; reune elle os elementos que podem tornar notavel, saliente, e pathetica a apparição da idéa ; enche de sombras o mundo, e deixa Portugal á luz ; se allumia os outros povos é com uma claridade incerta, que a aureola da patria offusca : seu sonho mesmo de fazer de seu paiz o restaurador da fé é um excessivo amor da gloria nacional!

VI

Ainda no canto VIII e no X o pensamento do poeta é a patria ; nelles pinta-nos a galeria dos heróes portuguezes ; são as estatuas desse monumento de que já vimos os baixos-relevos. Seria preciso repetir os dois cantos para mostrarmos que era realmente a historia nacional que o poeta queria tornar em epopéa?

No canto VIII é nas bandeiras das náos que estão pintadas as façanhas dos grandes homens portuguezes ; explicando ao Catual o sentido desses finissimos bordados, Paulo dá Gama e seu irmão o almirante recordão as velhas chronicas lusitanas, e mesmo as antigas legendas.

Luso, filho de Baccho, dá o nome á Lusitania, e Ulysses depois de ter queimado Troia funda Lisboa. Vem em seguida Viriato, um dos mais populares e heroicos nomes da antiguidade, pastor que se fez general e guardou contra todo o poder de Roma sua pequena patria. D. Affonso Henriques e Egas Moniz já tinham sido pintados na narração do Gama. A gloria de D. Fuas Roupinho é descripta em uma imagem muito viva; o poeta suppõe essa gloria reflectida eternamente pelos clarões do incendio da armada moura:

« E' dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece junctamente,
Com o fogo que acendeu juncto da serra
De Abyla nas galés da maura gente. »

Mem Moniz, o heróe de Sevilha e Santarém, é-nos apresentado pelo poeta em dois versos de uma grande energia:

« Mem Moniz é que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pai co'os ossos cerra. »

As chronicas mais locaes do reino são ornadas pelo poeta de côres tão novas, que parece que elle mesmo creou essas lendas; como exemplo citaremos a de Giraldo.

Havia em Evora, quando pertencia aos arabes, uma torre, servindo de atalaia, em que morava um velho mouro e sua filha. Sempre que se aproximava alguem d'essa vigia solitaria, fazia ella signal para a cidade. Giraldo, porém, determinou sorprehendel-a. Vestindo-se de folha, chegou elle perto da torre, e depois de ver que não fôra descoberto subio ligeiramente pela muralha. A joven musulmana dormia á janella de sua prisão; Gi-

raldo atirou-a sobre a rocha, em que se levantava a atalaia; o soldado dormia dentro, com um golpe decepou-lhe elle a cabeça. Tomada a torre, Evora foi sorprehendida, e mais uma estrella brilhou na corôa de Affonso Henriques.

Essa historia tão triste pela morte da moça arabe que dormia á janella, talvez com sonhos de amor e de vida, o poeta transmittio-a á posteridade em uma bella estancia.

Nuno Alvares, o Scipião portuguez, e o infante D. Henrique são os mais notaveis d'entre os outros heróes do Portugal antigo.

Chegado ao fim da narração, o poeta não pôde conter sua magoa ao ver os herdeiros d'esses grandes nomes. Talvez sem querer puzesse elle na bocca do Gama os sentimentos que tinha na alma; a geração de 1498 fôra ardente e conhecera ainda o valor das tradições do passado. Era de seu tempo que o poeta queria fallar. Victima dos preconceitos da nobreza, Camões tinha soffrido a cruel separação da mulher que amava, o exilio, e quantas dôres o amor condemnado á uma eterna viuvez alimenta no coração. Quem eram, porém, esses que assim degradavam o genio abaixo de alguns pergaminhos e honravam-se unicamente do acaso do nascimento?

Eram homens que não zelavam a herança de seus maiores e que seriam incapazes de sopezar-lhes as lanças e de revestir suas armaduras, guardadas pomposamente nos velhos solares. Como lamenta o poeta o trabalho dos antigos heróes para deixarem uma casa, em que o valor se transmittisse com o sangue! A opulencia traria a ociosidade, e esta enervaria o coração:

« Cegos ! que dos trabalhos, que tiveram
(Se alta fama, e rumor d'elles se estende)
Escuros deixam sempre seus menores
Com lhes deixar descansos corruptores ! »

No meiado do seculo XVI havia em Portugal um poeta de genio que ousava dizer á nobreza verdades crueis; era o amor que lhe inspirava essa apostrophe. Seculos depois o amor inspirará outra ainda mais eloquente á Mirabeau! A humanidade precisava de muito tempo para sacudir a mortalha da idade média, e para reconhecer todo o fundo de verdade e de observação, que havia nas estancias do poeta. A nobreza, como casta, foi uma creação de feudalismo na Europa. Vasco da Gama ia encontrar no Oriente a mesma distincção entre os homens. Era pois uma instituição do passado, uma mumia arrancada ao tumulo do velho Egypto. Camões, com o coração ferido e com a intuição do genio, reconheceu logo que esse corpo era um cadaver, e disse-lh'o.

Essas estancias admiraveis de bom senso e patriotismo provam da parte do poeta a mais completa isenção de espirito. Corneille, Racine, Bossuet não ousariam fallar assim; mas Camões acima de tudo punha a patria. Uma nobreza forte podia ser a espada de seu paiz, uma nobreza fraca faria d'elle um serralho. Isso vio o poeta e, com uma inteira abnegação, disse-o em seu poema.

Quantos annos, porém, foram precisos para que o privilegio cessasse e a casta se dissolvesse no seio do povo? E' por isso que dizemos que os poetas são precursores, e que no genio ha uma intuição que descobre o futuro!

VII

Chegamos percorrendo o poema, d'esta vez com a idéa de patria, ao ultimo canto. E' nelle que vemos as estatuas dos heróes da India.

Estão os portuguezes na Ilha dos amores, e a deusa, amante do Gama, começa a desvendar-lhe os destinos de sua patria. Antes de referir as prophecias da linda Tethys, o poeta parece desanimar. Depois de muitos e inauditos soffrimentos, vencel-o-hia a fadiga, e o poema ficaria sem o seu magnifico complemento? Não; era uma divida sagrada que elle tinha de pagar.

E' certo que os desgostos pezavam-lhe na alma, que a vida era para elle um supplicio, que sempre tinha colhido ingratidão onde semeára amor, que estava velho e as recordações eram-lhe tão amargas como a realidade. N'essa noite, porém, de desanimo e descrença, que o envolvia, entravam, filtravam ás vezes raios de fé e consolação; lembrava-se de Catharina, lembrava-se da patria, de Deus, e sentia que no mundo o maior prazer é o do homem que póde dizer com Ovidio:

« *Jamque opus exegi, quod nec Jovis ira, nec ignes,*
Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas. »

„ Emfim acabei uma obra que nem a ira de Jupiter, nem o ferro, nem o incendio, nem os seculos poderão destruir! "

Pedia elle então á sua musa que o ajudasse a completar esse poema da gloria nacional, e, rejuvenescendo, o seu estro tinha toda a abundancia, toda a frescura de seus melhores dias. Eis a estancia:

« Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno;
Mas, tu me dá que cumpra, ó gran' rainha
Das musas, co'o que quero á nação minha, »

O primeiro de todos os heróes da India é Pacheco, o Achilles Lusitano. O poeta pinta as suas façanhas em numerosos versos e torna suas batalhas lendarias; mas, lembrando-se de seu triste fado, faz a deusa dirigir uma apostrophe á Belisario, em que mostra a triste sorte do governador da India, condemnado á morrer indigente, depois de ter soffrido as maiores humilhações. Esses versos o poeta escreveu-os com sentimento. Seu destino parecia-lhe dever ser o mesmo do heróe portuguez, e, com a altivez do genio, não acreditava ter feito menos do que elle pela patria. A perspectiva, no fim de uma vida inteira de sacrificios, de morrer em um leito de hospital dictou á Camões essas oitavas de uma tão grande energia. E' uma accusação feita á D. Manoel, no reinado de seu neto, e feita com vigor; ainda que o poeta quizesse temperal-a com uma phrase que é uma inverdade historica

ó rei *só* n'isto iniquo,

a ingratidão do rei é patente e a censura é acre.

Dizendo á Belisario, cujos infortunios foram talvez exagerados pela piedade popular, que elle teria em Pacheco um companheiro, assim nos feitos,

« Como no galardão injusto e vario, »

a deusa continúa:

« Em ti, e n'elle veremos altos peitos,
A'baixo estado vir, humilde e escuro;
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei e á lei servem de muro.
Isso fazem os reis cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

« Isto fazem os reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios de Aiáce merecidos
A' lingua vã de Ulysses fraudulenta. »

Quem póde ler esses versos sem reconhecer a boa tempera da alma de Camões? Quem póde negar-lhe coragem quando elle assim ataca o throno, os cortezãos o os validos, e quando em cada verso d'esses os contemporaneos veriam a satyra de seu tempo? Como, porém, se isso não bastasse, o poeta interpella o proprio D. Manoel. Que fina ironia a d'estes dois versos:

« Se não és pera dar-lhe honroso estado
E' elle pera dar-te um reino rico, »

dirigida aos reis que não sabiam recompensar os que lhes davam novos reinos, como Pacheco e Cortez, nem os que lhes descobriam novos mundos, como o Gama e Colombo!

Vemos depois D. Francisco de Almeida e seu filho Lourenço de Almeida. A morte deste é pintada em um quadro de uma grande verdade; a poesia pouco tinha que accrescentar á historia.

« Com toda uma coxa fóra, que em pedaços,
Lhe leva um cego tiro, que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gran' coração, que lhe ficára :
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co' a alma o corpo se liara :
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora. »

Esse heróe que se serve do coração que lhe ficou, é uma das mais bellas pinturas do valor que sobrevive ao soffrimento e que é sempre o mesmo em quanto ha no corpo um resto de vida. D'este podia elle dizer promettendo a eternidade á sua memoria :

« Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta.
Na qual tu mereceste paz serena. »

A dôr e a ira do vice-rei pela morte de seu filho é descripta em uma oitava, que respira colera e que em se advinha o exterminio do inimigo ; é um pai que arde em desejos de vingança, e que diante dos olhos só tem o quadro da morte heroica do filho :

« Eis vem o pai, com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos ; »
. . . . . .

pensa elle então em destruir o poder contrario, afogal-o em seu sangue, sepultal-o com suas náos no fundo do mar ; antes, porém, de encontrar Mir-Hocem, *afia elle a espada* na cidade de Dabul,

« Qual o touro cioso, que se ensaia,
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco de um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo as forças experimenta. »

D. Francisca de Almeida é dos mais notaveis nomes feitos pelas armas na conquista da India ;

a morte mesmo accrescenta-lhe novo prestigio; já Adamastor havia rendido homenagem á seu tumulo.

Vem depois o grande Albuquerque, cuja apparição é representada por um clarão, que deslumbra a deusa:

« Mas oh, que luz tamanha, que abrir sinto,
.....
Lá no mar de Melinde em sangue tinto!

O poeta, porém, fal-a interromper os louvores, por lembrar-se de um acto de rigor praticado por ordem de Albuquerque. Sabendo que um de sua armada tinha relações com uma escrava moura, destinada á rainha, mandou-o enforcar em uma das náos. Camões sentio no coração ao reler as chronicas uma oppressão de dôr; o cadaver d'esse soldado pendurado nas vergas da náo, pelas sombras da noite, desenhou-se á seus olhos e elle perguntou quál o crime do executado. Era um desvio do amor, e o poeta tinha sempre o mesmo perdão para elles.

A deusa relata desde então a conquista da India; Soares, Menezes, Siqueira, o *forte* Mascarenhas, Sampaio *feroz*, Noronha, Castro *libertador*, apparecem entre tantos outros na galeria dos heróes do Oriente.

Assim desde o titulo do poema até o seu epilogo o poeta mostra que só quiz cantar a patria. Esse livro que elle escreveu com tanto amor era uma offerta do coração.

Nunca um poeta teve um mais difficil assumpto para escrever uma epopéa. Quem ler o roteiro de

Vasco da Gama perguntará admirado como poderia aquillo ser o argumento de um poema.

E' certo que a navegação foi altamente heroica. No tempo dos argonautas o valor estava em confiar-se ao mar; no tempo do Gama as viagens não offereciam senão perigos excepcionaes, e hoje com o vapor é quasi mathematico o periodo e o resultado d'ellas. Mas o descobrimento de um mundo é um feito epico e legendario. Os perigos atravessados, os obstaculos vencidos, a luta quotidiana dos chefes que confiam e da tripulação que duvida, os novos horisontes, os novos astros e até os novos phenomenos maritimos; a anciedade de cada manhã, em que se quer descobrir uma terra, que não surge mais; a gloria de sulcar mares virgens, o prestigio do desconhecido, tudo faz da travessia de um Gama ou de um Colombo um periodo realmente epico. A terra, depois, que se mostra, a alegria de todos, a natureza virgem, uma vegetação desconhecida, outras raças de homens, um mundo novo emfim! eis uma verdadeira epopéa. Fazer, porém, com esses elementos um poema, que não seja a copia da natureza morta, que não seja a repetição do diario de bordo, que no mais alto gráo prenda o interesse, dramatico, cheio de vida, de movimento e de paixão, eis o que nenhum poeta pôde fazer antes de Camões, nem ousou fazer depois.

Para alcançar tudo o que obteve, o poeta tomou a historia da patria, e fez d'essa expedição que descobriu a India um momento da vida nacional. O heróe ficou sendo o paiz e o poema pôde com verdade ser chamado os *Lusiadas*.

Ao lado, pois, da acção epica que se desenvolve em todo o poema, porque vemos as náos sahirem

de Belem, atravessar os mares da Africa, dobrar o cabo Tormentorio, chegar á Mombaça e Melinde, vencer uma tempestade e descobrir a India pela claridade da manhã—ha outra acção: é a historia do paiz. Essa começa na legenda, e desenvolve-se até quasi Alcacer. Ao lado do Gama ha Affonso Henriques, que venceu os mouros, D. João I, que venceu a Hespanha; é o poema da nação! Esse foi o seu espirito, esse foi o pensamento do poeta!

Camões amava Portugal como um filho e como um amante. Seu livro é a expressão desse amor, que se pode chamar no mais puro sentido da palavra—*uma paixão*. Era um penhor de vida, que elle queria dar a seu paiz; uma revelação celeste lhe dizia que o seu poema seria talvez um dia o maior titulo da gloria portugueza, que esse livro seria uma bandeira. Portugal era pequeno pelo territorio, quiz elle fazel-o grande pelo espirito, e para isso determinou-se a crear a legenda de sua patria; coloriu todos os feitos heroicos, com a luz do mytho, e assim elevou o seu paiz acima dos outros. Dos povos modernos da Europa, Portugal é o unico que tem um poema nacional: — sua historia é uma longa epopéa!

PARTE TERCEIRA

O MARAVILHOSO PAGÃO

CAPITULO I

USO QUE FEZ CAMÕES DO MARAVILHOSO PAGÃO

As mais bellas pinturas dos *Lusiadas* são desenhadas com as côres de Homero, com um raio do Olympo. Mas, se a mythologia inspirou ao poeta quadros immortaes, como a apparição de Adamastor, as nymphas cercando a frota do Gama, a ilha dos Amores, prendeu por outro lado seu genio, não o deixando desenvolver-se em toda a sua originalidade. Se á maneira do poeta grego, seu mestre, houvesse elle creado uma theogonia, se houvesse povoado com creações suas o mundo dos espiritos, anjos ou demonios, se houvesse sido sempre o poeta de sua fé, e tido a coragem de Dante ou a sobriedade de Tasso, os *Lusiadas* não teriam certas bellezas convencionaes, nem pareceriam ás vezes obra de outro seculo e de outro mundo que aquelles em que viram a luz. Antes de julgarmos em geral o valor do *maravilhoso* pagão, vamos mos-

trar os defeitos e as bellezas, que o emprego dos meios poeticos de Virgilio deixou no poema portuguez.

Venus é a protectora da frota lusitana; apparece ella sob todos os nomes nos *Lusiadas*, e se este fosse um poema religioso seria o poema de Venus. Baccho é desde o primeiro canto o inimigo dos portuguezes. Algum critico inclinado á ligar tudo em um systema poderia pensar que Camões queria destruir a impressão do poema de Nonnus, e que esse Baccho não era senão o sol cioso dos portuguezes que queriam desvendar o segredo de seus dominios e de seu berço.

Porque Venus é assim a protectora da raça lusitana? A adoração de Camões por Virgilio explica o ter elle procurado para seu paiz a *divina guarda* da mãi de Enéas.

> « Dou-vos tambem aquelle illustre Gama
> Que pera si de Enéas toma a fama, »

e quem compara os *Lusiadas* á *Eneida* vê que o destino do filho de Anchises, a gloria de sua odysséa, e a de ter fundado um novo reino longe da patria, foi o destino que Camões buscou para a descobridor da India. De modo nenhum queremos dizer que os dois poemas tenham uma só inspiração; a obra do poeta portuguez é perfeitamente nova na execução, e ainda que elle traçasse á seu genio uma barreira, que era a arte de Aristoteles e o plano dos velhos poemas, o d'elle só tem de parecido com seus antecessores os limites que deu á sua obra; dentro, porém, dessas regras da poetica de Virgilio, moveu-se elle sempre com a espontaneidade de seu prodigioso engenho.

Dando ao Gama, ou querendo dar ao Gama, o prestigio historico de Enéas, o poeta collocou a familia lusitana, como o outro collocára, depois de Homero, a familia troiana,sob a protecção da deusa do amor.

Se illudidos e atraiçoados vão os portuguezes em Mombaça ancorar em um ponto onde a abordagem é facil e a victoria segura para os mouros, é a linda Erycina quem os salva collocando-se com as Nereidas em frente á frota lusitana e pondo

« ..... no madeiro duro o brando peito »

de modo a forçar para traz a náo do almirante, desviando-a da barra inimiga.

Se, escapando ás ciladas do rei de Mombaça, Vasco da Gama implora a misericordia celeste, e invoca a *guarda divina* para que lhe mostre a terra que andam buscando, dizendo-lhe:

« Pois só por teu serviço navegamos, »

quem lhe ouve essa supplica é a *formosa Dione.* Não parece que é no interesse desse paganismo já sepultado sob as ruinas de dez seculos e de um mundo todo que andam os portuguezes navegando?

Se no meio da grande tempestade armada por Baccho, estando as náos já prestes a desapparecer no oceano, Vasco da Gama eleva á Deus uma oração magnifica, em que não lamenta a morte, mas o não ter morrido combatendo pela patria, o céo não se commove, e é só Venus que ao luzir pela madrugada no firmamento e ao visitar

« A terra, e o largo mar, com leda frente, »

sente-se tocada de medo e de ira ao ver a sua

cara armada. Não é á um gesto divino, como esse biblico ao qual foi feita a luz, que se desfaz a tempestade; a metereologia christã não tinha ainda as honras da poesia, as forças da natureza eram as divindades que povoavam o invisivel. Desfaz-se a tempestade porque Venus manda as nymphas coroarem-se de grinaldas de rosas e os ventos namorados não podem mais soprar; Orithia prende Boreas, Noto abranda-se á um sorriso de Galatéa, e somente pelo poder do amor a tempestade que tinha quasi devorado a frota lusitana, e com ella o dominio portuguez nas Indias e a memoria dessa expedição immortal, foi vencida em alguns momentos. Quando a manhã lançou seus primeiros raios nos outeiros, que atravessa o Ganges, os marinheiros poderam saudar a terra da verdadeira India.

Emfim, se depois d'essa longa peregrinação pelos mares do Oriente, vão os portuguezes voltar cansados de tantas fadigas á terra natal, temendo não ter outra recompensa mais que a da historia, e essa para os chefes, é Venus quem faz surgir para elles a ilha dos Amores.... especie de paraizo musulmano onde as nymphas, mais bellas que as houris do propheta, recebem os ousados navegantes da India. Seja essa ilha a allegoria da immortalidade e da gloria, seja mesmo o puro reinado da Venus celeste, a verdade é que foi Venus quem sustentou, quem conduzio,e quem recompensou os exploradores do Oriente.

Esquecendo por agora o valor litterario de cada um d'esses sublimes quadros, vejamos que effeito produz essa mythologia ainda espalhada por todo o poema.

Camões pertenceu á religião catholica; ainda que por vezes o fanatismo e o clêro merecessem sua censura, não se póde dizer que confundisse elle a doutrina com a superstição, o sacerdocio com os ministros; Camões foi, pois, e viveu sempre catholico, e por isso, ainda que sua imaginação ás vezes acompanhasse as deliciosas ficções do paganismo hellenico, não se póde crer que sua fé vacillasse.

Não; era elle um fervente sectario que julgava prestar um serviço á fé e á patria escrevendo seu poema.

Quiz elle cantar a gloria dos reis,

> que foram dilatando
> A Fé, o Imperio....

Havia n'elle tambem um germen de fanatismo arabe, porque queria eternisar as devastações feitas nos paizes gentios, esquecendo que ao mesmo tempo absolvia para sempre os Gengis-Khans e os Atilas...

> e as terras viciosas
> De Africa, e de Asia, andáram *devastando*.

Cantava assim Camões a gloria dos que iam navegando para estender a lei de Christo. Vasco da Gama parece-nos, em um de seus versos, um missionario como S. Francisco Xavier. Se, pois, o poema de Camões era no seu entender um poema christão, como depois deviam ser com alguma phantasia a *Jerusalém libertada* e com todo o puritanismo inglez o *Paraiso perdido*, essa mythologia é contradictoria com o seu pensamento cardeal.

Como ao Gama que invoca o Deus do seculo XV só responde Venus? como só ella protege e salva

essa frota que vai estender a fé christã? como depois que a conduz á seu destino e fal-a produzir todos os fructos, ou pelo menos espalhar todas as sementes, que tinha por missão deixar em terras da India, é ainda a mesma Venus quem recompensa os portuguezes? Que ha de commum entre a religião de Christo e o culto de Venus? Que obra foi essa de propaganda christã que só recebeo recompensa da divindade menos popular da idade média e de seu ascetismo?

Parece antes á todos os que lêem os *Lusiadas* que o christianismo e o brahmanismo não eram os rivaes; toda a contenda é entre Venus e Baccho. Se Venus triumpha, o Oriente está descoberto; se Baccho triumpha, o cabo Tormentorio terá sido chamado por D. João II cabo da Boa Esperança por uma infeliz illusão, que devorará todas as armadas lusitanas. Rasgai o livro dos commentadores, esquecei a historia tão popular do poeta, os *Lusiadas* vos parecerão escriptos por um grande genio que pertencesse á religião de Virgilio!

Não foi, porém, arbitrariamente que o epico portuguez figurou essa lucta entre duas divindades do antigo Olympo, Venus e Baccho, lucta que se desenvolve através de todo o poema. Na Iliada os deuses levam tão longe seu amor que tomam parte por aquelles que protegem nos combates dos gregos e dos troianos; na Eneida o amor de Venus continúa por seu filho, que o braço de Neptuno havia arrebatado aos dardos do divino Achilles; seria, porém, nos *Lusiadas* a protecção de Venus e o odio de Baccho reflexo dos dois outros poemas, ou teria Camões um pensamento mais profundo que occultar sob esse symbolismo?

Camões não é um poeta que se precise de interpetrar e sobre o qual variem os commentarios. Não escreveu nem um *Apocalypse*, nem um *Inferno;* exprimio sempre da maneira a mais transparente sua idéa, e se algumas vezes seu estylo não é bastante claro, o que succede sobre tudo em suas *Rimas*, ha apenas um defeito de expressão. De posse da idéa, julgou ás vezes que por um signal todos poderiam adevinhal-a e nós ficamos sem descobrir sua intenção; mas isso é um defeito de estylo, não ha desfarce para o pensamento, não ha esoterismo nem symbolica. E' o poeta mais claro de todos e por isso não devemos attribuir á sua obra senão a significação patente, nem dar-lhe outra interpetração que não seja a vulgar. Vejamos, pois, porque Camões buscou para os portuguezes o amor de Venus e o odio de Baccho. O que move Baccho á odiar os portuguezes é a inveja; teme que a fama de suas victorias na India seja vencida e que seja sepultado

« Seu tam celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento..,. se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.»

O proprio Marte fallando uma linguagem soberba no concilio dos deuses lança á Baccho essa ameaça, que é uma sentença,

« .... nunca terá alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o céo deseja. »

O que move Venus é o mesmo amor á sua gente romana: d'ella os portuguezes tinham herdado as qualidades e a lingua,

« .... na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é latina. »

A outra razão que movia Cytheréa era esperar culto e preito da *gente belligera* por toda a parte em que ella se estendesse.

Não se entenda por isso que as armas andem seguidas dos prazeres. A Venus de Camões é a deusa do amor. Desde Platão que ha duas Venus, a celeste e a terrestre; podia o epico portuguez pintar ás vezes a sua de modo, como no canto II, á parecer a deusa da sensualidade; estude-se, porém, a figura e ver-se-ha que ha nella a castidade e o idealismo da Venus de Milo.

Tambem esse Baccho que Camões designou em um de seus mais censuraveis versos por *deus do vinho* (1) é o conquistador da India, o heróe cuja fama Alexandre encontrára no lugar de suas conquistas, sem apagal-a porque não tivera a *dita de Achilles*. Essas são as razões do amor de Venus e do odio de Baccho; não apparece ahi o dualismo? Não queremos emprestar á Camões um pensamento que elle não tivesse, mas parece-nos que elle quiz fallar da rivalidade das tradições, das civilisações, dos mundos, do passado e do futuro, da raça latina e da raça mongolica, do Occidente que queria tudo descobrir e do Oriente que se queria encerrar em sua immobilidade.

E' isso o que se vê por todo o poema. Venus para quem estuda a pequena theogonia do poeta é a mãi de Enéas, fundador do estado romano; á

---

(1) « Das nymphas que se estão maravilhando
De ver que commettendo tal caminho
Entre no reino d'agua o rei do vinho. » Canto VI.

ella pertence a protecção da raça portugueza; é ella o espirito do Occidente encarnado sob a mais seductora e divina das fórmas—a do amor,— obrigado a salvar a frota que levava, por assim dizermos, em si as altas muralhas do dominio latino no Oriente, como outr'ora salvára os restos da armada troiana que tinha em seu seio o poder e a gloria da futura Roma. Baccho é o immovel Oriente, que quer prolongar infinitamente sua separação do mundo, que vive com suas tradições, que se fecha em seu isolamento.

Dissemos no principio que talvez esse Baccho fosse o sol. Camões, porém, se tivesse tido a idéa de oppôr o sol ao senhorio portuguez não procuraria uma fórma symbolica; dil-o-hia claramente, não faria do astro-rei tão bellas descripções, nem buscaria sempre um de seus raios para alumiar as glorias lusitanas. Uma investigação mythologica systematica póde descobrir sob o culto de Baccho e nas festas dyonisiacas a religião do sol; o poema de Nounus póde prestar-se á essa ousada hypothese; não o póde, porém, o poema de Camões. O que é licito, sim, ver nesse dualismo de Venus e Baccho, é a rivalidade dos dois mundos; ainda que o christianismo, em um poema que se propunha á immortalisar os audazes missionarios da fé pela espada, devesse figurar nessa luta de que elle alimentava a intensidade, a encarnação mythica do Occidente em Venus e do Oriente em Baccho faz que só haja no poema o dualismo da civilisação romana, renascente no seculo XVI, e da civilisação oriental.

Qualquer, porém, que fosse a intenção de Camões, o que se vê no seu poema é o perfeito re-

nascimento dos velhos meios poeticos de Homero e de Virgilio. A confusão do catholicismo com o paganismo é flagrante em muitos pontos do poema. Que confissão mais perfeita de que o paganismo tinha sua parte de verdade do que essa associação do Olympo grego com o céo christão? Em Mombaça Baccho adora Christo

« e assi por derradeiro
O falso deus adora o verdadeiro; »

mas essa conversão, que seria em todo o caso uma pobre invenção poetica, é apenas uma simulação, porque muito tempo depois vemos Baccho preparando no palacio de Neptuno a medonha tempestade que ameaçou engolir a frota portugueza.

Os mensageiros divinos não são anjos, como Gabriel, linda creação do genio de Tasso e do pincel de Raphael Sanzio: são os mesmos da fabula.

Depois d'esse lindissimo quadro da supplica de Venus e da prophecia de Jupiter, quadro inspirado pelo do primeiro canto da Eneida, mas original na execução, não nos maravilha que Jupiter chame o filho de Maia; tinhamos visto isso em Virgilio,

« *Hæc ait: et Mai genitum demittit ab alto;* »

sorprehende-nos, porém, que Vasco da Gama tivesse reconhecido em Mercurio o enviado de seu Deus e houvesse dito:

« Dai as velas... dai ao largo vento,
Que o céo nos favorece, e Deus o manda:
Que um *mensageiro vi do claro-assento.* »

A impressão produzida no espirito vulgar pelo uso do *maravilhoso* mythologico é má; destróe, por assim dizermos, a verdade da narração, cria

uma atmosphera sobrenatural em que vivem os heróes d'esse tempo, parte a unidade das tradições, faz, em uma palavra, parecer de outro seculo, não só o poeta, como tambem a epopéa. Nos espiritos cultivados tambem a impressão é dolorosa; lamenta-se que preso ás cadêas de uma arte convencional o genio do poeta não se elevasse ás alturas, que são o seu dominio incontestavel; sente-se que não confiando bastante na immortalidade de sua obra procurasse elle dirigir-se pela vereda que tinham seguido seus predecessores; que se esquecesse de que uma obra prima para apossar-se do futuro só precisa de produzir-se; lamenta-se, para dizermos tudo, que esse genio superior tenha contado mais com seu seculo do que comsigo.

Quer isso, porém, dizer que o *maravilhoso* mythologico não fosse usado pelo grande epico com uma felicidade admiravel? Já mostramos quantos quadros magnificos o paganismo inspirou-lhe; para alguem que acreditasse que tinhamos assignalado tudo que ha nos *Lusiadas*, de verdadeira inspiração, da theogonia pagã, bastaria dizer que não analysámos a apparição do Adamastor, a obra prima da lingua portugueza. Por ora criticamos tão sómente o emprego do *maravilhoso* pagão, acreditando que o genio de Camões teria subido ás alturas á que se elevou Dante e Shakaspeare e que os *Lusiadas* seriam um poema incensuravel, se o poeta não houvesse desconfiado de si e não se houvesse sujeitado ao molde das antigas epopéas.

Fallando em these, a mythologia de um povo não serve á litteratura de um povo differente; se os Niebelungen tivessem por divindades Minerva

e Juno, se Cupido impellisse Gunthar para Brunhild, se Marte sustentasse o valor de Siegfried, quem veria no poema a epopéa nacional dos povos germanicos?

Quem tambem perdoaria Ossian, elle se roubasse á seus cantos aquelle perfume de originalidade, de que elles rescendem, pondo Malvina sob a protecção de Venus, ou fazendo uma divindade da Iliada sustentar o escudo de Trenmor e Apollo cobrir com a nuvem o vulto de Fingal?

E esses são os poemas nacionaes. De certo os *Lusiadas* são um poema nacional, o mais nacional dos poemas, como mostramos, em um sentido: que a acção é verdadeiramente portugueza e que o mais subido amor da patria o inspirou; mas epopéas nacionaes assim chamadas são aquellas em que se vê mais a inspiração do povo que a do poeta, de tal fórma que se chega á pensar que essas obras divinas são como gerações expontaneas da intelligencia de um povo em certas epochas do ardente enthusiasmo. Se se perdesse a memoria de Camões e se attingindo os *Lusiadas* á antiguidade da Iliada, dissesse alguem que eram elles uma epopéa nacional do XVI seculo, quem o acreditaria? A duvida que ha sobre a Iliada não poderia existir sobre elles. Porque? Será que a obra de Camões seja mais perfeita de que a de Homero, que haja n'ella mais unidade, que pareça mais a creação de um só espirito? A razão é outra: é que os *Lusiadas* são do seculo XVI e tem a mythologia de seculos prehistoricos, e nenhum povo crea suas legendas fóra de sua religião; a expontaneidade falta ao poema, e por isso só podia elle ser creação de um espirito refractario ou superior á seu tempo.

Depois de tudo isso que temos dito contra o emprego do *maravilhoso* pagão, resta-nos uma attenuante á apresentar em nome do poeta. Se ha uma verdade sanccionada pela historia, é a de que os deuses que vão não voltam. No tempo de Camões a mythologia de Virgilio estava enterrada sob doze seculos, sob as ruinas do mundo romano e da idade média. O polytheismo era apenas uma recordação historica, um objecto de erudição e de investigação litteraria. Seria tão difficil resuscital-o como restituir á Pompeia a vida e o movimento que tinha quando o Vesuvio cobrio-a de cinzas e de lavas. A idade média toda tinha passado sobre elle; não restavam mais ruinas de seus templos, quando os mosteiros levantavam por toda a parte suas muralhas; sua architectura mesma estava esquecida, porque o espirito do povo durante longo tempo tinha-se habituado a elevar-se até Deus seguindo a flecha das cathedraes que se apagavam nas meias sombras do ar.

Sentimentos differentes tinham então nascido na alma, e a piedade, creação do doce ascetismo das Therezas de Jesus, impedia a volta triumphante dos deuses licenciosos da Grecia e de Roma. Estava morto o polytheismo. Demais com os Arabes tinha apparecido na Europa o ultimo inimigo armado da fé christã, e já oito seculos tinham passado depois da hegyra; se no Oriente tinha-se visto a Europa reduzida a abandonar aos Ottomanos o imperio de Constantino com o tumulo de Christo, no Occidente, quando Camões escreveu o seu poema, já o islamismo era um vencido, e mais ainda, segura pelo ferro contra os barbaros a Igreja tinha começado sua *purificação* pelo fogo. Muitos acontecimentos

portanto tinham passado sobre o tumulo das faceis divindades do Olympo, quando alguns poetas, deixando o estylo das lendas de cavalleria da idade média, desenterraram-nas para ornar com ellas os seus versos. Nenhum d'elles converteu-se ao polytheismo; todos, porém, cedendo á influencia da arte antiga, abraçaram as ficções poeticas da velha mythologia. Se em um poema, em que cantava os paladinos da fé, Camões povoou o seu céo com os deuses do Olympo, é porque sabia que em seu tempo elles não eram senão um velho recurso poetico, que podiam servir para bellos quadros. Venus pode estar ao lado de Christo, porque todos sabem que essa Venus nunca existio, e é apenas uma ficção para alimentar a longa narração do poema. Camões não suppoz ter offendido a religião, nem destruido por suas proprias mãos o monumente que pretendia erguer aos dilatadores da fé.

Qualquer que seja a força d'essa razão, a verdade é que o *maravilhoso* pagão foi imposto á Camões por seu seculo. Mas ainda sob a influencia das idéas de seu tempo, e obedecendo á ellas, fechado no circulo da *renascença*, subio elle tão alto quanto o engenho humano tem subido. Se se emancipasse da atmosphera pagã, não teriamos nós o Adamastor, nem a ilha dos Amores; teriamos, porém, sempre a Ignez de Castro, e, livre, o genio de Camões poderia ter-se elevado á poetica universal, para que caminha o seculo XIX.

Era infelizmente preciso que elle introduzisse o sobrenatural no seu poema, e para isso fez um poema perfeitamente pagão. Tasso formou com os despojos de todas as religiões a sua demonologia, não povoou, porém, senão as baixas regiões

de Plutão. A crença catholica nos demonios e nos anjos permittia-lhe pintar mesmo com as côres antigas o seu inferno, e é por isso que n'elle vemos um pandemonium de todos os espiritos máos das differentes religiões. Camões podia dispensar-se de colorir tão phantasticas e temerosas scenas, e deixar tambem a magia, como a de Ismen, que dá á *Jerusalem* certa apparencia dos contos arabes das mil e uma noites. Havia no sentimento, na alma mundos desconhecidos que Dante entrevira, mas de que só Shakspeare devia ser o Colombo; era d'esses que o genio de Camões devia tomar posse! O amor, tão puro, tão verdadeiro em D. Ignez de Castro, podia ter outras faces. E' um pezar, que sentimos, ver que Camões não se apossou com resolução de seu papel de creador, que não tomou a iniciativa do genio. A elle pertencia a revolução que mais tarde operou-se e que cobrio o mundo antigo de ruinas, atravez das quaes apenas se destacam, mas essas desafiando o tempo, como columnas de uma arte desapparecida, mas inimitavel, a *Iliada*, os *Lusiadas*, e a *Jerusalem*.

E' talvez uma fatalidade que prende os homens ao meio em que vivem e fal-os duvidarem de si quando unanimes os contemporaneos os condemnam. E' preciso terem elles na alma uma força inquebrantavel para atirar da fronte os louros com que seu tempo quer coroal-os, e appellar para uma posteridade que talvez não venha nunca. Esse livro, ao qual elles confiam sua immortalidade, talvez nem lhes sobreviva! Com este receio preferem elles a corôa que seu tempo lhes dá, e entregam-se á toda a embriaguez de uma gloria universal. Talvez mesmo, como em Camões, não fosse nem desanimo

nem egoismo; talvez fosse o amor da patria. Os *Lusiadas* eram destinados á perpetuar menos o nome do cantor que os feitos do paiz, e temia o poeta que, adoptando para elles uma forma de futuro, ou fazendo nas lettras uma revelação, ficasse toda essa epopéa, de que elle era o Homero, condemnada ao esquecimento. Seu patriotismo não o deixou duvidar mais tempo, e buscou elle para fazer aceitar sua obra, que era o monumento da patria, a forma acceita, estudada, adorada em seu tempo, a forma da *Iliada* e da *Eneida*.

O que discutimos nós? O que aventuramos depois dessas razões adduzidas pró e contra?

Que o *maravilhoso* pagão foi uma barreira erguida pelo poeta diante de seu genio, um pezo de chumbo atado pelo tempo ás azas da aguia: que esse *maravilhoso*, além de limitar a circumferencia do engenho do poeta, tira á sua obra a naturalidade, a originalidade dos poemas nacionaes, que reflectem a alma, a vida, o sentimento do povo, fazendo-o parecer escripto, no seculo XVI, por um contemporaneo de Virgilio, despertado de um somno de quinze seculos.

Perguntando-se, porém, que uso fez Camões d'esses meios poeticos, diremos: elle renovou o polytheismo, deu ao antigo Olympo um brilho desconhecido mesmo na *Iliada*, traçou com as côres que pareciam gastas por Virgilio quadros de que a antiguidade não nos legou os rivaes, em uma palavra, compoz uma obra divina!

CAPITULO II

ADAMASTOR

As náos portuguezas, depois de uma já tão longa viagem, iam approximando-se da extremidade sul da Africa, do cabo das Tormentas. Era a fronteira do mar das Indias, a porta do Oriente, que ellas iam atravessar com as velas desfraldadas, pela esteira de Bartholomeu Dias.

Todos os que lemos os *Lusiadas* seguimos sempre com os olhos essas caravélas, prolongamento fluctuante da grande nação.

Camões é verdadeiramente o poeta da navegação. Suas descripções maritimas são inimitaveis. Homem do mar e poeta, devia elle ser o primeiro pintor das grandes scenas do oceano, e na verdade nenhum pincel reproduz a magestade de seus quadros.

Não pintou elle sómente a natureza, descreveu as impressões da alma diante d'ella; os sentimentos do navegante ficaram-nos todos em versos eternos. Não nos contou elle em uma de suas estancias o que se passa com aquelle que deixa a patria, que sente afastar-se do Tejo e que, quando a ultima penumbra da costa desapparece na raia do horisonte, acha-se entre o céo e o mar, murmurando já com lagrimas as palavras do poeta:

« *Fortunati quorum jam mœnia surgunt?* »

« Felizes os que veem despontar os muros de sua cidade! »

« Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes, que ficavam :
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Cintra ; e n'ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam ;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais emfim, que mar e céo. »

Como nos descreve elle no canto VI uma tempestade no mar das Índias e a calma que lhe succede! Não nos parece ver em todo o seu horror esse terrivel quadro maritimo: as náos alagadas, com os mastros partidos, os raios allumiando a noite negra e feia, os montes derribados pelas ondas, as raizes das arvores viradas para o céo, as velas rasgadas pela força dos ventos, e o canto triste das alcyones, cujo destino é cantar durante a tormenta as miserias do naufragio? E depois que vemos toda essa tempestade desfazer-se por força do amor, não dir-se-hia que sentimos o doce reflexo da luz matutina sobre o mar, fatigado de tanta colera e coberto ainda de suas espumas?

Nenhum poeta descreveu tão bem os grandes espectaculos do oceano, nenhum tambem foi tão homem do mar, como Camões; elle sentiu a impressão dessas scenas, atravessou os perigos da tormenta, salvou-se de um naufragio, viveu, por assim dizermos, com os olhos fitos no mar — caminho da patria distante.

Como pinta elle uma vigia á bordo! a náo isolada no meio do oceano e a vigia velando á noite; é uma noite de luar, uma noite serena, em que apenas a brisa corre pelas ondas sem despertal-as e os marinheiros dormem ao relento do céo tropical:

« Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas;
As estrellas os céos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como, per longo tempo, costumava. »

A' vida do mar, do desterro, das armas deveu elle sem duvida parte de sua individualidade moral e poetica; sobretudo a longa contemplação do horisonte, do firmamento, do infinito, porque em uma navegação de muitos mezes o pensamento não tem senão esses sublimes objectos em que fixar-se, devia ter dado á sua obra essa unidade, essa harmonia, esse perfume todo intrinseco de religião, de patriotismo, de justiça e de amor, que nenhuma litteratura sentio exhalar-se de uma unica de suas obras primas! tanto é verdade que o infinito é a patria de tudo que é realmente grande, e que o genio fecundado pelo ideal póde ser chamado „ divino! "

A mais soberba, porém, de quantas creações o o mar inspirou á Camões é o Adamastor. Dizemos o mar, porque foi talvez ao dobrar pela primeira vez o cabo das Tormentas que elle teve essa concepção. Comprehende-se que por uma noite sombria a costa africana tomasse as proporções de um phantasma, e que ao atravessar esse cabo de tão máo agoiro o poeta meditasse sobre o dominio do Oriente, que elle tinha depois franqueado á sua patria, e visse nisso uma grande fatalidade vencida pelo genio de seu paiz á custa de innumeros sacrificios. N'esse momento, as catastrophes de que elle fez propheta Adamastor, vir-lhe-iam á memoria, e sua imaginação provocada naturalmente pelo

lugar, pela historia, e por sua propria viagem no rumo do Gama, teria concebido essa inimitavel creação.

Vão as náos lusitanas penetrar nos mares do Oriente quando por uma noite de uma treva transparente desenvolve-se ao longe uma nuvem espessa e de seu seio começa a desprender-se a fórma de um novo colosso de Rhodes. *Seu rosto é carregado* como uma costa arida e queimada pelo sol, *sua barba esqualida* como a vegetação dos pantanos africanos, os olhos são encovados, a *postura é medonha* como a dos penedos que surgem á prôa do navio, a côr é *terrena*, a *bocca negra* como a dos precipicios e das cavernas, os *dentes amarellos* como a espuma phosphorescente em noite de tormenta. Não é esse colosso, assim desenhado nos versos do poeta:

> « Não acabava, quando uma figura
> Se nos mostra no ar, robusta e válida,
> De disforme e grandissima estatura,
> O rosto carregado, a barba esqualida:
> Os olhos encovados, e a postura
> Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
> Cheios de terra, e crespos os cabellos,
> A bocca negra, os dentes amarellos. »

a propria sombra de uma costa distante? Não parece a representação animada do promontorio, tão real que o espirito depois segue a metamorphose do gigante no cabo, como se aquelle não fosse senão a perspectiva longinqua deste? E' o cabo das Tormentas quem assim detem as náos portuguezas e faz parar o Gama. Deitado na extremidade sul da Africa, era elle o eunucho que guardava a virgindade dos mares do Oriente e os *thalamos do sol.*

Já Bartholomeu Dias o havia descoberto, sem ter podido desvendar os seus segredos; a frota lusitana, porém, d'esta vez tinha por si o destino, trazia o rumo verdadeiro *dos berços do dia*, e ia na direcção das Indias. Para desviar os portuguezes d'esse caminho, para impedir que as suas náos rasgassem o seio virgem das ondas do Indostão e da Arabia, o gigante toma emprestada a voz do oceano e começa a desvendar-lhes os casos futuros. Como exprobra elle aos Lusos a ousadia de navegarem esses mares, por tantos seculos virgens do roçar de qualquer lenho! como lhes annuncia a completa destruição da primeira armada que os seguisse n'essa passagem, a infeliz armada de Pedro Alvares Cabral! como os previne da morte de Bartholomeu Dias, seu descobridor, com uma ira tão concentrada que faz crer no poder de sua vingança! que linda homenagem a D. Francisco d'Almeida não é essa tambem cruel prophecia, em que se mede o valor do homem pela ira de Adamastor e pelo involuntario tributo que elle lhe paga:

« E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céos,
Serei eterna e nova sepultura
Per juizos incognitos de Deus. »

Não fallou, porém, nunca o poeta a um só sentimento; uma das provas de seu genio é que sempre os moveu todos. Assim Adamastor não podia só querer amedrontar esses novos argonautas, devia tambem tocar-lhes o coração. O medo não era conhecido por esses navegantes, cujo chefe, outro Jason, podia perguntar ao colosso:

„E tu acreditas que jámais tivessemos medo ?"(1)

Mesmo a impressão de terror produzida pelo gigante, seria sempre inferior á coragem d'elles. A piedade, porém, é outro sentimento, e as naturezas mais elevadas, aquellas que até não conhecem o medo, podem dobrar-se e curvar-se sob sua acção. Appellava pois Adamastor para a sensibilidade do Gama e de seus irmãos de gloria, e como todos os appellos de Camões esse é eloquentissimo. E' o quadro prophetico que desenha Adamastor do naufragio de Sepulveda; são apenas tres estancias, mas de uma paixão tão profunda que lendo-as vemos n'ellas a grande dôr do poeta, em vez da fria serenidade de um promontorio animado.

E' preciso confessar que a creação de Adamastor parece á primeira vista não ter unidade moral e que toda a sua vehemente apostrophe ao Gama e á raça lusitana parece mal combinada para sustar a derrota dos descobridores da India. Já o vimos ardendo em vingança prophetisar-lhes fados crueis, agora o vemos impressionando-os com a narração de uma tragedia para sempre memoravel.

O que, porém, parece desharmonia é que esse ente cheio de tanta colera chore sobre os fados, de que elle proprio quiz ser propheta, e que interrogado por Vasco da Gama conte-lhe, como se tôra um velho amigo, a historia de seus amores. Sobretudo parece não coadunar-se com o seu proposito de deter os navegantes o trahir elle o se-

---

(1) Val-Pater.—*Argon. Mene aliquid metuisse putas ?*

gredo de sua metamorphose e de sua impotencia, dizendo-se inimigo de Neptuno e fulminado por Jupiter.

Lembrem-se, porém, os leitores que Adamastor é um gigante vencido, que elle é a representação de uma fatalidade de longos seculos, que tinha isolado as Indias da Europa, e que Vasco da Gama era, por assim dizermos, um enviado celeste e a apparição nos mares do Oriente de um principio novo de civilisação e de fé. Esse gigante adormecido durante tanto tempo era pois um obstaculo vencido, e cumprindo o seu dever de defensor dos mares elle tinha consciencia de sua fraqueza: isso explica ao mesmo tempo as suas ameaças e sua indiscripção. Se mesmo assim explicado, o pensamento do poeta não parecer bem expresso, porque não se ha de admittir que esse gigante fulminado ostenta sua quéda, e sente-se ainda bastante forte, depois de esmagado por Deus, para luctar contra os homens? Porque tambem não se ha de pensar que sua missão de guarda dos mares estava concluida depois de tão terriveis prophecias, e que vendo avançarem apezar dellas as náos portuguezas em busca de uma gloria, que lhes havia de custar tanto sangue, sentiu elle toda a sua colera trocar-se em admiração por esses ousados exploradores, inaccessiveis ao medo, e, o que é tudo, á piedade, quando se tratava de dilatar a fé e a patria?

E' preciso buscar em todas essas conjecturas a unidade moral de uma creação, como a de Adamastor, que por si só salva do esquecimento uma litteratura.

A narração do naufragio de Sepulveda é feita, como dissemos, em tres estancias, que não podem ser elogiadas demais. Eil-as:

« Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, énamorado,
E comsigo trará a fermosa dama,
Que Amor, per gran' mercê, lhe terá dado,
Triste ventura, e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos
Pera verem trabalhos excessivos.

« Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados, e nascidos:
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar á linda dama os seus vestidos:
Os chrystallinos membros e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar, verão despidos:
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

« E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrymas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da fermosa e miserrima prisão. »

Seria impossivel tornar mais sensivel, do que o poeta as deixou todas, qualquer das bellezas d'essas tres estancias: a morte dos meninos nascidos e gerados em tanto amor, a casta descripção da nudez d'essa infeliz D. Leonor de Sá, com os pés queimados pelas areias ardentes, pisadas *longamente*: outros tantos passos de uma dolorosa paixão! a solidão dos dois amantes no meio de um horisonte sem voz e sem écho, no infinito esteril! Ha, porém, uma belleza n'essas oitavas sobre a qual é preciso insistir: é a affirmação solemne

da immortalidade da alma posta na bocca de um ente sobrenatural, é esse nome de *prisão* que elle dá ao corpo, é essa apotheose do amor: o abraço de dois corpos que agonisam, em quanto as almas desprendem-se em um mesmo vôo, como as aves que pela madrugada deixam juntas as ruinas, em que dormiram.

Camões comprehendeu bem o valor d'essa pintura, porque cortou ahi a imprecação de Adamastor com a pergunta do Gama, prova de que no espirito d'este já havia aquelle produzido a maior impressão.

As estancias em que Adamastor responde á essa pergunta, que lhe pesa, porque é uma ordem para soffrer de novo uma dôr cruel,

infandam jubes renovare dolorem,

estão na memoria de todos. Um vivo colorido, uma descripção fluente, uma intriga original, uma scena de sorpresa, uma queixa eloquente, e uma metamorphose esplendida, como as melhores de Ovidio, eis o que dá á essas estancias tanto interesse, tanta vida e tanta popularidade.

Adamastor foi um dos gigantes, que se rebellaram contra Jupiter, um irmão de Encélado e de Egeu. O amor moveu-o á tentar essa *empreza tamanha;* foi Thetys, esposa de Peleo, a nympha que elle amou, tendo para amal-a desprezado todas as deusas do céo. N'esse amor não havia, porém, illusão da parte do gigante, que não se deleitava com ver sua imagem na agua. Sabendo elle que lhe seria impossivel alcançal-a

« Pela grandeza fêa de *seu* gesto, »

determinou obter sua nympha *tomando-a por*

armas. Para isso conta elle o caso á Doris, que o alenta com falsas esperanças e que consegue que no meio das aguas Thetys mostre-se despida á seu apaixonado amante. Logo que este vê apparecer

« .... o gesto lindo
Da branca Thetys unica despida, »

corre para ella, como para buscar a vida, mas, em vez da nympha, aperta ao seio um

« duro monte
de aspero matto e de espessura brava, »

e ao contar depois de tantos mil annos o seu espanto, ainda acha uma phrase, como em lingua nenhuma ha mais expressiva para pintar a estupefacção:

« Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,
E juncto d'um penedo outro penedo. »

A queixa que elle dirige á sua cruel amante depois de tão grande magoa e deshonra não é a explosão do odio, é ainda a homenagem de um amor mais forte do que elle á belleza sem rival de Thetys; n'ella só lamenta não ter sido mais longa sua illusão, tanto é verdade que a illusão é ás vezes a felicidade mesma. N'esse tempo, porém, seus irmãos já eram vencidos e a mão poderosa dos deuses começou a pezar sobre elle. Descreve então Adamastor sua transformação no Cabo das Tormentas, e é tão viva a descripção que parece-nos ver a petrificação d'esse vulto esqualido e grandissimo, seu corpo estendendo-se pela mar das Indias e tornando-se em rocha, os ossos formando

os penedos da costa. De repente em nossa imaginação d'esse ente, animado outr'ora de uma força tão grande, não resta senão o espirito, atado á um promontorio extenso, e soffrendo cada vez mais viva a dôr de um amor impossivel...

« .... e por mais dobradas magoas
Me anda Thetys cercando d'estas agoas. »

Tal é a evocação que surge no mar das Indias diante dos navegantes portuguezes.

N'essas oitavas reunio Camões todos os thesouros de seu genio. E' elle ao mesmo tempo legendario, heroico, apaixonado, e portuguez: o amor tem no naufragio de Sepulveda gemidos e lagrimas, na lenda de Thetys graça, frescura e enlevo; o patriotismo expande-se n'essas prophecias da gloria lusitana; e o verso é ora terno, ora dramatico, ora tempestuoso, é a fórma sempre adequada do pensamento.

Quando lemos pela primeira vez os *Lusiadas*, a phrase de Adamastor ao Gama:

« Aqui espero tomar (se não me engano)
De quem me descobriu summa vingança, »

parece-nos não dirigir-se tão sómente á Bartholomeu Dias, mas á nação portugueza, e, se não conhecessemos a historia, aquelle promontorio deixado atraz, aquellas predicções de um remoto futuro, gelar-nos-iam de susto ao pensarmos na frota lusitana. O que, porém, quiz o poeta com essa creação foi dar uma fórma, uma voz, ao passado vencido pelo genio portuguez; essas deploraveis catastrophes não são mais do que o preço

fatal da verdadeira grandeza! Assim quando vemos singrarem as náos lusitanas, depois de dobrado o Cabo das Tormentas, seguimol-as com fé e segurança, porque n'esses lenhos fluctuantes vai um principio de civilisação que não morre, e o primeiro raio que bate-lhes nas velas, quando a sombra de Adamastor se desfaz, é o raio da gloria!

CAPITULO III

O POEMA DE VENUS

O canto II dos *Lusiadas* resente-se da leitura da *Eneida;* o poeta ainda tinha diante de si, como modelo, o poema de Virgilio, precisava ainda de um guia, não tendo coragem para fazer acceitar as creações do seu genio. Seguindo, porém, o original latino, Camões mostrou sempre que imital-o era mais um constrangimento do que um auxilio para si. E' elle como um condor que, posto nos Alpes e desconfiando do poder de seu vôo, não deixasse a região das aguias.

O genio, porém, tem uma individualidade, seu dever é crear; assim, mesmo nos lugares dos *Lusiadas* em que se vê o poeta com o livro de Virgilio aberto diante de si, reconhece-se que o que elle produz é distincto, original, novo, como uma creação. O canto II, aquelle em que Camões mais recordou-se de seu querido poeta, vai dar-nos a prova dessa originalidade, que transparece sob as fórmas convencionaes da poetica latina.

I

O primeiro quadro é original na idéa e na expressão. Os portuguezes atraiçoados em Mombaça por obras de Baccho iam levando suas náos para perto de terra, onde ellas seriam tomadas pelos naturaes, quando a linda Erycina deliberou e conseguio salval-as.

Com essa ficção mostrou Camões que era um verdadeiro poeta epico. Não se póde dizer ao certo como procedeu Homero compondo a *Iliada;* não se sabe se ha em todas essas fabulas poeticas um fundo de verdade, e menos poder-se-hia reconstruir a historia dos tempos heroicos tomando, por conjectura a parte dos mythos que se julgasse verosimil; mas o que nos parece é que Homero divinisou heróes populares, e explicou de um modo maravilhoso acontecimentos historicos, que antes delle já a imaginação do povo havia tornado legendarios. Se assim foi, Camões procedeu do mesmo modo ao crear essa fresca e deliciosa ficção.

A descripção do poeta é a do Roteiro, (1) mas emquanto n'este se attribue ao poder de Jesus a salvação das náos lusitanas, aquelle suppõe Erycina empenhada em estorvar

---

(1) No Roteiro da viagem de Vasco da Gama lê-se o seguinte:

« A' terça-feira, em alevantando as anquoras pera ir pera dentro, o navio do capitam moor nom quis virar, e hiia em quu

« A' gente portugueza, o fim nefando, »

e essa concepção produz um bello quadro. E' o das nereidas que abrem as ondas com o peito; de todas essas alvas e louras filhas do oceano, virgens como elle, voluveis como as ondas, ternas e peregrinas amigas dos ventos que as agitam e as serenam. No meio de todas, vem nos hombros de um tritão, Venus, a filha do mar, formada da espuma transparente e lucida. Ellas, espalhando-se pelas aguas, e fechando o caminho da barra, sustentam contra o seio o impulso das náos, levadas pela corrente e pelo vento, que incha as velas a rasgal-as. O poeta foi verdadeiramente creador aproveitando um episodio perdido no roteiro das viagens á India para dar-nos um quadro tão gracioso como este. Nenhum poeta antigo povoou tão bem como elle o oceano, nenhum deu tanta vida á esses mythos que a imaginação grega via scintillar nas

---

que estava por popa. E emtam tornámos a lançar as anquoras: e em os navios estavam mouros comnosco, os quaees, depois que viram que nom hiamos, rrecolheram-se em huuma zavra, e hindo já por popa, os pillotos que vieram de Momcobiquy comnosco lançaram-se á augua, e os da zavra os tomaram. E como foy noute o capitam pingou (*a*) dous mouros dos que traziamos, que lhe disesem se tinham treiçam ordenada, os quaes diseram que como foramos dentro, que tinham ordenado de nos tomar e se vingarem do que fezeramos em Momcobiquy,...» E mais adeante: « Estas e muitas outras maldades ordenavam estes perros; mas Noso Senhor nom quis que se lhes desem a bem, porque nom criam nelle. » Roteiro, 2ª edicção, pag. 39.

(*a*) « Pingar: tormento que consistia em deitar pingos de oleo, ou resina a ferver, e até de metal derretido sobre a pelle de algum individuo para o constranger a confessar qualquer cousa. » Idem, pag. 39.

ondas; e teve elle razão, porque nós seguimos com mais confiança o rumo das náos pelo grande mar desconhecido, sabendo que nos rastos que ellas deixam após si ha divindades amigas e protectoras.

Apenas viu Vasco da Gama o milagre, com que fôra favorecido, levanta um hymno á Deus e em uma prece roga-lhe que mostre-lhes a terra, que vão buscando. Quem ouve estas palavras é a formosa Dione, e mal as ouve dirige-se á Jupiter para pedir pela frota lusitana.

A pintura de Venus mostra-nos que Camões não foi o creador da theogonia de que se serve; ainda que ella attinja um alto gráo de idealismo, esse céo em que está o seu Jupiter não é o céo do Zeus homerico, nem mesmo o de Virgilio. Ha nesse breve quadro do poeta muita coisa de humano, pouca de divino.

No canto primeiro da *Eneida*, Venus comparece diante de Jupiter, quando este olhava para os desertos da Lybia; vem mais triste do que nunca e tem os olhos luminosos cheios de lagrimas,

Tristior, et lacrimis oculos suffusa nitentes.

Fallando á seu pai, seu discurso é grave e solemne; lembra-lhe a promessa feita de que os romanos, sangue renovado de Teucro, dominariam sobre o mar e sobre a terra; queixa-se de que Antenor tivesse já edificado a cidade de Padua e gozasse com os troianos fugitivos de repouso e de paz, em quanto ella, filha de Jupiter, e Enéas, seu filho, viam seus navios perdidos na tempestade e afastados das praias da Italia. „ E' esse, pergunta ella, o premio de nosso amor? "

Hic pietatis honos?

A Venus, que assim nos apparece nos versos de Virgilio, é o mytho de uma civilisação esclarecida e não de tempos de ingenuidade. E' uma deusa, á quem se attribue muita coisa de humano, por que se lhe dá um sexo, um filho, olhos ardentes e lagrimas; mas esse anthropomorphismo é apenas homenagem ao mytho popular. A figura da deusa é realmente divina, e está envolta em uma nuvem impenetravel, como a que occultava os deuses nos combates da *Iliada*.

O poeta não quiz modelar a imagem de Venus; deixou isso aos artistas de seu tempo ou referio-se ás innumeras estatuas gregas, que ornavam Roma: Camões, porém, fel-o ousadamente. Poderia elle fazêl-o, como Homero, apezar de ser isso querer reproduzir em um tempo de razão e analyse as legendas da fé primitiva; deveria mesmo fazêl-o desde que seu genio tinha todo o poder de idealisação do cinzel de Phidias; mas a alma desse corpo divino devia não ter as fraquezas, a astucia, os arteficios, os meneios da mulher. Platão, fazendo á Homero as unicas censuras que merece o seu immortal poema, pugnava pela pureza e elevação do typo divino. Camões devia ter evitado essas censuras, porquanto seria imperdoavel querer elle quebrar o prestigio e a seducção do seu *maravilhoso*.

Ainda que elle tivesse posto ás vezes seus deuses ao nivel dos homens, o céo pintado no canto II dos *Lusiadas* não é o céo de Zeus.

Posto que a natureza physica de Zeus fosse a mesma na narração homerica que a de Achilles, o ser, a divindade nada tinha de humano: ha uma idéa de infinidade entrevista na de perfeição; o ideal, o

absoluto, as grandes intuições do theismo idealista e pantheista teem sua origem na theogonia da *Iliada*, n'esse deus gerador e senhor dos deuses, principio e vida do *cosmos*.

Mas o que faz-nos pensar assim? A falla de Venus, porque Jupiter nos apparece com uns traços dados pelo pincel de Virgilio e respira a magestade do Olympo.

Camões ousou dar-nos em numerosos versos a imagem de Venus. E' ella quem sustenta e protege os portuguezes; apparecendo logo no adyto do poema, dir-se-hia que é ella os seus deuses penates. Vejamos pois o *idolo!*

A Venus, que o poeta nos pinta, é a Venus celeste. Póde-se dizer que é a allegoria do amor puro, das attracções moraes, do bello, da harmonia. Não é só o amor das almas que se confundem em um unico pensamento; é todo o amor, a idéa do amor, que ella nos representa: todas as relações moraes do universo, de Deus e dos homens; todas as attracções, fataes e materiaes no seu estado actual, mas livres e sympathicas no acto da creação; é o bello em todas as suas fórmas, é a harmonia, a grande *harmonia* platonica, a essencia da divindade, como ordem, amor, virtude, perfeição e bem. Em uma unica estancia o poeta deixa-nos ver isso, e torna facil a comprehensão do mytho allegorisado. E' a seguinte:

« Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os pólos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria. »

Não se vê nessa estancia a allegoria da harmonia das espheras ou da ordem do universo, e não se vê logo depois o poder creador do amor formando uma cosmologia nova? O que querem dizer esses *espiritos vivos que accendem os pólos* senão uma physica em que o amor representa como a chave da unidade das forças?

Essa Venus, porém, assim allegorica é um ser metaphysico, e o poeta quer dar-lhe uma realidade sensivel; póde fazêl-o agora, já a pureza da idéa está salva, e todos os olhos fitarão com o respeito do artista, que copia o modelo, a nudez da linda Dione:

« Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam
Com quem Amor brincava, e não se via;
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam. »

Não ha mais bella descripção: é um marmore nú que está diante de nós, a Venus de Medicis. Nenhum marmore, porém, tem a vida dessa creação do poeta. As estatuas são frias e immoveis; sob a superficie polida pelo esculptor ha a pedra informe. O que seria da Venus de Canova se um cinzel destruidor quebrasse-lhe as roupas? o que appareceria debaixo das largas dobras do seu manto?

A Venus do poeta, porém, tem movimento e alma; sente-se que ha nella o fogo da vida,

« da alva petrina flammas lhe sahiam; »

dentro de seu peito ha um coração que bate e espalha o sangue

« pelo collo que a neve escurecia, »

os seios arfam com a cadencia da respiração e com o impulso da corrida:

« andando as lacteas tetas lhe tremiam, »

a vida enfim palpita sob sua alva encarnação e derrama-se por seu abundante cabello. O poeta insiste tanto sobre a alvura, o que se póde ver nos tres versos agora citados, no collo de neve, no seio da côr do leite e na cintura tão branca e tão luminosa, que parece querer pintar-nos a Aphrodite grega, a filha da espuma e da luz.

Para julgarmos imparcialmente os *Lusiadas*, devemos dizer que a estancia seguinte é de um realismo exaggerado:

« C'um delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O vèo, dos roxos lyrios pouco avaro;
Mas pera que o desejo accende, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro;
Já se sentem no céo, per toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte. »

Que a nudez de Aphrodite seja temperada por uma folha, um cinto, um cendal, como em alguns marmores antigos, comprehende-se bem. Uma estatua feita com inspiração é um corpo. Tem todas as linhas do corpo, todos os seus contornos e suas sombras; os olhos demoram-se em cada curva graciosa, em cada pequena concavidade, desde a fronte, em que ha o raio da divindade, até o pé de finos malléolos, habituado ás corridas.

Muitos, ao admirar esses modelos, procuram penetrar todos os seus segredos, como os de uma mulher divina que se lhes mostrasse na pureza de suas fórmas. E' certo que o artista pode produzir

uma Venus completamente nua e casta. Com o poder de divinisação que tinha o pincel de Raphael, seria possivel haver em um de seus corpos núa o menor vislumbre de sensualidade? O genio de Praxiteles não conseguiria ter dado á sua Venus a pureza, a elevação, o typo, a inviolabilidade ideal de uma Athené? Mas esses mesmos artistas que olham para suas estatuas ou suas pinturas com o enlevo de um creador e o amor de um pai, teem tambem os ciumes de um amante; não querem que sua obra seja profanada, e, além de fazerem-na pura, fazem-na pudica. Dão-lhe uma roupagem aerea e fluctuante; velam os seus mais intimos segredos, sem que ninguem se lembre de perguntar porque essa estatua vem envolta n'esse manto: foi a idéa do artista. Podem mesmo esculpir o corpo nú e depois darem-lhe por vestimento uma folha; terão impedido que o olhar profano conspurque-lhe a nudez. O poeta, porém, não devia ter feito como o estatuario. A nudez da sua Venus era ideal. Elle não tinha cinzelado os membros do corpo, para precisar de proteger alguns. Tinha-nos dado uma creação perfeita, mas vaga, que cada imaginação sonhava á seu modo. Essa Venus que ajusta o cendal de modo a não encobrir nem descobrir tudo, como diz o poeta, que espera seduzir seu pai, Jupiter, com *aquelle objecto raro*, não é nem a de Virgilio, nem a de Camões. A de Camões tem dois momentos de ser: é a allegoria do amor universal, é a fórma viva da belleza. Essas duas concepções as estancias citadas mostram-nas claramente. Esqueçamos a outra oitava, e, por honra do poeta, guardemos a

sua verdadeira Venus—tal qual elle a pintou em um momento de inspiração, em que seu cinzel tinha o colorido, o ardor, a claridade e a pureza de um raio de luz.

A deusa, porém, devia ter sido pintada com outro typo; não fallamos da fórma, mas da alma. Ficou dito atraz que o poeta merece n'este ponto as censuras de Platão á Homero.

Dirigindo-se á Jupiter parece ella menos uma divindade que pede justiça, como se nos mostra na *Eneida* do que uma

« dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos, maltratada. »

Mas em favor do poeta deve-se dizer que elle não tinha por missão reconstruir o polytheismo, nem salvar a magestade dos antigos deuses; na Grecia antiga, onde a theogonia homerica era a religião do povo, devia um philosopho, como Platão, exigir que os deuses fossem os symbolos das mais altas virtudes.

E' por isso que apenas dissemos, fallando de Camões, que a sua Venus mostra que elle não creou a theogonia de que se serve; não era deuses o que elle queria produzir, nem tinha elle o poder de divinisação que em certas épochas apparece no genio de um homem que dá ao povo uma lenda e uma religião (esse homem é ás vezes, para não dizermos quasi sempre, um poeta); o poder que elle tinha era o de idealisar, de elevar as suas creações á uma região inviolavel, em que só podia alcançal-as e comprehendel-as a intelligencia pura.

Animando Venus com a alma de uma mulher, que conhece o valor de cada sorriso, de cada

palavra ou lagrima sua, o poeta, a nosso ver, não tentou o que podia: ser original seguindo Virgilio. E' uma questão de preferencia, e não duvidamos em sujeitar sempre qualquer de nossas opiniões á de um genio tão profundo e tão artista como foi Camões. Já que elle quiz dar á sua admiravel feitura um tal typo, e tornal-a tão humana, vejamos como realizou sua idéa.

A pintura do rosto de Venus, ora triste, ora alegre, risonho entre lagrimas, é feita em uma estancia que é um modelo de observação fina, de graça natural e de harmonia poetica:

« E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso, uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos, maltratada;
Que se aqueixa, e se ri n'um mesmo instante,
E se torna, entre alegre, magoada;
D'est'arte a deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa, que triste, ao Padre fala. »

A supplica de Venus é um mixto de resentimento sem cólera, de ciumes fingidos, de lagrimas que riem, de apparente desespero, de confiança em seu valimento, de submissão que protesta; é perfeitamente a linguagem da mulher, que ri, chora, desespera, irrita-se para logo humilhar-se, certa de que cada um desses meneios tem uma graça irresistivel. Uma tão verdadeira falla só podia acabar por um pranto, ultimo argumento do sexo.... mas, com que expressão entrecorta a deusa sua supplica!

« E n'isto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa. »

Deliciosa comparação que tem tanta fragrancia como a rosa de que falla o poeta, que adormeceu

ainda em botão e que entreabre o seio ás „ *lagrimas matutinas.* “ (1)

« Calada um pouco como se entre os dentes
Se lhe impedira, a falla piedosa, »

ia Venus recomeçar, quando Jupiter lhe atalha. A figura de Jupiter é descripta com uma phrase de Virgilio:

« Co'o vulto alegre, qual do céo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro. »

Vultu quo cœlum tempestatesque serenat.

Camões, á maneira de Petrarca, punha sempre a natureza em relação com o objecto amado, e acreditava na influencia de um olhar puro, sereno, luminoso, sobre o ar ambiente. Essa idéa, que se encontra muitas vezes em suas *Rimas*, é expressa em um dos mais bellos sonetos do poeta italiano por esta amenissima fórma:

E'l ciel di vaghe e lucide faville
S'accende intorno, e n' vista si rallegra
D'esser fatto seren da si begli occhi. (2)

Não admira pois que elle pintasse o seu Jupiter com os traços de Virgilio, se a sua Catharina assim tinha sido representada. O que admira é que um poeta tão idealista, como elle, nos descrevesse o

---

(1) A candida cecem das matutinas
Lagrimas rociada.
Camões.

(2) Soneto CXL.

beijo de Jupiter em Venus, do qual o poeta mantuana diz ligeiramente:

« Oscula libavit natœ, »

da fórma seguinte:

« As lagrymas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro
De modo, que d'alli, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara. »

Por mais que se queira interpretar favoravelmente o pensamento do poeta, dizendo que elle se referia a uma concepção unica, e que a formação de um mytho não tinha nada de material, a expressão — *se só se achára* — deixa-nos sempre em frente de um erro imperdoavel da parte do poeta.

A resposta de Jupiter á Venus é a apothéose dos portuguezes. Esses elogios em uma bocca divina são a mais elevada fórma da gloria! Depois de ter lembrado os grandes feitos dos antigos heróes, e fallando de Antenor, como se respondesse ao que lhe dissera Venus na *Eneida*, Jupiter em uma palavra resume os fastos lusitanos:

« Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando. »

Lembrando-se de um facto, que narra Castanheda, de „ter tremido o mar mui rijo e por bom espaço " o poeta arranca ao deus essa exclamação:

« Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos! »

Os cercos de Diu, a sujeição de Ormuz, a conquista de Gôa, Cananor e Calecut, tudo isso mostra Jupiter á filha já consolada e tambem a gente por-

tugueza dominando em todo o oceano, e entre tantos heróes o vulto de Duarte Pacheco:

> « E vereis em Cochim assinalar-se
> Tanto um peito suberbo e insolente,
> Que cithara jamais cantou victoria,
> Que assi mereça eterno nome e gloria ! »

Tal é a soberba falla de Jupiter que nos lembra a da *Eneida*, e as promessas da gloria troyana.

Essa intercessão de Venus pelos portuguezes, feita como se viu com grande originalidade pelo nosso poeta, é uma das mais populares ficções dos *Lusiadas*. As prophecias de Jupiter, por assim dizermos no prologo do poema, dão-nos coragem, se nos esquecemos da historia, para seguirmos as náos portuguezas, e, quando ouvimos os *duros casos* de Adamastor, lembramo-nos d'ellas como de uma promessa divina que nos faz olhar os perigos como um sonho máo que deve desvanecer-se. Quanto á essa loura e alva figura, de uma pura e inalteravel belleza, symbolo do amor, ella será sempre para nós que lemos os *Lusiadas* a Venus de Camões.

II

No canto VI ainda Venus apparece salvando os portuguezes: o canto VI é o mais igual, o mais dramatico, o mais opulento do poema. N'elle o poeta mostrou de que elevação e ao mesmo tempo de que extensão era o seu genio.

Iam já os portuguezes tocando á terra da India e enxergando

« Os thálamos do sol, que nasce ardente, »

quando Baccho tentou um ultimo esforço para afastal-os do futuro theatro de suas glorias. A sorte da raça lusitana mostrava-se clara á seus olhos invejosos e elle adevinhara que no céo só havia um pensamento :

« De fazer de Lisboa nova Roma. »

Estavam as náos portuguezas nos mares longiquos e desconhecidos do Oriente e n'ellas estava tudo que a civilisação occidental tinha podido mandar á busca de um novo mundo; uma vez perdidas, atiradas por uma tempestade sobre as costas, ou sumidas no fundo do oceano, o que restaria nas terras da India d'esse poder que as ia invadir e conquistar? Só destroços de um naufragio, e signáes da existencia de um povo que por muitos seculos não ousaria transpôr o cabo das Tormentas.

Ao mar pois dirigiu-se Baccho, ao mar, á que o poeta grego tinha dado uma alma, que se chamava —Poseidon—ou Neptuno. O palacio desta divindade maritima é descripto com esmero pelo nosso poeta. São cidades phantasticas que acreditamos ver

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde...

As aguas formam a transparente abobada d'esse mundo encantado; todos os edificios são feitos de uma massa chrystalina e diaphana: dir-se-hiam os

castellos que as nuvens desenham no céo e que o sol penetra com as cores prismaticas. E' uma phantasia, que recorda as descripções que a sciencia faz do fundo do mar. Ha uma luz muito viva em toda essa marinha ideal, que o poeta não sabe se é formada de chrystal se de diamante—; esse palacio assim feito de uma substancia diaphana e luminosa, tendo por soalho as areias de prata fina, as portas de ouro marchetadas de rico aljofar e por zimborio o grande oceano, atravessado sempre pelos raios do sol, de que elle é o berço e o leito, lembra-nos o pincel e a imaginação de Ovidio.

Não ha quem desconheça a pintura do palacio do sol; o poeta fel-a em alguns traços que são eternos. Esse edificio sem proporções terrestes, levantado sobre innumeras columnas, brilhando com a luz do ouro e das pedras, que lançam chammas, é para a imaginação de todos uma morada digna de Apollo; ao ler essa descripção, ninguem se recorda do templo de Cusco, onde os Incas tinham amontoado o ouro de muitos seculos: o que nos lembra logo é o sol, o sol de cuja luz o poeta parece fallar.

Regia Solis erat sublimibus alta columnis,
Clara micante auro, flammasque imitante pyropo.

Que brilho é o d'essa atmosphera, que cerca Phebo, senão o do sol, que ninguem pode fixar, mesmo sendo dotado de uma natureza quasi divina, como Phaetonte?

neque enim propriora ierebat
Lumina.

Com tanto mais razão citamos o poeta de Sulmona quanto é certo que Camões lembrou-se d'elle e quiz emular com elle n'essa descripção do palacio de Neptuno. Prova-nos isso a pintura dos quatro elementos feita pelo poeta á maneira dos antigos, que se deleitavam em descrever os lavrados da esculptura, como se pode ver em Homero, em Virgilio, em Ovidio e na bella descripção dos amores de Ariadne, em Catullo. O que havia esculpido nas portas de ouro e aljofar do palacio de Neptuno eram os quatro elementos; nas portas do palacio do sol havia outros quadros, mas a descripção do nosso poeta lembra-nos a cosmogonia de Ovidio e sua pintura do Cháos.

Estes dois versos:

Alli sublime o Fogo estava em cima
Que em nenhuma materia se sustinha

não fazem pensar nos hexametros:

Ignea convexi vis et sine pondere cœli
Emicuit, summaque locum sibi legit in arce?

" O fogo arde, e sem pezo occupa a mais elevada região. „

Logo após elle leve se sublima
O invisibil ar, que mais asinha
Tomou lugar:

é a traducção do verso latino:

Proximus est aer illi levitate, locoque.

Não citamos estes versos para denunciar um plagio, seria pueril; elle não existe. Queremos tão sómente mostrar que o poeta n'essa descripção emulou de industria com Ovidio. Se a crea-

ção d'este por uma luz tão viva que não se pode supportar nos lembra o sol, a d'aquelle por uma transparencia luminosa, por essas cavernas profundas, por uma areia mais alva que a prata, por uns toques insensiveis da luz que penetra o christal da agua, pelo aljofar, por umas refracções delicadas, nos lembra o mar. E' n'essas justas conveniencias da idéa com a forma que se avalia o verdadeiro genio: Phebo, o sol, não podia residir senão no palacio de Ovidio; Poseidon, o mar, não podia ter outra morada senão a que lhe deu Camões.

Um poeta, porem, como elle, povôa seus mundos, e, ainda na harmonia dos seres com o meio em que vivem, reconhece-se que elle é um genio creador. Só quem pode crear concebe organismos tão perfeitos, sêres tão possiveis e tão reaes, um todo tão bem combinado e relaccionado com cada uma de suas partes, que vendo-se uma dessas creações diz-se logo: isto tem vida.

O primeiro habitante mythico d'esse reino é Tritão, que

« Era mancebo grande, negro e feio
« Trombeta de seu pai e seu correio. »

Como o pinta Camões! ao ler essa descripção todos acreditam ver um filho das aguas, um habitante secular das caverus do oceano, em cujas costas se haviam incrustado todos esses pequenos animaes que vivem na agua, e prendido os musgos das pedras:

« Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua; e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;

Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros mexilhões, que alli se geram ;
Na cabeça por garra tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta. »

Vê-se que o poeta quiz rir ao escrever essa estancia, mas o seu Tritão, que elle ainda nos pinta na seguinte oitava, coberto de

« Ostras, e breguigões de musgo sujos
A's costas, com a casca, os caramujos, »

é perfeitamente desenhado ; o verso aspero, duro, cheio de saliencias, é o mas adequado para nos descrever as conchas d'esse monstro marinho. Se este tem essa forma irregular e feia, a pura Tethys caminha como uma outra Venus :

« Grave e leda no gesto, e tam fermosa,
Que se amansava o mar de maravilha. »

A deusa do mar devia ter a transparencia das aguas, e o poeta sonha-a assim, quando falla de seu „ corpo crystallino. "

A falla de Bacho aos deuses do mar é como todas as fallas do poema, composta com muita arte, e como todas tende a realçar a gloria portugueza.—Depois de ter-se dirigido aos deuses na ordem hierarchica do modo mais lisongeiro, depois de ter lembrado certas verdades, começa o filho de Semele á mostrar-lhes os perigos, que a expedição de Vasco da Gama faz correr o Olympo.

A oitava em que elle lembra aos deuses a primeira tentativa mythica do homem contra o céo, o crime de ter navegado os mares, e o progresso incessante que transformará o homem em deus, é de um maravilhoso effeito. A hyperbole final é

eloquentissima, e admira-nos que criticos atilados do poema achassem alguma coisa que reparar em uma tão perfeita estancia. Camões é inimitavel no talento que tem de apoderar-se do pensamento de seus heróes e de fazel-os fallarem a linguagem a mais apaixonada, a mais convincente, a mais natural.

Lêa de novo o leitor essa homenagem indirecta, prestada ao progresso, á perfectibilidade, ás grandes conquistas do homem:

« Vistes que com grandissima ousadia,
Foram já commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantesia
De tentarem o mar com véla, e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Suberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo, em poucos anos,
Venham deuses a ser, e nós humanos.

A navegação, chamada "insana phantasia de tentar o mar com véla e remo„ é a mais aspera satyra que o poeta podia fazer á esses representuntes de um passado para sempre morto, que maldizem o progresso, como o cego maldiz a luz, como o egoista ao morrer o sol que deve nascer para os outros. O elogio dos portuguezes é tambem posto na bocca de Lyeu; é uma mescla de de desprezo e de homenagem que trahe realmente o estado d'essa alma obrigada á reconhecer e á odiar a verdade.

Recordando-se dos castigos que em outro tempo puniram os temerarios, e mostrando toda a ousadia dos novos argonautas, Baccho falla tambem de si: enternece as divindades marinhas com a lembrança de seus triumphos na India, inflamma-as quando lhes diz que o Olympo vai ser destruido, que os

deuses protegem os homens contra um deus, e que vem buscar nos mares o valor, o poder, que perdeu nos ceos. Não esperavamos que uma tal falla acabasse por um pranto incessante; para fazer chorar, não basta que se chore, é preciso que haja uma grande dor, e que se a veja nas lagrimas. Horacio têm, como sempre, razão quando nos diz que para fazer alguem chorar é mister chorar primeiro,

si vis me flere, dolendum est,
Primum ipsi tibi—

mas é tambem mister chorar por uma grande dor, como a de Telepho e a de Peleo, de que elle nos falla. As lagrimas de Baccho no fim do mais artistico, medido, e pensado discurso do poema fazem o effeito de um ultimo argumento de antemão preparado; ora o rosto imberbe e risonho, coroado de pampano e hera, do conquistador da India não é o mais proprio para umas lagrimas de dor e dilaceração, que no rosto de Venus teem a mais irresistivel eloquencia.

O poeta todavia da-lhes um grande poder, e apenas correram ellas, Neptuno manda aos ventos que soprem com tal furia

« Que não haja no mar mais navegantes. »

Emquanto prepara-se no fundo do oceano uma tão medonha tormenta, aos ventos que ainda soprão calmos seguem as velas portuguezas seu rumo desconhecido. A' bordo da frota as vigias afastam o somno contando historias maravilhosas, façanhas de cavalleiros andantes; entre ellas o poeta escolhe para repetir ao leitor a dos doze de Inglaterra. Mal estava concluida a alegre

narração de Velloso, quando todos adevinham o temporal em uma primeira nuvem negra.

A descripção d'essa tempestade que logo desaba com tal fragor, que representa

« Cahir o céo dos eixos sobre a terra, »

é uma das maiores provas do genio imitativo de Camões: todos nos suppomos em um mar sem limites, e todos somos testemunhas de uma scena de desolação sem igual e da grande lucta dos elementos contra a idéa. Não é só a pintura do theatro: é tambem a da lucta que n'elle se trava e cujas alternativas acompanhamos, ora confiando que esses lenhos fluctuarão porque levam a civilisação, a sciencia, a liberdade e a arte, ora temendo que elles sossobrem, porque as forças da natureza são expontaneas e cegas!

O mestre manda amainar a grande vela, que pode submergir a náo, mas os ventos, não esperando pelo cumprimento d'essa manobra de salvação, dão n'ella e rasgam-na com um estrepito, que toma do scenario um echo ainda mais funebre. Eis os versos em que o poeta nos pinta esse primeiro quadro da lucta; não ha versos mais numerosos, nem de mais movimento e colorido. A nossa bella lingua, usada por um tal genio, imita os sibilos, o ruido, as harmonias do verso jonio em que Homero pintou o mesmo rasgar do panno sob a força dos ventos:

« Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita porcella:
« Amaina (disse o mestre a grandes brados)
« Amaina, (disse) amaina a grande vella.

Não esperam os ventos indignados
Que amainassem ; mas juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem, c' um ruido
Que o mundo pareceu ser destruido. »

Passando á contar a afflicção que havia á bordo, e as manobras feitas para salvar as náos, o poeta mostra-se logo navegante que atravessou os mesmos perigos, e que os descreve com suas proprias lembranças. Que realidade em todos os movimentos! Logo que a vela rompeu-se, a náo tomou grande somma de agua—

« Alija, (disse o mestre, rijamente)
Alija tudo ao mar, não falte accordo ;
Vão outros dar á bomba, não cessando ;
A' bomba, que nos imos alagando. »

Nada era possivel fazer ; o leme desgovernava, os que foram dar á bomba cahiram com os balanços de bordo. Era uma angustia inexprimivel, mas tudo não estava perdido; as náos fluctuavam sempre.

O poeta pinta-nos essa critica situação: vemos os navios no meio das ondas, ora afundarem tanto que parecem submergir-se n'ellas, ora subirem como se as ondas os tivessem impellido de si. Vê-se bem n'essa antithese, do infinito acceso em ira e da pequena náo querendo vencêl-o, que esta levava em seus flancos alagados, em seus mastros partidos, em sua bandeira rota, alguma cousa que não devia perecer !

Nos altissimos mares, que creceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sustem nas aguas tanto.

Não está claro o contraste dos *altissimos mares que cresceram* com a *pequena grandura de um batel?*

Não pode ser mais real a tormenta. A furia dos ventos e das ondas é sensivel ao leitor; o esforço dos marinheiros, os perigos das náos, tudo é dramaticamente pintado. Vê-se, primeiro, uma grande solidão de mar e céo, e no meio desse deserto de trevas, de agua, e de espumas phosphorescentes, as náos portuguezas. Já o quadro é digno de um grande pincel, sem que pintor algum possa descrever a fluctuação dos navios desnorteados com o movimento que teem nos versos do poeta. Ninguem que tenha contemplado de uma praia exterior a tempestade no mar lerá sem emoção o poeta; uma marinha feita com perfeição pode não lembrar-nos o mesmo quadro, que tenhamos na memoria; as oitavas do poema dão, porém, a nossas reminicencias, quasquer que sejam, uma forma harmoniosa, sob a qual ellas se perpetuarão.

As scenas que nos descreve poeta são varias. Agora, é quasi pela madrugada, ainda que as nuvens negras façam parecer a noite mais comprida; os poucos reflexos da manhã entram por invisiveis intersticios no fundo escuro do horisonte. Parece isso aos navegantes a aurora boreal, e o poeta aproveita-se dessa illusão para dar-nos dois versos em que ha um effeito de luz admiravel:

> « A noite negra, e feia, se allumia,
> Co'os raios em que o pólo todo ardia. »

Vejamos, porém, os accidentes do quadro. Não esquecendo o seu mundo mythico, e querendo mostrar-nos as aguas revolvidas até o fundo do mar

pelos ventos em furia, o poeta pinta-nos os delphins buscando nas cavernas do oceano refugio contra a tormenta; os raios vertiginosos só servem para tornar mais profunda a treva; e as aves marinhas, que denunciam a terra, soltam seu canto triste. Ao longe encoberta pela treva está a terra da India, a terra promettida aos portuguezes pela intuição do infante D. Henrique, de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama e á qual elles queriam chegar ainda como naufragos.

Os ventos, que levantam as ondas, devastam tambem a costa bravia, o mar atirado fóra de seu leito derriba as montanhas, as arvores seculares arrancadas pela força do temporal teem as raizes viradas para o céo. No oceano as areias são revolvidas até a superficie, e açoitam com furia as náos portuguezas! Eis a oitava em que todos esses effeitos da tempestade são pintados ao vivo, e como que renovados:

« Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas;
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca pera o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areias que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem. »

Essa pintura, a mais bella de nossa lingua, como descripção da natureza, faz-nos pensar no naufragio da costa de Cambodge. Involuntariamente se nos representa ao espirito o poeta, no meio dessa tempestade, heróe d'essa lucta, e só pensando em aproveitar-lhe a magestade selvagem para reproduzil-a no poema, que salvava das ondas!

Vendo-se quasi perdido no meio da tormen-

ta Vasco da Gama dirige-se á Deus. Sua oração é tibia, imitada do hebraico, é uma d'essas preces em que se lembram ao céo os beneficios feitos á outrem, esperando-se ter a mesma fortuna. E' erudita de mais, não sendo até natural que em tal transe lembrasse-se elle das syrtes, das aguas erythréas, dos Acroceraunios, de toda a bagagem classica. A sua lamentação, porém, é elevada e eloquente. Depois de ter implorado „ a divina guarda " solta elle este grito de dôr, em que se vê o mais puro amor da patria e da gloria:

« Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta fé nas terras mauritanas :
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras d'ella. »

Esta oitava pinta do modo o mais pathetico a dôr de morrer desconhecido, dôr tanto mais profunda quanto vinha na vespera da immortalidade, e quanto essas mesmas ondas, que teriam de saudar o descobridor, no dia seguinte atirariam ás praias, buscadas com tantos perigos, o cadaver do naufrago!

Continuava, porém, mais medonha a tempestade, e os ventos,

« Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando, »

quando a estrella d'alva surgio no horisonte com leda fronte e scintillou no mar escuro. Venus, que a governa, mediu com um olhar os perigos de sua gente e determinou salval-a da cilada de Baccho.

Para isso mandou ás nymphas pôr grinaldas de rosas e mostrar-se aos ventos com todas as seducções. Mal estes as viram, falleceram-lhes as forças, e exhaustos renderam-se aos pés das nymphas, como que presos em suas tranças. A queixa de Orithya á Boreas é de uma amante terna; devia Omphale fallar assim á Hercules.

« Não creias fero Boreas, que te creio:
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor á firme amante:
Se já não pões á tanta insania freio,
Não esperes de mi d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temerte.
Que amor comtigo em medo se converte. »

E' essa oitava a deliciosa expressão do amor que desarma a força: é uma queixa suavissima como a que Dalila, murmurava aos ouvidos de Sansão quando elle volvia á sua tenda de juiz do povo, coberto do sangue da victoria!

Como Boreas, Noto, e todos os outros ventos aplacados não sopram mais, escravos das nymphas e assim desfaz-se a tempestade ao poder de Venus.

Genio admiravel o do poeta, que anima as cinzas do polytheismo, e tira d'ellas a mais bella allegoria do amor, que ha em lingua humana!

Sereno o mar, calmos os ventos, a claridade da manhã deixa avistar no fundo do horisonte a penumbra da terra. E' a terra de Calecut, a terra da India, de que já se sente a aragem nas velas das náos, e a cuja revelação ajoelha-se o Gama, como se ajoelhara Colombo diante de um novo mundo.

« Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando sôa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.

E' assim Venus a protectora dos portuguezes. No concilio dos deuses, quando as náos ainda estão na costa occidental da Africa, é ella quem defende a causa lusitana; quem salva a frota em Mombaça é ella, ella é quem obtem de Jupiter que a raça portugueza tenha seus gloriosos destinos, quem põe a frota do Gama no rumo das Indias, quem a salva da tempestade e mostra-lhe a terra promettida. Depois veremos que é ella quem recompensa todos os sacrificios d'essa expedição immortal, na Ilha dos Amores.

E' Venus, pois, a divindade tutelar dos portuguezes. N'essa viagem de 1497 á busca das Indias vão o christianismo, a sciencia, as artes e a civilisação protegidas pelo amor. E' o mytho de uma harmonia mysteriosa que prepara as forças physicas para a expansão das idéas eternas. O que vai n'essas náos, á tomar posse do Oriente, é um principio, que tinha tido os seus martyres, mas que havia chegado no fim do seculo XV á hora de triumphar.

As tempestades, as furias dos ventos e as correntes maritimas, tudo devia realçar com sua lucta a gloria do acontecimento, mas nunca impedil-o; os homens podiam duvidar, mas as náos, entregues ao oceano, seguiam o rumo de um novo mundo!

São essas as conjecturas que fazemos para dizer que, se os *Lusiadas* fossem uma obra religiosa, seriam o poema de Venus.

CAPITULO IV

A ILHA DOS AMORES

„ Nas ondas de um mar irritado, aos incertos clarões da lua que lucta com a nevoa, sem uma estrella no céo, que possa indicar seu caminho ao piloto: ó deuses immortaes, dizem os marinheiros, repouso, repouso! “ (1)

Mais do que repouso, pediam, porém, os intrepidos descobridores do Oriente. Tinham elles em alguns navios, perdidos na solidão de um mar desconhecido, dado um mundo á seu paiz, e voltando para o seio da patria, á reverem esses entes caros, cujas lagrimas o poeta recolheu para nos legar nas areias da praia de Belem, gozavam já de sua gloria, e com tanto prazer

« Que o coração pera elle é vaso estreito. »

Sabia o poeta que a patria é as vezes esquecida, e que de ordinario a gratidão tem má memoria, e por isso quiz elle mesmo saldar a divida nacional.

Sabemos bem que os ousados navegantes que, chegando á Portugal, viram-se reduzidos á miseria e morreram em leitos do hospital, não tiveram

---

(1) Horacio.—Ode XVI, liv. 2º.

a recompensa de seu valor e de suas obras só porque o poeta conduzio-os quasi um seculo depois á uma ilha que nunca existio. Mas essa divida, que a patria esqueceu de pagar em vida, o poeta saldou-a sobre o tumulo dos velhos companheiros do Gama, e mostrou que taes feitos eram dignos não só de uma recompensa nacional, como de outra sobrenatural e divina. A ilha de Venus ou dos amores apparece no poema como uma antithese: é a antithese das tempestades, das traições, dos perigos atravessados pelos navegantes, e tambem a antithese das prophecias de Adamastor.

Alguns tem censurado o episodio por vir depois de finda a acção do poema; vale o mesmo censurar Homero e os dois ultimos e grandiosos cantos da *Iliada*. Esses poemas nacionaes, que teem por objecto a gloria de um paiz, não estão sujeitos á pequenas convenções; o canto IX é o mais pittoresco, o canto X é o mais glorioso dos *Luziadas*. Já se viu que esse poema é um monumento levantado aos portuguezes; ora, com que direito se supprimiriam d'elle a apotheóse da ilha dos amores, as prophecias de Tethys que alimpam o futuro das nuvens sombrias com que Adamastor o carregára, e a grande galeria dos governadores da India, dos Pachecos, dos Albuquerques, dos Almeidas e dos Castros?

Aquelle que quizer lêr o canto IX e conhecer sua verdadeira significação, lêa-o, como se lê o Cantico dos canticos. Sempre que uma descripção parecer-lhe demasiado realista, lembre-se de que o poeta fel-a ingenuamente e que a innocencia arrisca pinturas que só parecem licenciosas aos que teem o espirito prevenido. A geração actual,

(e porque não dizermos : todas as gerações que succedem aos periodos ingenuos das litteraturas?) a humanidade há muitos seculos perdeu aquella pureza de sentimento esthetico, que distingue os tempos primitivos ; o campo do bello está muito limitado; o preconceito, a prevenção, o falso pudor, as conveniencias innumeras das sociedades mais apuradas, as subtilesas monasticas, as invenções das côrtes dissolutas, o medo da verdade, a peneira das palavras, o celibato clerical, a sciencia anatomica, emfim as mais differentes causas produziram um estylo, uma pintura, uma poesia, uma arte hybridas.

Os grandes genios, porem, não julgam que a copia da natureza possa degradar sua musa e que seja para elles um opprobrio pintar as paixões, que Deus creou. Como a forma humana tenha muita dignidade, deixam-a núa, sem pensarem que possa ser impudica uma creação que sahe de sua cabeça, pura como Minerva. Uma sociedade puritana, e, ainda mais, uma sociedade tartuffa podem não acolher a obra, mas essa creação ingenua de um espirito original terá sempre o valor de uma obra perfeita para os homens de bôa vontade ! Os grandes poetas teem em si toda aquella primitiva expontaneidade que existia espalhada entre os homens. São sonhadores, que habitam o mundo de seus sonhos, povoado, como o paraizo antes da quéda, de entes puros ; acceitam a natureza sem o crime; refazem a idade de ouro.

As pinturas, pois, as descripções, que elles nos deixam, por mais núas que sejam, são sempre castas; não lhes atravessou o coração um só d'esses baixos desejos, que apparecem no do leitor severo.

Se se não quizer entender assim, o Cantico dos Canticos não é um epithalamio, é um hymno bacchico; o paraizo das houris não é a allegoria do amor immortal, é um harem. Camões sobretudo soffreria com isso, porque muitos haviam de acreditar que n'essa lindissima descripção da ilha dos amores quiz elle pintar, como pensou alguem, uma d'essas estações dos marinheiros hollandezes, e que a recompensa que com todo o seu genio descobriu para os navegantes da India e para Vasco da Gama foram umas longas saturnaes.

Estudemos, porém, o episodio como quem estuda o livro semitico dos cantares.

Sente-se no poeta um certo desfallecimento ao chegar á essas alturas de seu poema; vê-se que está fatigado. Como quem fez bastante para a gloria de seu paiz e para a sua, tem elle vontade de deixar a penna, mas vê que a obra está incompleta de tudo aquillo que tem na cabeça e no coração, e começa de novo com um patriotismo que vence o desanimo e que lhe permitte elevar-se ainda em um de seus melhores vôos.

„ Nos poemas de longo folego, diz Horacio (1) é permittido um pouco de fadiga. „ Neste a fadiga não se trahe na forma: o divino Homero está mais experto do que nunca, não resona, agita-se, e é nessa colera que se sente que está um pouco fatigado e que brevemente vai dizer nos :

> Aqui, minha Calliope, te invoco
> N'este trabalho extremo; porque em pago
> Me tornes do que—escrevo, e em vão pretendo,
> O gosto de escrever, que vou perdendo.

(1) Arte poetica.

Venus para dar aos portuguezes a recompensa de seus altos feitos determinou fazer surgir no mar um encantado paraizo. A maneira porque ella nos apparece n'este canto é a mais simples e honesta.

« Em derredor da deusa já partida,
No ar *lascivos* beijos se vão dando:
Ella, por onde passa, o ar, e o vento
Sereno faz, com brando movimento. »

Imagem do amor e da belleza, deslisando entre os desejos lascivos, que não chegam até elles, como exhalações impuras que só envenenam os que as respiram!

O poeta transporta Venus no seu carro tirado pelas pombas, irmãs de Peristéra, aos montes idalios, á officina de Cupido. Essa concepção do poeta, bastante esquecida, é das mais finas e delicadas do poema. Sabem todos que a antiguidade representava o amante de Psyché sob a forma de um menino, armado de uma aljava cheia de settas; são essas settas que se preparam para elle nas montanhas de Chypre. Suppõe o poeta que, sendo todas as differentes affeições modalidades da mesma faculdade de amar, deviam todas pertencer ao dominio de Cupido. Aproveita elle a occasião para dar expansão á colera de que fallamos e tomar de repente a musa de Juvenal. Ao rei dá elle duas lições, ambas tão encobertas, que a pensão lhe veiu depois do poema:

« Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria, bruta, insana,
Que, por seguir um feo animal fero,
Fuge da gente e, bella forma humana.

Não se dirigem esses versos ao rei que não tinha outro divertimento senão os perigos e que

passava o anno nas coutadas de Almeirim e nas monterias de Cintra, entregue nos intervallos das caçadas á conversa dos frades, e fugindo, em seu ascetismo, ás seducções das damas de seus paços (1)? Se essa fabula de Acteon não tem por objecto o joven principe, tambem não terá fallado d'elle o poeta na estancia seguinte, quando zurzindo os cortezãos—, materia obrigada de todos os satyricos, diz:

« Vê que esses, que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente? »

Linda parabola é essa, digna do Evangelho, e de que se não pode ignorar o sentido!

A oitava seguinte é uma cruel exprobação aos dominadores de seu tempo e tem expressa em dois versos a essencia de qualquer governo absoluto:

« Leis em favor do rei se estabelecem;
« As em favor do povo só perecem. »

Era, porém, Camões um coração aberto ao amor; sua colera era passageira e logo voltava á calma mansidão de seu caracter, continuando a dar uma vida eterna aos objectos de sua admiração e de seu culto.

---

(1) « Lourenço Pires Tavora nas suas confidencias á viuva do principe D. João, depois de louvar a boa disposição do rei e as prendas do seu entendimento,.... conclue que só o magoava não poder deixar de dizer que lhe notava « o não lhe parecerem tão bem as damas como elle lhe parecia á ellas. » — Ver Rebello da Silva, Hist. de Port. Tomo 1° pag. 20.

A officina de Cupido é de um custoso lavor litterario: dos *meninos voadores*, *uns amolam o ferro das settas*, *outros a delgaçam as hasteas*, e todos trabalham cantando uma *melodia de uma toada angelica.*

Eram tambem os corações, que, ardendo, davam o calor ao qual elles forjavam as settas; e, se temperavam os ferros, era nas lagrimas dos amantes. O poeta exprime essa idéa em uma estancia que é uma das peças mais bem acabadas do estylo allegorico da Renascença:

« Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Pera as settas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As aguas onde os ferros temperavam
Lagrymas são de miséros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consome. »

A fatalidade do amor apparece-nos nas oitavas seguintes, porque o poeta suppõe esses meninos, exercitando-se em atirar as flechas, e desses tiros desordenados nascem amores, nefandos uns, como o de Myrrha e o de Nino, desiguaes outros, como o dos deuses pelas pastoras, e o da mulher que tem a desgraça de amar alguem inferior á si, á sua condição, á seu espirito e á sua coragem.

Venus supplica ao filho que recompense os portuguezes

« Que veem de descobrir o novo mundo. »

Que doce e insinuante lisonja com que ella conclúe! Nos mais simples discursos do poema, vê-se

quanto Camões conhecia a arte de persuadir e de commover. Depois de ter dito ao filho:

« No mesmo mar que sempre temeroso
Lhes foi, quero que sejam repousados, »

continúa ella á descrever seu intento; renova o pedido de que a recompensa lhes seja dada no mar...

« onde eu nasci...

e como se ainda não bastasse, dirige á Cupido essa tocante lisonja:

« Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde. »

Cupido, porém, não se anima á realisar sosinho tão vasto commettimento e pede o concurso da Fama que algumas vezes, como diz elle, serve, outras prejudica o amor. A Fama corre pelo oceano annunciando o nome portuguez e já

« O peito feminil que levemente
Muda quaesquer propositos tomados, »

inclina-se á amar „ *tanta fortaleza.* " As settas de Cupido começam á cahir no coração das nymphas, que já lançam ardentissimos suspiros,

« Que tanto com a vista pode a fama. »

Venus, porém, traz sua ilha e quando ella nos apparece em uma extremidade do horizonte, alvejam na outra as vélas das náos portuguezas, que demandam a patria. A ilha balança-se nas ondas, como Delos, e segue á tomar a prôa da armada luzitana; precisava esta de supprir-se de agua para a viagem, e assim logo que a ilha foi avistada dos navegantes, Venus pol-a immovel no meio do oceano.

A narração do poeta é muito rapida, os versos são muito numerosos, há sempre tal naturalidade de expressão, tal abundancia e suavidade de rimas, que todo esse episodio parece uma só melodia, um canto de serêa, um conto oriental escripto com as mais doces palavras do Coran.

Começa aqui a descripção da ilha. E' a estancia LIII. O poeta quiz pintar um terreno encantado, onde todos os primores da natureza estivessem reunidos, onde todas as galas da creação espalhadas pelo mundo se achassem á um tempo, um paraizo do qual se podesse dizer—esta é a patria do amor ! — A pintura correspondeu ao intento, devendo-se affirmar que nenhum poeta nos legou uma creação mais pittoresca, mais viva, mais real do que essa. Todos imaginamos no meio do oceano um torrão delicioso em que as aguas, a verdura, os montes, as flores, a vinha, as aves, tudo tem a mesma pureza, as mesmas tintas, a mesma mobilidade, a mesma luz, que as aguas do Cedron, a verdura e os montes do Libano, as flores e a vinha de Engaddi, as aves e os horizontes do Hermon. Parece-nos que o poeta creou um novo paiz do Cantico dos Canticos, e depois de tantas tempestades, de tantas sombras, de tão crueis prophecias, repousamos a imaginação sobre essa outra Delos, com o prazer com que imaginamos um oasis no Sahara e a caravana quasi morta pizando a herva fresca e bebendo a agua chrystallina.

Desde a costa a ilha é uma deliciosa morada. Na enseada curva e quieta, a areia é pintada de conchas ruivas; tres outeiros formam o primeiro horizonte e em suas linhas fluctuantes vê-se um que de suberba e de graça; a agua mana-lhes do

cume, corre sonora e placida entre pedras alvas e n'um valle ameno, que se estende aos pés dos outeiros, ajunta-se formando um lago diaphano, em cujo fundo desenha uma explendida vegetação a sombra do arvoredo que o borda. As arvores teem vida n'esse solo fecundo e parecem ter alma.

A larangeira dá um fructo loiro, como o cabello de Daphne; a cidreira encosta-se no chão para supportar o pezo de seus fructos; os limões tem a forma de um seio virgem. As arvores que cobrem os outeiros são as arvores divinas: os álamos de Alcides, os loureiros de Apollo, os myrtos de Venus, os pinheiros de Cybele e o cypreste que fende agudo o ar.

Os fructos tem côres vivas : é a cereja purpurea, a romã que se entreabre e que faz descorar o rubim; é a vide alegre entre os braços do ulmeiro. Essa vegetação de um brilho suave e de côres variadas cobre a ilha como uma tapeçaria bella e fina; por entre ella, como estrellas espalhadas em um céo unido e transparente, brilham no valle, á margem da agua, flores sem numero.

E' o narciso que se mira no tanque lucido e sereno namorado de sua imagem, a ánemona, que tem no calice a alma de Adonis; são as violetas roxas, o lyrio, a rosa tão fresca como as faces de uma donzella,a assucena candida e orvalhada das lagrimas da manhã, a mangerona, e o jacintho que ainda tem nas petalas os gemidos do querido de Apollo ; são todas as flores de um colorido tão vivo que não se sabe

« Se dava ás flores côr a bella Aurora
Ou se lh'a dão á ella as bellas flores. » (1)

Para animar essa bella natureza, campo delicioso de um idyllio, há as aves que cantam alegres, e os pequenos animaes que vivem na planicie. O cysne canta ao longe d'agua, o rouxinol entre os ramos; o veado tranquillo e ligeiro, bebe sem temor á beira do lago; a lebre saltita nas moitas e a gazella timida fixa seu olhar luminoso na manhã que desponta, e á cujo primeiro raio o passaro leva no bico o mantimento do filho que ainda dorme. Tal é a ilha dos amores, e para que não a veja o leitor através desta pallida narração, em que aliás bem poucas palavras há nossas, lêa elle a do poeta.

E' a essa ilha que aproam os navegantes portuguezes.

« N'esta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas. »

Depois de tomarem cheios de alegria posse da terra, iam elles á caça, quando começam á enxergar cores variadas de differentes lãs e sedas; d'ahi concluem sorprehendidos que a ilha é dedicada ás deusas e que estão em uma floresta sagrada, e para verificarem o facto, lançam-se á correr pelas ribeiras. As nymphas, que sentem que elles veem, fogem d'elles, mas só para se deixarem apanhar: que movimento na ilha! umas que se lavam nuas pre-

---

(1) Lembrança de Ovidio:

Ambigeres raperetne rosis aurora ruborem,
An daret, et flores tingeret orta dies.

cipitam-se de industria no bosque, outras escondem-se no fundo transparente da agua, as que correm mais rapidas deixam-se cahir na praia arenosa, para que seus amantes não desaninem e não parem. Sómente uma foge mais rapida e parece mais cruel; é Ephyre, *exemplo de belleza.* O soldado que a persegue é Leonardo. Que suave e meiga falla a d'este! Acreditando ser infeliz no amor, diz elle á nympha:

Quem te disse, que eu era o que te sigo?

suppondo-se precedido na ilha pelo fama de sua pouca ventura; mas logo aproveitando-se d'essa fama:

« Minha ventura é tal, que inda que esperes,
Ella fará que não possa alcançar-te, »

e insistindo:

« Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que sutil modo busca de escapar-te. »

Essa falla é a mais viva expressão do amor, da anciedade, da pressa, do desfallecimento de um homem apaixonado; é escripta com muita arte. O bispo de Vizeu acha que esse episodio de Leonardo é uma excepção em todo o poema de Camões, e diz que n'elle o poeta desprezou o sisudo conselho, que seguiu sempre nos *Lusiadas* de ser isento de agudezas e jogos; para demonstral-o cita elle alguns versos do episodio, como:

« Espera um corpo, de quem levas a alma; »

todos veem que esse verso é muito delicado no pensamento e na forma, que é apenas uma homenagem e uma lisonja do soldado á nympha;

« Não canses que me cansas..., »

este verso é de uma grande naturalidade e de um

singular effeito no espirito de Ephyre que ficava ameaçada de correr só, sem ser seguida, o que ella certamente não queria;

« O não me fujas! assim nunca o breve
Tempo fuja da tua formosura! »

não ha agudeza n'esses dois versos: a primeira proposição é uma supplica simples e verdadeira, a segunda é um voto tambem muito verdadeiro; se ha um jogo é a repetição excusada do mesmo verbo, mas essa é permittida ao poeta, e se prova alguma coisa é que não houve affectação no estylo;

« Levas-me um coração que, livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente! »

esses dois versos são um modelo do espirito facil, ligeiro, motejador da epocha, e á uma nympha, que só queria demorar e tornar mais cara a entrega de seu coração, servia elle maravilhosamente. Logo adeante acha-se a mesma idéa expressa de outra forma. O vento leva as tranças loiras da nympha fugitiva e o soldado diz-lhe:

« Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que n'esses fios de ouro reluzente
Attada levas? »

Concluindo dá o soldado á nympha um aviso, que a vence; diz-lhe que sua sorte pode mudar, e previne-a de que se ella o amar depois, amal-o-ha em vão.

« E se se lhe mudar, não vás fugindo
Que amor te ferirá, gentil donzella:
E tu me esperarás se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere. »

Difficilmente o poeta faria o joven amante de Ephyre usar de uma mais conveniente linguagem para obrigal-a á render-se. Essa falla apaixonada e terna umas vezes, cheia de isenção outras, espirituosa sempre, é um modelo do genero, e prova que o poeta conheceu bem todos os tons, delicadezas e recursos do amor. O bispo de Vizeu não tinha a mesma experiencia.

A' estancia LXXI, que vamos citar, faz elle á principio elogios que ella não merece e que um puritano nã podia fazer-lhe.

« De uma os cabellos d'ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas :
Accende-se o desejo, que se céva
Nas alvas carnes subito mostradas ;
Uma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia. »

Essa estancia não nos agrada, mas della diz D. Francisco A. Lobo :

„ A dita estancia do canto IX tem, no seu genero, rara formosura, finura, verdade, macio nos pensamentos ; viveza e elegancia nas imagens ; propriedade, brandura, melodia nas palavras ; tudo concorre para a tornar muito notavel entre tantos lugares bellissimos do poema. " A' nenhuma estancia prestou elle tanta homenagem, o que certamente não nos deixava esperar o que se segue : „ menos propria á encaminhar bem a imaginativa de um mancebo generoso, do que á renovar os embotados desejos de um sybarita. „

Essa estancia não tem *finura* alguma, não tem *brandura nas palavras*, o que prova—esse desejo que *se céva*, é enfim um lugar obscuro do poema ;

mas essa estancia, como nos foi transmittida, não é de Luiz de Camões, é dos frades dominicos.

Fallando d'ella diz Manoel Corrêa: „ E assim como aqui vão impressas, as tinha emendadas por conselho dos religiosos de S. Domingos ". Em vez de conselho, deve-se ler—ordem—, porque esses amaveis conselheiros eram o Santo-Officio!

O bispo de Vizeu pensa que os frades dominicos, sendo-lhes impossivel refazer o canto IX, limitaram-se á retocar estancia LXXI; a nós parece que esse retoque foi prejudicial ao poeta, e que o falso pudor da Inquisição legou-nos uma pintura lasciva em vez da que nos queria deixar o genio casto e limpido do grande poeta.

Para conjecturar á favor do Santo-Officio, funda-se elle na consideração que lhe merecem esses homens *severos*; para conjecturar a favor do poeta, fundamo-nos na elevação do genio de Camões.

A descripção da ilha dos amores é, em nosso entender, superior á do palacio de Armida; Tasso recorreu á creação do poeta portuguez, imitou-a, mas não foi tão feliz.

O palacio de Armida é um sitio phantastico; sente-se n'elle um poder invisivel; parece-nos uma d'essas cidades que nos contos arabes formam-se á voz de um magico, e em que ha o silencio, a immobilidade, a tristeza de um encantamento. Os jardins de Armida são tristes; esse passaro que canta a canção da rosa:

« Cogliam d'amor la rosa: amiamo or, quando
Esser si puote riamato amando. »

« Colhamos a rosa do amor. Amemos, porque, amando, podemos
(ser ainda amados, »

lembra-nos bem que somos objecto de uma illusão.

Essa natureza é morta, debalde o poeta quer dar-lhe movimento; o lago não tem fluxo, é o lago Stygio; as flôres não murcham, são eternas... *eterni fiori*. Ginguené disse que Tasso tinha copiado os quadros dos outros pintores e tirado d'elles o que ha de melhor no seu. Camões, porém, copiou da creação, e por isso deu á sua ilha uma natureza vivaz, opulenta e encantadora, no seio da qual poder-se-hia ter posto o berço do amor.

Mas o poeta pretende que essa deliciosa creação seja uma allegoria da gloria e da immortalidade, e elle tem o direito de ser acreditado quando explica-nos o seu pensamento. Porque se lhe ha de dizer: „não, não pensaste assim, não foi essa tua idéa" quando elle nos diz:

« Que as nymphas do oceano tam fermosas
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não são, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, á fronte coroada
De palma, e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites d'esta ilha. » ?

O poeta podia ter pintado com enlevo e amor um paraiso terreno, e ter d'elle feito a allegoria da gloria. O que ha n'isso de contrario ás regras da arte? As religiões não se servem da allegoria e da parabola? A poetica de Dante não usa á fartar dos mesmos recursos?

Se o poeta não nos tivesse deixado a interpretação de seu pensamento, ainda ella ressumbraria do poema. Que pudera ser essa ilha pintada com côres tão ricas? Um lugar de embriaguez, de prazeres, de amores faceis, uma estação de torpezas, como o pensou Voltaire, dos marinheiros hollan-

dezes? A descripção é muito casta, muito idéal para um só momento admittir-se a possibilidade de semelhante conjectura.

A ilha de Venus é uma imagem do paraiso musulmano, ou dos Campos Elyseos.

O poeta não quiz conduzir os seus heróes ao inferno, como o havia feito Virgilio; mas como era preciso corôar o poema com as mais bellas perolas da gloria lusitana, e desfazer a impressão das tristes prophecias de Adamastor, achou elle meio para conseguil-o, dando ao mesmo tempo a immortalidade aos ousados navegantes. Esse recurso original foi a ilha dos amores, uma estação risonha da eternidade, em que elle figurou os descobridores da India já cercados de sua auréola.

Todas as religiões representaram sob uma fórma sensivel as delicias da segunda vida; todas crearam um paraiso, cheio de agua, perfumes, luz e harmonias em que se escoa a vida sem fim dos bemaventurados; poder-se-hia perguntar aos que nos fallam d'esse paraiso, como a alma pura póde gozar d'essas sensações, e como o espirito póde sentir o aroma dos olivedos eternos, o brilho ardente do sol, o doce ruido das aguas, a embriaguez do nectar e da ambrozia, a musica das citharas celestes. Essa primavera sem fim dos Campos Elyseos, como a intelligencia, na simples posse de sua idéa e de sua intuição, póde sentil-a sem vêl-a, sem ouvir os seus rumores, sem aspirar suas exhalações? Mas nós sabemos todos que essa é a allegoria da vida no absoluto; que esse paraiso, que uns queriam encontrar nas ilhas afortunadas, outros na ilha Leucé, é a patria da alma, o encantado momento em que ella torna ao seio do infinito.

Tambem o Tartaro, em torno do qual o Phlegtonte apertava seu cinto de chammas, é o exilio do homem máu, a pena eterna de sua separação do idéal.

O Eden, de que se procuram as ruinas na antiga Media, o que é senão a allegoria dos tempos primitivos, do tempo da expontaneidade, da virtude, em que o homem tomava pelo coração posse dos céos? e no entanto não se procura no mappa o lugar em que elle existiu e não se pensa que esses rios que o cortavam são os grandes rios da Asia menor, como se em um terreno todo moral, como o de uma antiga sociedade, fossem esses rios mais do que a imagem de quatro grandes sentimentos, que o fecundassem e depois desapparecessem na esterilidade do deserto?

Se por imagens tão sensiveis, representou-se a immortalidade da alma, porque não poderia o poeta representar a da gloria? Tanto mais direito tinha elle de fazel-o quanto a intervenção do *maravilhoso* dava á essa gloria o caracter de um dom superior e confundia a ingratidão de seu tempo e de seu paiz. A ilha dos amores apparece no fim dos *Lusiadas* como a apothéose antiga. E' ella no mar das Indias a imagem d'essa estrella em que Dante encontrou os homens sublimes que tinham buscado avidamente a gloria! (1)

Qualquer que seja a interpretação d'essa concepção unica em nossa litteratura, ella será sempre

---

(1) Paraiso.—Canto VI.

uma das mais bellas concepções do espirito humano. E' um idylio, uma paisagem deliciosa; sente-se, atravéz dos versos do poeta, o perfume das moitas em flôr exhalando-se á noite nas praias arenosas; sente-se a suave temperatura da muita sombra, que havia no paiz; ouve-se o rumorejar da agua, o canto terno das aves, os saltos apressados da gazella. Talvez alguem que não possa recompôr com a imaginação o sitio que o poeta teve na sua, quando nos deixou essa pintura, suponha que queremos ser pittoresco; a ilha de Venus, porém, tem para nós, a vida, o movimento, a frescura de um d'esses sitios poeticos de que se guarda reminiscencia, e de que se acredita algumas vezes sentir o aroma longinquo trazido por uma brisa do mar. E' a illusão da saudade!

PARTE QUARTA

A LEGENDA HISTORICA

CAPITULO I

IGNEZ DE CASTRO

I

Ignez de Castro! tal é o nome por que se conhece um dos episodios do poema. Todos sabemos de cór essas eloquentes estancias, as mais tristes dos *Lusiadas*, e por ellas todos conhecemos a historia d'essa moça infeliz, dedicada amante e mãi, que o amor do rei D. Pedro devia fazer rainha annos depois da morte.

Nenhum facto é mais dramatico do que o acontecido em 7 de Janeiro de 1355 nos paços de Coimbra; nenhum tambem inspirou mais tragedias.

Mas como foi impossivel a Silvio Pellico attingir a creação ideal de Dante, chamada Francesca di Rimini, assim tem sido impossivel aos nossos autores tragicos igualar a narração de Camões.

Era D. Ignez de Castro de uma nobre e real

familia. Tendo vindo de Hespanha como donzella da infanta D. Constança, noiva de D. Pedro, distinguiu-se por uma extraordinaria belleza. O retrato que temos a vista não dá senão imperfeitamente idéa do que devia ter sido como formosura, essa infeliz princeza (1). A physionomia é antes de umacreança ingenua que de uma mulher já no inteiro desenvolvimento de suas fórmas e de sua belleza. O rosto oval e comprido tem todavia um ar de recolhimento, pelo qual se póde adevinhar um coração capaz de gozar em silencio e de ser feliz sem ruido. E' elle sustentado por um pescoço alto e nevado, que fez cognominar a princeza—collo de garça. Os cabellos finos e abundantissimos estão dispostos á moda do tempo. A fronte é larga e pura, a bocca é pequena e discreta, os olhos não teem outra expressão senão a da ingenuidade. Não se pode dizer á que epocha da vida da princeza corresponde esse retrato; parece, porém, ser elle uma lembrança de sua mocidade, e referir-se ao tempo de sua vinda á Lisboa. Aquelle ar de innocencia e de singelesa espalhado sobre a physionomia de D. Ignez póde bem ter sido uma invenção do pintor que quizesse represental-a como o poeta. A' ser assim, porém, o artista não comprehendeu Camões.

A Ignez de Castro dos *Lusiadas* é a innocencia, sim, é a fraqueza, que estas duas palavras exprimem completamente: a *misera* e *mesquinha*; mas é tambem o amor, que é a força. Ora n'essa phy-

(1) E' que se vê no livro—Varões e donas illustres etc.

sionomia, que analysamos, todo o ideal é de candidez, de ingenuidade, ou, para melhor dizermos, de adolescencia; não ha o ideal do poeta, o amor cheio de energia e de heroismo mesmo diante da morte. O retrato de Alcobaça talvez exprima melhor essa feição de Ignez de Castro. O outro nada nos diz do caracter de uma belleza, que tanto dominio teve sobre o principe, e que foi causa de uma tão deploravel catastrophe. Resignemo-nos, porém, á imaginar o que teria sido a formosura da princeza. Quantas mulheres, que ainda hoje são adoradas, vivem para nós em uma tradição poetica ou popular tão bellas como se possuissemos suas imagens? Quem viu as Helenas, as Saphos, as Didos, as Lucrecias, as Cleopatras além das gerações, que ellas fascinaram e ás quaes sobrevivem? Baste-nos tambem para conhecermos Ignez de Castro a apostrophe de Camões:

« Estavas, *linda* Ignez...., »

e colloquemol-a n'essa galeria de mulheres celebres, cuja bellesa é só attestada pelo amor que souberam inspirar.

Vivamente apaixonado da joven donzella de D. Constança, e collocando seu amor acima das tradições do throno, o principe D. Pedro desposou-a secretamente perante D. Gil, bispo da Guarda. Tinha D. Constança morrido em 1345. Nada faz conjecturar que em vida d'ella fosse D. Pedro amante de D. Ignez; a pureza mesmo d'esta faz-nos crer em sua lealdade para com a infeliz rainha, sua amiga, sua protectora, sua companheira de mocidade e de sonhos. Morta, porem, D. Constança, o amor de D. Pedro não teve mais

que refrear-se, nem Ignez teve de secrificar-se á um tão cruel, quanto sagrado dever. Temendo o ruido da côrte e as distracções da vida do paço, o principe fez sahir para Coimbra aquella que elle amava e que o amava ainda mais, para pedir-lhe o throno e a corôa.

Passaram-se de 1345 á 1355 dez annos. Para não haver a menor sombra de profanação, demos um anno ao luto por D. Constança: são nove annos, de amor, de poesia e mysterio, que se escoaram nos paços de Coimbra. Durante elles a princeza chegou á toda a expansão de sua belleza: que melhor orvalho para esse lyrio de alvura e de graça que os risos de contentamento e as lagrimas de saudade que descobria no rosto do principe? que melhor atmosphera para crescer, em seu viço e seu perfume, que essa dos paços de Santa-Clara onde tudo era silencio, menos a voz do amante, onde era tudo solidão menos a imagem d'elle, presente sempre á seus olhos ou á sua memoria? Nós não temos por certo o direito de desvendar os segredos de um amor, que procurou o isolamento e a sombra, que viveu de felicidade e não de vaidade, que escondeu-se e não ostentou se, que cresceu durante nove annos tanto, que, decorridos elles, parecia ainda eterno, que atravessou a mais triste das tragedias humanas e sobreviveu ao tumulo!

Os rivaes da familia dos Castros, que parecia dever ser chamada á alto valimento no reinado do marido de Ignez, convenceram o rei D. Affonso IV de que a salvação de seu filho e da dynastia dependia da morte da princeza. Como partira outr'ora contra os mouros, partiu D. Affonso de Montemór para Coimbra; seguia-o a mesma caval-

laria, que levara á Tarifa; no peito batia-lhe o mesmo coração, que fel-o encurtar os dias de seu pai e perseguir seu irmão.

N'esse tempo não era D. Ignez só a amante do principe, era sua mulher. Uma duvida suscitou-se algum tempo sobre esse casamento.

Se as outras provas historicas não bastassem, a ceremonia de Alcobaça diria tudo por si só. Quem desposa o cadaver, onde o ultimo signal de vida apagou-se desde muito, desposaria o corpo animado da mais pura belleza. Quem vai arrancar á um tumulo os restos da mulher amada para trazel-a ao throno, iria buscal-a á seu retiro para coroal-a entre a adoração de todos. A trasladação deixa imaginar o que seria a coroação. Demais, durante quatorze annos, conheceu D. Pedro a alma e o coração de D. Ignez; durante nove, gozou de toda a felicidade de seu amor.

Em todo esse tempo, que valiam para elle os paços reaes ao lado do encantado asylo da innocencia de seus filhos? Deveria desherdal-os, crear contra si no coração d'elles ciumes e prevenções, quando sua razão lhe dizia que Ignez de Castro traria para seu reinado uma grande força? Não lhe levava ella o amor, a virgindade de coração, a dignidade e a legitimidade da familia?

Tudo nos leva a crer que era ella a mulher de D. Pedro, quando foi apunhalada sob as vistas de D. Affonso IV. O heróe de Tarifa manchou em um momento os louros da victoria no sangue do mais barbaro assassinato, que um rei, um homem, um pai já commetteu.

E' esse facto, tão cheio de dôr ainda hoje, que o poeta nos pinta em versos admiraveis. N'essas

poucas estancias destacam-se, como si se movessem, os personagens da acção. A figura do velho rei é pouco firme, pintada á duas côres; mas n'essa vacillação do poeta deve ver-se a sinceridade de sua alma: quiz elle attenuar o crime do rei, mas não poude; Camões era, mais que tudo, um homem de coração.

Se o vulto de D. Affonso é assim incerto, o de D. Pedro é cheio de ardor, e o de D. Ignez tem proporções idéaes. Vejamos como o poeta nos conta esse triste desenlace de um amor que tinha pleno direito á felicidade. Vamos assistir ao mais doloroso martyrio.

II

O poeta começa por uma apostrophe, que pinta logo a situação da alma da princeza, a epocha da vida, e a immensidade de seu amor e de seu infortunio. Estamos em Coimbra, no Mondego. Em tão delicioso retiro vive embebida em um unico pensamento a amante do principe. Os horisontes de sua vida são serenos e puros. Como essas aves brancas que vemos fluctuando por um céo sem nuvens sobre um lago de anil, descortina ella um futuro tão limpido como o passado que tem na memoria. Em sua alma,—refracção de um raio divino,—a esperança tem a mesma côr da saudade. E' assim que ella é sorprehendida:

« N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito. »

Doce e mysteriosa expressão! em que alguns teem querido ver a illusão do amor, mas com que o poeta quiz mostrar a cegueira da innocencia que confia na justiça.

Não podia elle referir-se ás decepções do coração; a confiança de Ignez em seu amante não murchou nunca, nem foi uma illusão, um *engano d'alma*; antes foi ella que mitigou o soffrimento de seus ultimos instantes, como uma flôr que désse o seu melhor perfume no momento de desfolhar-se.

Nos paços de Coimbra, longe de seu marido, derramava a infeliz essas lagrimas de saudade que nenhum fel teem e que não azedam o coração, e vivia absorvida na felicidade de seu amor. Eis a primeira estancia em que está elle gravado para sempre:

« Estavas linda Ignez, posta em socego
De teus annos colhendo doce fruito,
N'aquelle engano d'alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saúdosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome, que no peito escripto tinhas. »

A' tal amor corresponde o do principe. Ausente, leva elle impressa na alma a imagem de Ignez; no serviço do paiz, não esquece aquella que é a patria de seu coração, nem o retiro onde ella se expande. Para lá volve sempre os olhos, lá deixou a alma:

« Do teu principe alli te respondiam
As lembranças, que n'alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto enfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria. »

Sublime communicação de duas almas, que se seguiam com o pensamento por toda a parte, que tinham só uma memoria e um unico futuro, e que, quando desviavam a attenção uma da outra, era para encontrarem-se ainda, como um mesmo raio de luz, sobre a cabeça loira e innocente de seus filhos.

Esse amor, porém, tão feliz devia ser a desgraça de Ignez, se se póde chamar desgraçada aquella que durante dez annos foi amada com excesso, que teve a maior parte de felicidade que se póde ter no mundo, que morreu na flôr de sua bellesa e na confiança de sua alma, que não sentiu cahirem á seu lado (triste privilegio dos que teem o de uma longa vida!) os objectos amados, e que depois da morte teve seu nome tornado em lenda, e a fama de seu amor immortal nas mais bellas estancias de sua lingua!

Era na embriaguez d'esse longo noivado que D. Ignez devia ser assassinada aos olhos de seu sogro. Ahi vem perante o algoz a victima innocente; á seu aspecto, ao de seus filhos, quer perdoal-a o rei,

> « Mas o povo com falsas e ferozes
> Razões, a morte crua o persuade. »

O povo! desde quando expia o povo o crime dos reis? O coração real devia ter sensibilidade; não devia tel-a o coração do povo, aberto sempre á misericordia, á justiça, ao perdão, ao amor. Não: o povo portuguez não foi quem matou Ignez de Castro, Affonso IV não foi o Pilatos d'esse martyrio. Se o povo lá estivesse, a victima pelo menos teria arrancado lagrimas. Quando Iphigenia, diz

Lucrecio, subiu ao altar de Diana, o povo que a cercava debulhou-se em pranto:

« *Aspectuque suo lacrumas effundere civeis* (1) »

Não moveria a mesma sympathia essa outra Iphigenia? A filha de Agamemnon morria victima da superstição religiosa, Ignez de Castro da superstição dynastica; Iphigenia era sacrificada por seu pai, não podia Ignez dar o mesmo nome ao avô de seus filhos? Ambas morriam na flôr da idade, no tempo dos amores, ambas hostias immaculadas!

« *Sed casta inceste, nubendi tempore in ipso,*
Hostia concideret mactatu mœsta parentis. »

Accusada, porém, e ameaçada não pensa Ignez em si: desinteresse do amor que diante da morte chega ao heroismo.

« Ella com tristes e piedosas vozes
Saidas só da magoa e saudade
Do seu principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte, a magoava. »

Os dois versos, de Virgilio, traduzidos aqui pelo poeta, teem um valor original, e esse provém da posição de Cassandra e da de Ignez. (2)

---

(1) *De rerum natura*, liv, 1, v. 92.

(2) Virgilio disse:

« *Ad cœlum tendens ardentia lumina frustra,*
Lumina: nam teneras arcebant vincula palmas, »

e Camões:

« Pera o céo crystalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos. »

A filha de Hecuba apparece-nos, no canto da *Eneida*, arrancada do templo de Minerva, com os olhos ardentes de colera, mas perde-se logo no meio d'esse desmoronamento espantoso da cidade de Neptuno. E' mais uma captiva que vemos sahir ds Iliou para a tenda dos gregos. Ignez, porém, não levanta olhos colericos, levanta olhos piedosos; não os fita em um céo, povoado de deuses inimigos de sua patria, e onde já se desenham as fitas vermelhas do incendio de seus palacios. Não é a provocação de uma prophetisa inspirada de Apollo, é a oração de uma martyr christã. O que dá grande valor á idéa, é a continuação do quadro.

Depois que ella levantou os olhos ao céo, abaixou-os sobre os filhinhos,

> « Que tão queridos tinha e tão mimosos,
> Cuja orphandade como mãi temia. »

Pintura singela de uma oração feita em um olhar : a oração das mãis !

Em quatro estancias falla Ignez ao avô cruel dè seus filhos. Quem não as leu ainda e não as sabe de cór ? Como pinta ella o principio de seu amor e o amor do principe que a tinha vencido : como pede compaixão já não por si, mas por seus filhos: como exprobra ao rei não saber perdoar quem não é culpada: como lhe pede que a desterre para o meio das feras, que terão mais coração que os homens, que ella viverá com a saudade eterna d'aquelle por quem vai morrer ! E' ao ler essas estancias que se sente todo o poder da poesia. Ha tres seculos foram ellas escriptas e ninguem póde lel-as sem sentir uma grande compaixão. „Nunca o li, diz um critico fallando do episodio e fazendo

honra a sua sensibilidade, que não chorasse. (1)" Não ; essa linguagem divina não foi a da princeza. Se uma tal eloquencia lhe tivesse vindo aos labios...., iamos dizer : ella não morreria, mas era á feras que ella supplicava.

As estancias seguintes do episodio são o desenlace; é o assassinato. Em um momento vemos os cavalleiros portuguezes atirarem-se sobre a infeliz senhora, e atravessarem-lhe o seio, encarniçados em um odio que a morte mesmo não applacava. Depois de tanta desgraça ainda a lyra do poeta nos repete os ultimos ais de Ignez, como vozes sahidas da fresta de um tumulo.

Pinta-nos elle a brancura marmorea de seu collo de garça ; mostra-nos as flores, que tantas vezes ella regara de seus olhos, ora banhadas em sangue ; descreve-nos a agonia da joven martyr, cuja bocca ao resfriar-se para sempre ainda articulava o nome de seu amante, que o echo levava por todos os valles onde elle havia outr'ora soado; faz-nos por fim a pintura do corpo já sem vida, do qual a alma tinha-se exhalado em uma respiração doce, e que jaz pallido, como a bonina maltratada das mãos lascivas da menina que a colheu !

Tudo isso é tocante e não sabemos como se possa commover mais! Quanto a nós, porém, a estancia mais dramatica do episodio é a que assim começa :

« Qual contra a linda moça Polyxena. »

Entre tantas martyres, como Ignez, buscou o poeta, para comparar suas duas mortes, a infeliz troiana.

(1) F. Dias Gomes.

Polyxena é uma das mais bellas tradições da Grecia, e quasi todos os grandes poetas, desde Euripides até Ovidio, honraram-na em seus versos. Se lemos, porém, a *Eneida*, o infortunio de Andromaca é tão grande que invejamos para ella a sorte, que em sua desgraça ella acha brilhante, de Polyxena. Ella mesma o diz: „ oh! feliz entre todas a filha de Priamo, condemnada á morrer debaixo das altas muralhas de Troia, sobre o tumulo do inimigo, sem ter soffrido a perseguição do destino, nem partilhado como escrava o leito do senhor! “ Esses admiraveis versos, porém, não nos mostram Polyxena diante da morte ; precisamos de vêl-a em Seneca e em Ovidio.

Na *Troades* caminha ella para a morte com passo firme e modesto. Sua belleza resplandece aos ultimos raios da vida, como a luz do sol que ainda é mais suave no momento em que elle se deita no poente.

« Ut esse Phœbi dulcius lumen solet
Jam jam cadentis....

Chegada ao lugar do sacrificio, não recua ella um passo, antes olha para seu algoz com um olhar de feroz ameaça, em que scintilla o odio da escrava. Quando este mergulha-lhe o ferro no seio, ainda não desanima ella, mas, supremo esforço da colera! reune suas forças e atira-se com impeto sobre o tumulo para fazer a terra ainda mais pezada ao somno de Achilles.

Tal é a scena que nos pinta com uma grande verdade o poeta latino. A Polyxena de Ovidio é outra; tem ella tambem a energia das mulheres antigas, mas não odeia: chora e talvez ama. Seu

ultimo pensamento é de libertação. Entre viver escrava e morrer livre e pura, a morte lhe parecia um favor, quasi um bem. Dir-se-hia que ella queria morrer sobre o tumulo do heróe que a havia amado. Não o chama ella: um deus? Condemnada ao supplicio, só pede aos gregos que respeitem a virgindade de seu corpo, que nunca sentiu o contacto das mãos de um homem, e entreguem-n'o depois á sua mãi, que só poderia resgatal-o com lagrimas, ella a viuva de Priamo! Logo que chega o instante fatal, e todos, mesmo Pyrrho, desatam em pranto, Polyxena não chora mais; filha de troianos devia mostrar aos gregos que não temia a morte, e que se tinha chorado fôra pela sorte de sua cidade arrazada, de sua familia dispersa e de sua mãi infeliz! No momento de morrer esquece ella tudo para honrar o seu nome; tambem não cahe sobre o chão para opprimir com o peso da queda os manes de Achilles; sua morte é outra: os joelhos vão cedendo, e, com os olhos voltados para o céo, ajusta ella as roupas para cahir, (tanto póde o pudor em uma natureza como a sua!) immaculada de qualquer olhar, digna de seu sangue!

E' á essa adoravel figura que Camões compara Ignez. Ella que tanto chorou, que tanto pediu, sempre nobremente! nos ultimos instantes recolhe tambem a dôr e serena o semblante com o olhar.

« Ella com os olhos, com que o ar serena. »

E' assim que Ignez espera a morte,

« Bem como paciente e mansa ovelha, »

e n'essa postura de suprema energia recebe no collo de *alabastro* as espadas dos assassinos.

Tal foi em vida, tal na morte, D. Ignez de Castro. A historia tem na sua galeria o retrato que d'ella fez o poeta; tambem entre as martyres nenhuma inspira mais compaixão do que essa, desde Iphigenia, que abre o cerco de Troia, até Joanna d'Arc e Maria Antonietta.

Nunca o genio é mais digno de si e de Deus do que quando idealisa a innocencia e a desgraça!

Não deixou Camões sua creação de Ignez de Castro sem levantar-lhe um monumento na terra da patria. Mas como podia fazel-o quem não possuia quatro palmos de chão, onde ser enterrado? O primeiro architecto, o primeiro esculptor da gloria nacional, só tinha para pagar aos objectos de sua admiração a moeda do genio—a immortalidade. A' Ignez de Castro, porém, pagou outra. Ha em Coimbra, no antigo jardim da princeza uma fonte chamada—dos amores. Para que ella lembrasse eternamente o facto, deu-lhe o poeta uma origem sobrenatural. Foram as lagrimas choradas pelas filhas do Mondego sobre a sorte da joven martyr do amor, que se transformaram na agua pura d'essa fonte. As lagrimas das donzellas de Coimbra muitos as choram ainda hoje, e mais que no crystal da fonte em que se converteram, brilham ellas, como diamantes, na elegia do poeta, n'esse cantico de dôr o mais vivo de nossa lingua, n'esse poema de dezoito estancias, que parece escripto com o sangue mesmo do amante de Catharina.

CAPITULO II

OS DOZE DE INGLATERRA

Não era possivel que faltasse ao poema de Camões uma inspiração, um quadro da idade media.

A idade media apparece na historia como um tempo sombrio, como uma grande noite.

Uma invasão de barbaros cobre o mundo pagão e esconde em sua poeira as lettras e as artes. O que se faz durante esses dez seculos que se chamam —a idade media? Uma formação, a creação do mundo moderno sobre as ruinas do mundo antigo. Entre as duas civilisações há a infancia; entre os dois zeniths há a treva. Durante dez seculos amontoam-se, atropellam-se, e depois assentam, desprendem-se e desenvolvem-se os elementos das nações de hoje.

Mas por ser a idade media esse longo e sombrio periodo de formação, é que tem muitas vezes os sentimentos ingenuos da adolescencia. A mais alta manifestação d'essa generosidade, d'esse viço de alma, d'essas aspirações ideaes foi a cavalleria; foi ella, em epochas de embrutecimento, o glorioso protesto do coração contra a força. A historia demonstra que a cavalleria não teve a extensão de uma instituição universal de honra e de valor; mas

reduzida mesmo á alguns povos, ou á algumas almas, provou que havia aqui e ali em tempos tão sombrios uma claridade prematura.

O episodio dos „doze de Inglaterra“ é a alegre narração de um dos factos mais notorios da cavalleria.

Doze inglezes de alta posição offenderam outras tantas damas, mostrando-se promptos á renovarem a injuria perante quem ousasse defendel-as. Não houve em Inglaterra quem quizesse aceitar a defesa das damas, e o duque de Lancaster, sogro de D. João I, dirigiu-se á doze fidalgos portuguezes pedindo-lhes que fossem os cavalleiros das senhoras offendidas. Aceito o cartel, teve lugar o combate dos pares de Inglaterra com os cavalleiros portuguezes, que ficaram vencedores. Entre estes e á frente d'elles achava-se Alvaro Gonçalves Coutinho, por cognome Magriço.

Nenhum facto era mais apropriado do que esse para pôr em evidencia a gloria de Portugal, e o poeta fel-o da maneira a mais insinuante.

A offensa feita pelos cortezãos ás damas da côrte era a primeira violação das regras da cavalleria, que impunha respeito á mulher quasi com o mesmo rigor com que o impunha á fé e á honra. O que, porém, está, em frente d'esse mesmo codigo, acima de qualquer censura é a cobardia dos amantes d'essas damas, que por se temerem do poder dos adversarios, não ousaram a levantar a luva atirada com tanto desdem. O poeta não podia dizer-nos melhor do que por essa fórma que a Inglaterra nunca foi o paiz da cavalleria. Se vemos na sua historia um Ricardo Coração de L eão e um Principe Negro, são esses excepções notaveis e

para cujo caracter concorreu poderosamente a vida aventureira do continente.

Emquanto nos pinta assim a Inglaterra, o poeta faz em uma oitava o mais alto elogio á côrte portugueza; n'esta todos julgam uma felicidade ser escolhido para um tal combate. O rei é o primeiro que quer partir, e n'esse movimento de generoso ardor vê-se logo a alma de D. João I.

Eis a oitava em que nos apparece a côrte do Mestre de Aviz :

« Já chega a Portugal o messageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quizera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a régia magestade
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

Tudo que havia de puro, de elevado e de nobre na cavalleria reunia-se n'esta memoravel empreza. Quando realisou-se ella, o cyclo legendario da instituição estava encerrado ; mas as antigas virtudes e os finos sentimentos existiam ainda em algumas almas. Iam esses cavalleiros portuguezes combater em um paiz distante com os mais esforçados e dextros dos seus homens de armas, e no entanto nenhum d'elles hesitou.

O valor puro e sem mescla, de que os antigos paladinos haviam dado tão notaveis exemplos, é a primeira qualidade que dá o poeta aos heroes portuguezes ; a segunda é porem-no ao serviço de uma causa nobre, sem indagarem da latitude e distancia dos lugares, onde tinham que defendel-a. Foi a cavalleria uma religião forte e moral, religião de poucas almas, sim, mas que unia todos

os seus crentes sob uma mesma bandeira e que fel-os, em tempos em que a idéa da patria não se tinha completamente desprendido dos preconceitos, dos odios e das divisões feudaes—, membros de uma unica familia. O respeito, o culto da mulher, que uma nação moderna, os Estados-Unidos, elevou á altura de uma virtude republicana, tanto como o valor e a coragem, dão á esse episodio do poema o colorido de uma lenda.

Vejamos o combate.

> Já n'um sublime e publico theatro
> Se assenta o rei inglez com toda a côrte.

Os divertimentos da idade media conservam ainda a ferocidade dos tempos antigos. Roma, nos seus melhores dias, não tinha maior festa do que os combates do circo; a cavalleria, porém, temperou com certa doçura essas luctas, e ainda que fossem ellas o espectaculo da força, eram tambem o da dextreza e o da magnanimidade. A honra impunha aos combatentes deferencias e respeitos, que mostram certa elevação de sentimento. A descripção, que fez o poeta da peleja e da victoria, é rapida, mas brilhante.

Quanta recordação da cavalleria desperta a pintura de Camões!

> « Mastigam os cavallos, escumando,
> Os aureos freios com feroz semblante; »

não nos apparecem n'esses versos os antigos cavallos dos paladinos, unidos á elles na recordação da historia, companheiros de suas longas jornadas e

de suas aventuras, e tratados sempre com aquelle respeito

« Che a buon cavallo dee buon cavallero, »

como diz Ariosto?

Eram, porém, onze portuguezes que estavam para combater contra os doze pares de Inglaterra. Quem faltava ao combate? Magriço. Quando seus companheiros partiram, disse-lhes elle que queria ver o mundo, e em vez de seguir por mar atravessou a Hespanha e a França.

A estancia em que Magriço falla aos outros cavalleiros é digna do poeta. Vêem-se n'ella dois sentimentos cada qual mais elevado: o primeiro é a confiança sem limite no valor dos outros paladinos, o segundo uma fé tambem inabalavel na propria estrella. Era grande o perigo para sua honra; um dia de demora fal-o-hia faltar ao combate! entretanto partio elle sem hesitar, certo de que, se não chegasse no dia, os onze portuguezes venceriam os doze pares:

« Todos por mim fareis o que é devido, »

mas certo, ainda mais, de que nada impedi-lo-hia de tomar parte no desafio:

« Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu com vosco lá não seja. »

Vê-se em tudo isso o genio do poeta. Magriço, o protogonista, desapparece da scena, sem que, desajudados de seu valor, os outros duvidem um momento da victoria. Não esperam elles

« Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois ou tres dos seus falleçam? »

Faltava um homem, mas o espirito da patria estava com os outros.

Não é, porem, só para mostrar o esforço individual de cada um dos portuguezes que Camões demora a apparição de Magriço; é tambem para dar a côr dramatica ao torneio. Quantas vezes nas lendas da cavalleria o heroe apparece no momento em que menos é esperado e decide da victoria?

Tudo vai se consummar sem elles; o crime, o supplicio, o cembate vai ter lugar, quando na arena desponta vindo não se sabe de onde um cavalleiro mysterioso; se é a honra, a fama, a belleza de uma dama que está empenhada —no juizo de Deus— vê-se um d'esses guerreiros tomar as côres da dama offendida, entrar na liça, arriscar a vida, e partir depois da victoria coberto ainda de poeira para em outro lugar defender a innocencia e a fraqueza. Walter Scott pinta-nos por vezes a apparição de um desses heróes, sob cuja armadura descobrimos logo um libertador, um Ivanhoe, na raia da arena no momento em que a vida de uma mulher estava abandonada e sem esperança.

Estão os onze portuguezes em frente ao doze de Inglaterra; vai principiar o combate,

« quando a gente
Começa á alvoroçar-se garalmente. »

Era Magriço que apparecia; seu aspecto é o de um heróe. Entrando na arena depois de uma longa viagem saúda o rei e as damas e toma lugar no meio dos seus,

« A' quem não falta certo nos perigos. »

A dama, da qual era elle o campeão, e que se

vestira de preto por se ver desamparada, logo que se vê defendida por um tal braço cobre-se das côres mais brilhantes.

Eis os versos sempre admirados em que o poeta nos pinta com grande mobilidade o combate:

. . . . . .

« Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflama:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

« Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme;
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

« Algum d'alli tomou perpetuo sono
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a suberba ingleza de seu throno;
Que dous ou tres já fôra vão do vallo:
Os que de espada veem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha. »

O poeta começou a pintura com dois ou tres traços proprios das narrações de cavalleria: „ fere a terra fogo " lembra bem o golpe de Roland em Ronceveaux; „ o chão a tremer sob o estrepito dos cavallos " dá a idéa de uma força fabulosa desenvolvida na acção, porque de uma semelhante imagem usou elle para pintar-nos o tropel dos cavallos em Aljubarrota:

« treme a terra.... os valles soam; »

„ qual do cavallo vôa, que não desce " é outro

exemplo d'esse arrojo de expressão proprio das legendas da idade média, porque se sabe bem que um cavalleiro antigo era uma columna de aço; o poeta mesmo disse fallando da maneira porque se vestiram os portuguezes:

« Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes, »

e ainda que sob essa couraça elles tivessem muita agilidade, o que dá idéa de uma força extraordinaria, a expressão „vôa" applicada á quéda pesada de um d'esses homens de ferro é de cunho puramente legendario. Camões, porém, não se compraz em descrever batalhas, como já o dissemos. Elle o diz com visivel referencia aos contadores de seu tempo:

« Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
E' d'esses gastadores que sabemos
Maus do tempo, com fabulas sonhadas. »

N'essas poucas palavras está uma aspera censura á litteratura já pueril da cavalleria; a critica verdadeira d'esse genero de fabula devia ser feita depois em uma das mais engenhosas obras do espirito humano—o Don Quichotte; depois, porém, de Camões Tasso devia ainda pintar com grande engenho os combates de Tancredo e Clorinda.

A victoria fica com os portuguezes e as damas vencedoras. Magriço apenas muda de theatro e vai a Flandres defender a honra da condessa D. Leonor. Magriço será sempre o representante da cavalleria em Portugal.

A bella narrativa de Velloso tira de sua collocação no poema um grande realce, pois, que é feita entre a ordem de Neptuno e o desabar da

tempestade. Rapida, como é, lembra ella por muitas particularidades a idade media, e é uma perfeita lenda d'esses tempos, que foram de embrutecimento e de trevas, que foram tambem de anarchia moral, pelas *côrtes de amor*, mas em que houve almas, como a de Magriço, sinceramente dominadas do dever e da honra, e em que uma instituição houve, cuja idéa foi crear um exercito de homens de coração para resistir ao direito da força e proteger a fraqueza.

Tal é rapidamente analysado o episodio dos —doze de Inglaterra; com esse breve estudo, terminamos a critica das *Lusiadas.*

São os *Lusiadas* uma das maiores obras do espirito humano, e apresentam, conforme o lado do qual são vistos, os mais differentes meritos. Não temos a pretenção de havel-os descoberto nem conhecido todos.

Os grandes poemas são como certas almas que só se mostram em todo o seu valor na intimidade. E' preciso ser-se um velho amigo dos poema, não ter tido por elle uma admiração passageira, para se chegar á conhecer a maior parte de seus thesouros escondidos, e só de hontem conhece os *Lusiadas* quem escreve estas linhas.

Há muitas intenções delicadas, que se não tornam logo sensiveis; há tintas que se não percebem nas côres dos quadros, linhas cuja unidade não se acompanha bem através dos opulentos ornatos do edificio, approximações como antitheses que só o estudo põe em relevo. O que se chama conhecer perfeitamente os *Lusiadas* é saber qual foi o pensamento do poeta, é conhecer a unidade e a variedade da concepção, os momentos da invenção,

que foram tantos em tão longos annos, as difficuldades da execução; é poder dizer tudo que sentiu Camões ao lêr a sua obra, que partes elle mesmo admirou mais, que trechos repetia elle com mais amor; isso, sim, é conhecer o poema, tão bem como o conheceu o poeta.

Se bem poucos podem ter essa sciencia, todos devem ler e estudar o maior livro de sua lingua.

E' nos poemas epicos que se encontra a fonte dos sentimentos elevados e que se descobrem as mais bellas perspectivas da gloria! Alexandre não abandonava a *Iliada*. A mais brilhante mocidade, que o mundo já viu, procurava em Homero um ideal de vida, que as tradições do throno e a sabedoria de Aristoteles não lhe haviam dado!

LIVRO TERCEIRO

Velhice e morte de Camões

CAPITULO I

CAMÕES E A EXPEDIÇÃO Á' AFRICA

Começa agora a parte mais dolorosa da vida do poeta; vamos vel-o chegando á velhice, luctando dia por dia com a miseria e a fome, implorando da morte o fim de tantos soffrimentos e extinguindo-se pouco a pouco, em sua enxerga, como a respiração da patria.

Emquanto não produzio o seu poema, completo como o plano que delle tinha concebido, Camões viveu entregue á esse unico pensamento. Tinha elle vivido sempre longe da patria; em vez de desprezar seu paiz com o scepticismo de quem reside nas côrtes, o poeta tinha aprendido na historia e no passado á amar a sua raça. Chegado á Lisboa, não tinha elle á principio descoberto a imminencia da desgraça nacional; absorvido em uma idéa fixa, tinha vivido d'ella. Fôra o ascetismo do genio com todos os seus extasis e suas chimeras.

Publicado, porem, o poema, começou esse homem que não se lembrava da fome, quando tinha ainda uma estancia que compor, á sentir o pezo da realidade. Elle que tanto fiava de seu livro, via-se, quando seu nome já era celebre e depois de impressos os *Lusiadas*, desterrado e só no meio do paiz.

Depois veremos a extensão da desgraça de Camões, por agora vejamos como seu destino está entrelaçado com o de Portugal.

Os oito ultimos annos da vida de Camões são os mais sombrios da historia portugueza; seus biographos pintam com as mais negras côres essa época de aviltamento e infortunio, que nos entristece ainda hoje.

Estava Portugal nas mãos do joven rei, neto de D. Manoel; reinado nenhum foi mais infeliz do que o seu. Muito moço, fiando tudo de seu talento, de uma audacia cega, promettia elle desde o começo ser o flagello de um paiz, já de si exhausto por ter realisado uma obra superior ás suas forças.

Entre os annos mais tristes de que a historia faz menção está esse em que appareceram os *Lusiadas*. Esquecendo-se tão maravilhoso clarão foi um anno de desolação e trevas. Na Inglaterra morria no cadafalso o duque de Norfolk, o que annunciava a morte de Maria Stuart, essa bella criminosa sobre a qual a historia não pronunciou ainda seu ultimo juizo ; a Polonia via extincta a dynastia dos Jagellões e com o principio da electividade do rei adquiria o germen de seu futuro desmembramento. O que, porém, escurece a data de 1572 é a noite de 24 de Agosto. Pariz

foi theatro da mais sanguinolenta das carnificinas humanas: a traição, a cobardia, o fanatismo, o odio, todos os baixos sentimentos, tiveram uma medonha explosão.

A França atravessou antes e depois epochas difficeis, mas as tradições do Terror e as da Communa não causam uma impressão igual á desse immenso assassinio, friamente meditado, hypocrita e cobardemente executado no silencio da noite, á um signal do rei e em nome de Christo.

Foi n'esse anno de sinistra recordação que appareceram os *Lusiadas*. Em Portugal a scena era tão negra como na Europa.

Havia-se ferido no anno anterior a grande batalha de Lepanto e havia já em Lisboa os materiaes de uma nova cruzada, proclamada pelo Papa. O Tejo estava coberto de náos destinadas á tomar posse do Bosphoro; os confederados queriam d'essa vez aceitar a conselho do joven D. João d'Austria e ir com elle á Constantinopla. Uma tempestade das que mais destruição teem produzido cahio sobre a cidade de Lisboa, e de todos esses navios não ficaram senão as taboas fluctuantes.

As riquezas immensas, que elles haviam custado, afundaram no rio, e essa destruição foi para Portugal um novo golpe da fortuna.

Sem insistir em outros tantos revezes, com que foi o paiz experimentado n'esses ultimos oito annos de liberdade, ha dois factos por si sós muito eloquentes que não podem omittir-se. A joven e bella princeza, mãi de D. Sebastião, falleceu em 1573 e com ella perdeu o paiz uma voz que se faria ouvir do rei antes de cada loucura, e que talvez, por ser a de uma mãi, pezasse no seu animo.

Em 1574 teve lugar a expedição de Tanger, expedição funesta e que devia, por ter sido esteril, determinar uma segunda, que realizou-se cinco annos depois. Em 1579 partiu de novo D. Sebastião para a Africa; nem as ultimas palavras de sua avó moribunda, nem o derradeiro pedido de seu mestre, nem a dor do povo, visivel em cada rosto, poderam impedir ou sustar essa successão de desgraças.

Diz Faria e Souza que muito soffreu Camões por ter sido escolhido pela côrte para seu poeta Diogo Bernardes.

A versão do critico é verosimil. Ao terminar os *Lusiadas*, Camões pedio á D. Sebastião, como o havia pedido na dedicatoria do poema, que passasse á Africa; vimos que esse sonho do joven rei teve nos versos do poeta uma eterna consagração. O Sr. Juromenha, que julga pouco provavel ter tido o poeta um tal desgosto chega á conjecturar, e (parece-nos) sem fundamento historico, que elle se achava na jornada de Tanger. O certo é que ao escrever os ultimos versos do poema, Camões sonhava ainda ser o cantor de uma nova epopéa.

Eis as duas oitavas em que o pensamento do poeta é expresso de um modo a não consentir duvidas:

> « Pera servir-vos, braço ás armas feito;
> Pera cantar-vos, mente ás Musas dada:
> Só me fallece ser a vós acceito,
> De quem virtude deve ser prezada.
> Se me isto o céo concede, e o vosso péito
> Digna empreza tomar de ser cantada,
> Como a presada mente vaticina,
> Olhando á vossa inclinação divina;

« Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A' vista vossa tema o monte Atlante ;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos e Trudante ;
A minha já estimada e leda musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja
Sem á dita de Achilles ter inveja. »

Não devia, porém, ser Camões o cantor d'essa triste expedição, nem devia o rei ser d'ella o heróe.

Se na guerra que o joven rei ia levar á Africa alguem estava destinado á representar um glorioso papel, não era esse D. Sebastião. Partia elle para a Mauritania, não como Godoffredo de Bouillon para a Palestina, á resgatar do dominio dos infieis o tumulo de seu Deus ; partia, como outr'ora Omar, para abrasar o mundo, e impôr pela espada a hegira, o Kalifado e o Coran.

As primeiras cruzadas foram a consequencia do espirito de cavalleria, que perfuma ainda hoje as recordações monasticas da idade media. Eram a fraternidade do Occidente em nome de Christo para salvar da profanação os lugares santos. O enthusiasmo pela fé era nacional em cada paiz, universal no mundo. Não havia ainda os jesuitas, não havia o Santo Officio. A religião não queria então vencer nem pela hypocrisia, nem pelas fogueiras. A cruzada, porém, que D. Sebastião ia iniciar em 1578 vinha depois da Reforma e da Inquisição. A Reforma tinha espalhado pela Europa o espirito da independencia moral do homem e da dignidade da razão; depois d'ella não se podia mais galvanisar o passado, menos sacrificando á esse pomposo embalsamamento o sangue das novas gerações. A Inquisição por seu lado tinha dado á

liberdade de consciencia a sancção do martyrio ; d'essa fumaça, que toldava o céo da peninsula iberica, desprendia-se, como um globo de luz, a emancipação religiosa da alma. Depois d'esses dois acontecimentos tão contrarios não era dado esperar uma nova cruzada. Os reis podiam condemnar, os padres podiam queimar, mas a fé não podia mais vencer pelo sangue. A bulla de Gregorio XIII era então o que é hoje um Syllabus: uma arma quebrada, uma palavra sem echo.

O fanatismo levava D. Sebastião á Africa, e mais ainda lá o levavam os ciumes de uma ambição sem limites. Se a terra só produz os fructos das sementes que recebe, a intelligencia do joven rei tambem só desenvolveu os principios, que cuidadosamente n'ella havia semeado um jesuita, o padre Luiz Gonçalves. A sociedade de Jesus é hoje, e mais exaggeradamente o foi nos tempos dos Laynez e dos Borjas, um verdadeiro exercito, um como sacerdocio brahmanico. Obedecia ella toda á um pensamento: janisaros do papado, foi ella, por assim dizermos, a guarda pessoal da Santa-Sé. A educação dos principes, quando confiada de algum dos discipulos de Ignacio de Loyola, era objecto de um estudo apurado feito sob as vistas da sociedade. Era preciso que da officina sahisse um instrumento apropriado ao seu desenvolvimento ; para isso, com grande conhecimento da natureza humana, iam elles depondo lentamente no espirito de seus reaes pupillos germens, que haviam de desabrochar no throno

O futuro da Companhia dependia da habilidade d'esses criadores de principes ; matavam ou transformavam as tendencias que iam despontando na

alma com a facilidade com que se cortam as pennas desiguaes da aza de um passaro. Ninguem póde dizer o que seriam Descartes ou Voltaire, se nascessem principes: um não sahiria talvez da escola para escrever o seu—*Tratado do Methodo*, nem o outro para proseguir tantos annos em uma lucta obtinada contra a fé. Na castração moral de que elles seriam victimas, talvez perdessem aquella virilidade de razão que fez de um o primeiro philosopho francez e de outro o genio mais vasto de seu seculo. Não era d'essa elevação o talento do joven pupillo de Luiz Gonçalves, e nascendo no throno não passou, como os outros, desapercebido no meio de seus companheiros; entregue depois de uma prolongada questão ao homem que foi seu mestre, foi cada dia o espirito do principe ajustando-se melhor com o molde jesuitico dos futuros reis. No throno continuou a tutela. Ainda que com rara coragem tivesse elle desapprovado a primeira jornada de Africa, e com sinceridade escripto á D. Sebastião que sua morte provinha do pezar de o ver tão longe da patria, foi o padre Luiz Gonçalves quem formou o espirito e o coração do rei e tornou possivel a catastrophe. Foi pois a companhia de Jesus, criando o genio ascetico, despotico e aventureiro do neto de D. João III, que enterrou Portugal nas areias da Africa. Pombal só fez vingar Alcacer.

Essa expedição tinha alguma coisa de arriscada e insensata. Em vão Felippe II, á quem um pouco mais de intuição do futuro levaria a aconselhal-a, tentou desviar d'ella o joven rei, seu sobrinho; D. Sebastião riu-se de Felippe II, como se rira do duque d'Alba, suppondo-os invejosos, um de seu

reino, outro de sua gloria. O que ia elle fazer á Africa? Não ia tomar as praças que o Sherif lhe promettera, porque essas Moluk com uma culpada generosidade offereceu-lhe antes da campanha; ia para a Africa, como os antigos entravam em uma arena, para combater. Não era só um duello de morte que se empenhava entre Portugal e os Mouros; era tambem um encontro pessoal entre os dois chefes. O fanatismo fazia-o odiar o principe infiel, mas, contradicções da superstição! não lhe prohibia combater ao lado de Muley-Hamed. A' Frei Estevão do Carmo dissera elle que não passara á Barberia para conquistar Larrache, mas para ver-se em peleja com Muley-Moluk. Era um odio nutrido, metade pelo fanatismo, metade pela inveja. Eram tambem desejos de gloria.

Esse principe queria deixar na historia o nome de Dom João I. A tradição de D. João III, seu avô, pesava-lhe na corôa, e elle preferia a de seu outro avô, Carlos V. Movido por todos esses incentivos, sacrificou inconscientemente a patria. A legenda de Ourique tentava-o, e se a cavallaria arabe dizimasse sua infantaria, se a sorte da batalha fosse decidindo-se por um desastre, esperava elle ainda que os céos de novo se abrissem e que o Deus de Constantino e de Affonso Henriques se mostrasse uma ultima vez. Mescla de intrepidez e de loucura era a natureza do ultimo descendente de D. Manoel. Partiu elle para a Africa, como um aventureiro, e sem consciencia matou a patria no mesmo lugar em que buscava gloria para si e novas fronteiras para ella.

Se assim apparecia no campo de batalha o rei de Portugal, o vulto de Abd-el-Melek era muito

differente. Esse, sim, seria o heróe de um poema, se a raça moura tivesse os seus Camões. Tinha elle conquistado a corôa no campo de batalha e a tinha honrado com outras victorias; dotado de uma inquebrantavel perseverança, havia subido do exilio ao throno; esclarecido de espirito não era escravo de nenhuma superstição e por nenhum interesse de sua fé sacrificaria a vida do paiz e a liberdade do povo.

Vejamol-o alguns dias antes da batalha de 4 de Agosto. Envenenado por seus protegidos, dominou elle a morte e o desejo de vingança, para não desunir o exercito nem perder a victoria. Desde o momento em que bebeu o veneno, póde-se dizer que o amor da patria foi sua vida: viveu unicamente do inaudito esforço que fez para salval-a! As grandes idéas alimentam a vida, como o sangue. Esse absoluto desprendimento de si e do mundo honra o heróe; condemnado á viver apenas alguns dias, talvez algumas horas, durante o curso d'elles nem um instante pensou nos bens que ia deixar, no throno que ia perder.

Na batalha de Alcacer, quando D. Sebastião lança-se impetuoso sobre os mouros com o duque de Aveiro á seu lado, louco d'essa intrepidez irreflectida que fal-o ver-se só n'esse sangrento theatro á representar diante da Europa o papel de Achilles, esquecendo que o que perigava n'essa jornada era mais que sua fama, era a vida da patria, o que se via por entre os esquadrões dos arabes? Via-se o vulto imponente de Abd-el-Melek tentando ainda resistir á morte, esquecendo-a, absorvido em um sentimento; passava elle á cavallo, vestido como nos dias de sua maior gloria,

e querendo ainda vibrar com a mão desfallecida o alfange de Ourrochusa. Figura imponente na lividez da morte, e da qual se podia dizer com Tasso:

« La vita nó, ma la virtu sostenta
Quel cadavero indomito! »

„ O valor e não a vida, sustenta aquelle cadaver indomito. " Era mais um phantasma que um general; era só a alma da patria que ainda respirava n'esse corpo examine. Quando tentou elle um derradeiro esforço, a vida deixou-o. O que se passou n'esse ultimo momento? Cahiu elle atravessado por uma bala inimiga e deu-lhe ainda Deus a felicidade de morrer em combate e não envenenado pelos seus? N'esse ultimo olhar que lançou sobre o campo da peleja, adevinhou elle a victoria ou duvidou d'ella e julgou morrer com a patria? Ninguem nos conta qual fosse o ultimo pensamento d'aquella grande alma; duvida pungente para o espirito de todos nós que quizeramos que ao desprender-se para Deus levasse ella a pura alegria de ver a patria triumphante. Essa agonia heroica de sete dias merecia como recompensa no ultimo momento a intuição da victoria.

Abd-el-Melek é uma figura dramatica. Se Alcacer fosse um desastre para os Arabes e trouxesse-lhes a escravidão, a memoria do martyr seria para elles uma legenda; então poderiam, sem outra illusão mais do que a do crente que tem fé na justiça, esperar a resurreição d'aquelle que foi a alma de seu paiz. D. Sebastião, renascido ou tornado da Africa, seria a reapparição no throno do fanatismo, da loucura e do direito de conquista; Abd-el-Melek levantado do chão de Alcacer, se ahi fosse enterrada a raça arabe do occidente, seria a resur-

reição de um povo. As nações podem acreditar na volta de certos homens, que foram a personificação de um sentimento ou de uma idéa universal; a Judéa podia esperar Elias e David, a Hungria Scanderberg, a Polonia Sobieski ou Kosciuko : o homem é nada, o principio é tudo; o nome é apenas a forma legendaria da esperança!

Não era nem d'esse rei nem d'essa expedição que Camões devia ser o cantor. Para cantar a expedição, que o rei decretou dever ser uma epopéa no dia em que nomeou um poeta para acompanhal-a, foi bem escolhido Diogo Bernardes; melhor seria, porém, o seu contemporaneo Miguel de Cervantes. Não era o que se ia passar em Africa digno do genio de Camões. Aquelle que havia cantado os tempos heroicos de Portugal, não podia incensar a geração de D. Sebastião ou do cardeal-rei. Uma batalha ganha em Africa não pezaria na sorte do mundo e seria talvez para a nação portugueza uma calamidade maior que um immediato desastre. A raça arabe unir-se-hia toda para exterminar os invasores, debilitados no seu proprio paiz, e com vastissimas fronteiras á proteger nas quatro partes do mundo.

Se, porém, os mouros succumbissem em Alcacer, e fosse elle o tumulo dos musulmanos de Marrocos,—a legenda d'essa batalha não seria do algoz, mas da victima. A legenda da Polonia não pertence a Russia; onde se a ouve em toda a sua poesia é nos carceres de Varsovia e nos gelos da Siberia. Um poeta tartaro não poderia ser o cantor de uma tal conquista; seu poema seria a profanação de um sepulchro. Não estava reservada essa triste honra ao cantor dos *Lusiadas*.

Diz-se que o poeta logo que o rei partiu para a Africa, começou a escrever um poema allusivo; um seu amigo Bernardo Rodrigues chegou a ler esse trabalho. Logo que soube, porem, da sorte da expedição, queimou Camões o que havia escripto, e a posteridade ficou sem ver essa obra, na opinião de Rodrigues, superior aos *Lusiadas*. „ Com quanto pezar temos á lamentar, e por tantos motivos, que o poeta não tivesse occasião de celebrar esta expedição militar! " exclama um de seus biographos. (1)

O genio tem uma missão certa, só as grandes idéas o fecundam e n'essa campanha de Marrocos nenhuma grande idéa se via inscripta na bandeira de Portugal. Não era pois essa a acção que devia inspirar á Camões um poema maior que os *Lusiadas*. Na idade á que elle tinha chegado, e no estado de espirito em que se achava, não poderia de certo compor um novo poema; se o compuzesse, porem, uma cousa havia de faltar-lhe. Seria essa a inspiração. Poderia elle descrever com seu grande talento de pintor a natureza, o céo, a vegetação, as areias, os costumes, e o povo da Africa: a acção, porem, seria monotona e esteril como o deserto, em que ella se ia desenvolver.

Não se compõem em uma vida dois poemas como os *Lusiadas*; para a gloria de Camões, não tiveram, porem, elles esse irmão, fructo tardio da velhice e da miseria. Ao lado do grande poema de Portugal, o de Alcacer seria o signal da decadencia do poeta; quem os comparasse perguntaria

---

(1) O Sr. Juromenha.

como o genio pode produzir tão diversas creações, e como pode faltar-lhe instincto bastante para salvar a sua gloria aos olhos da posteridade. Esses dois poemas seriam a imagem das duas epochas da vida de Camões: um pareceria filho do ideal, da mocidade e do amor, o outro seria pallido e frio, como se a morte houvesse n'elle collaborado. Mas não estava reservada ao poeta a triste sorte de mutilar sua propria fama. Se a expedição terminasse por uma victoria, mesmo assim a morte viria interromper o doloroso trabalho, á que o poeta ia sujeitar a imaginação, para d'ella tirar ainda algumas scentelhas. A batalha de 4 de Agosto, porém, foi um desastre, e teve elle de entregar ás chammas as paginas escriptas de seu poema.

Para uma alma, como a de Camões, nenhuma expiação poderia ser mais cruel do que essa; talvez pensasse elle então em lançar ao fogo, mas ellas corriam já o mundo, as oitavas dos *Lusiadas*, em que a expedição á Africa fôra descripta, como um grande commettimento do patriotismo e da fé. A dor de Camões n'esse momento devia ter sido intensa. Os contemporaneos dizem que elle ficara como assombrado depois de ter queimado o seu livro. E' que no coração do poeta passou-se uma scena das mais longas e das mais pungentes; para elle que amava a patria com uma dedicação sem limites, a idéa de ter concorrido para seu infortunio e talvez para seu captiveiro era um remorso, uma aflicção immensa; isso juntava-se aos soffrimentos pessoaes, e a vida lhe parecia um mal de que a gloria não attenuava o excessivo rigor.

Ao queimar o poema, viu elle mais claramente que essas cinzas foram o seu sonho, e que esse sonho havia sido a morte do paiz. Na explosão da dor o poeta não pensou em justificar o seu erro, antes exaggerou a influencia de seus versos no animo do joven rei. Talvez, se a scena que Garrett nos pinta no seu *Camões* foi real, lembrasse-se elle da figura de D. Sebastião, expansiva e radiante, ao ouvir em Cintra tão bem pintada em magnificas estancias a aspiração, que foi a de toda sua vida. O jubilo do rei ao ver tão bem comprehendida por um grande genio a politica de seu reinado, seu sorriso á cada uma dessas lisonjas que elle tomava sinceramente por homenagem, seu enthusiasmo por essa gloria que lhe apparecia tão pura e tão brilhante logo nas primeiras oitavas do poema, todas as recordações da entrevista em Cintra com D. Sebastião, deviam ter vindo á memoria do poeta como queixas amargas da patria. Pois essa que elle amou com toda a força de seus sentimentos, que collocou no lugar de seu coração onde tinha vivido Catharina, haveria de accusal-o do seu tumulo—como o propheta e o oraculo de sua desgraça? Essa idéa foi para Camões fonte de novos e extraordinarios soffrimentos ; e, (pode-se conjecturar,) apressou sua morte. A' historia cabe, porem, absolver o poeta de qualquer complicidade n'esse desastre de Africa. Elle foi apenas um cantor e um soldado. Na immensidade de seu amor, só podia dizer á Portugal, como dissera ao rei:

« Braço pera servir-te ás armas feito,
Mente pera cantar-te ás musas dada. »

Elle queria renovar as tradições de D. João II, sem saber se o joven rei era digno de sustentar a bandeira lusitana. Não póde, porém, o poeta ser responsavel por uma expedição de todo o ponto imprudente, sem logica e sem direcção, pela loucura, para melhor dizermos, de um rei aventureiro. Se a historia assim falla, e com tanta verdade que para ella Camões é a representação viva da patria, o poeta, mesmo por amar extremosamente seu paiz, não foi tão indulgente comsigo; bem pelo contrario tomou elle em sua consciencia uma parte de responsabilidade no desastre, e d'esse remorso ficou tão pungido que poucos mezes depois expirava em um abandono completo de espirito e de coração! Não era pois a expedição de Africa, considerada sob ponto algum de vista, o que podia reanimar o genio do poeta: era ella, sim, o veneno que devia matal-o!

CAPITULO II

DESGRAÇA E FIM DE CAMÕES

Ninguem descreveu ao vivo o interior da casa de Camões ; essa lucta quotidiana da miseria com a fome, esses dialogos do genio com a sorte, não nos foram transmittidos pelos contemporaneos.

O genio foi muito tempo um privilegio fatal; mas á que se pode imputar a alliança tão antiga do talento e da miseria? porque as maiores intelligencias attrahem o soffrimento, como as alturas o raio ?

Não se pode crer na influencia de um destino occulto; a *fatalidade* de que fallava de seu leito de morte a mais bella das nossas esperanças desfeitas, (1) talvez pensando em ser elle a victima de seu coração e de seu talento, não tem valor perante a razão. Se o destino dos poetas fosse soffrer, quem poderia accusar a sociedade que os deixa cumprirem sua missão ? e por outro lado que lei moral seria essa que só não se executa n'aquelles que prostituem e vendem a musa ao ouro dos reis e dos poderosos?

---

(1) Alvares de Azevedo.

De certo a imaginação é uma causa eterna de soffrimento, e n'esse sentido pode-se dizer que os poetas teem em si a fonte de sua desgraça. Com a alma de Byron, por exemplo, como há de ser feliz n'este mundo aquelle para quem o prazer, o amor, a gloria e até a dedicação convertem-se mal se lhes toca em fructos insipidos ou amargos?

Os homens assim organisados não podem aspirar á felicidade.

O que há na terra que possa saciar a sede que os devora, quando a agua que elles sonham não corre por estes valles, e seus labios rejeitam com desprezo a que a vida lhes offerece mais pura e mais crystallina?

São elles por certo os maiores idealistas da felicidade: ninguem cantou, como elles, os prazeres dos sentidos e os do coração; ninguem descobriu mais a poesia da terra, do que elles. Byron sobretudo, como descreveu a voluptuosidade da vida! No emtanto cada sonho realisado lhe parecia um cruel despertar, cada desejo satisfeito era uma illusão morta. Para quem nasceu assim o melhor destino era morrer moço,—na embriaguez passageira da gloria, combatendo pela Grecia.

A moderna poesia tem copiado essa melancolia das almas superiores, e não há poeta, destinado á morrer no seio da familia depois de ter cumprido seus deveres de homem, que não se julgue presa da doença dos genios. A tristeza vaga da mocidade, produzida pelo amor e pela ambição, e que parece ser apenas o crepusculo da vida, não deve ser confundida com essa imperiosa necessidade de um bem, que não se acha na terra, a qual que-

bra a alma, como o fogo faz estalar a porcellana que o contem.

Muitos dos grandes poetas escaparam á essa melancolia, que parece despontar nas almas antigas e renovar-se com mais força no começo do seculo. Dante foi, como vimos, o escravo de sua tristeza; Camões que deveu sentil-a profundamente não succumbiu á ella.

Se a tristeza dos grandes poetas é determinada pela imaginação, sua desgraça é o effeito de causas particulares e individuaes. Outr'ora o circulo dos homens de lettras era limitado, e a imprensa, que consumia, não dava a fortuna. Hoje são muito outras as circumstancias; há em cada paiz uma clientela para os grandes talentos; o poeta não tem mais que recorrer á caridade dos ricos nem ao desdem protector dos reis; seu Mecenas é o povo.

A miseria de Camões está, como vimos, ligada aos revezes de seu paiz. Entregue á maior desventura, sentindo crescer o perigo, olhando á um tempo para as duas fronteiras, para o mar á ver se voltava a flôr da sua bravura sepultada em Africa, para leste á ver se já despontavam os primeiros soldados da Hespanha, a geração coeva do poeta não podia bem cuidar de suas desgraças nem suavisar-lhe o soffrimento. O homem desapparecia diante da nação; um gemido perdia-se no pranto universal do povo.

Não é assim essa geração tão culpada de ingratidão, como alguns acreditam; no meio de todos esses desastres, da dissolução geral da sociedade, no reinado de um cardeal decrepito, quando a dynastia não tinha mais representante, quando a invasão se aproximava das fronteiras, o que era

o infortunio de um homem mesmo sendo esse Camões? Mas se a nação não podia cuidar d'elle, os amigos do poeta não deviam tel-o deixado morrer ao desamparo; esses fidalgos dos quaes elle foi companheiro, o convento de S. Domingos, que elle illustrou diante da historia com sua amisade, deviam ter entrado algumas vezes na casa do do poeta sob a forma da Providencia, que elle invocava. E' certo que o „ coração altivo de Camões devia recusar-se á dependente clientela nas casas dos grandes e dos poderosos " (1). Mas esse *coração altivo* mandava á noite o Jáo mendigar nos pontos frequentados de Lisboa, e onde o transeunte deixava cahir uma moeda de cobre, Manoel de Portugal, o conde de Vimioso, D. Gonçalo Coitinho e outros podiam lançar uma de ouro ! Ha tantos meios de fazer um beneficio e é tão facil matar uma dor e valer á alguem ! A esmola, dada com ostentação, com ruido publico, destinada á vincular a musa e a gratidão do poeta á casa dos grandes, essa elle regeitaria com altivez; mas não seria elle quem recussasse o offerecimento da amisade, expontaneo e reservado, porque a beneficencia tambem tem pudor.

Fosse, porem, a causa da desgraça do poeta qualquer das enunciadas por seus biographos, ou outra desconhecida, ella foi muito longa, muito dura e tão persistente, que merece bem o nome de martyrio. Dizer tudo que elle soffreu, é impossivel pelo silencio dos testemunhos authenticos e da musa do poeta.

---

(1) D. Fr. Alex. Lobo.

Dois ou tres fragmentos de cartas suas fallam do estado lastimoso, em que viveu nos ultimos annos. „ Quem ouviu dizer que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras ! “ eis uma de suas phrases, e essa é a expressão de uma grande dor. Foi na verdade uma lenta agonia a d'esse homem, pregado á um leito de miseria, e vivendo na solidão de sua alma, com o pensamento fixo nos tumulos dos seres, que elle havia amado porque o infeliz sobreviveu á todos.

O seu desprezo da vida transparece do ultimo de seus sonetos ; pode-se dizer d'este que foi antes soluçado, que escripto :

« O dia em que eu nasci morra e pereça,
« Não o queira jámais o tempo dar,
« Não torne mais o mundo, e se tornar,
« Eclyse, nesse passo, o sol padeça.

« A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
« Mostre o mundo signaes de acabar,
« Naçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
« A' mãi ao proprio filho não conheça.

« As pessoas pasmadas de ignorantes,
« As lagrimas no rosto, a cor perdida,
« Cuidem que o mundo ja se destruio.

« Oh ! gente temerosa, não te espantes,
« Que este dia deitou ao mundo a vida
« Mais desgraçada que jámais se vio. »

Ouçamos a linguagem de Job :

« Pereça o dia em que eu nasci,
« E a noite que disse : um homem foi concebido.

« Mude-se esse dia em trevas ;
« Não o allumie Deus do alto,

« Não brilhe a luz sobre elle !

« Revendiquem-no as trevas e a sombra,
« Cubra-o uma noite pesada,
« Um eclypse encha-o de espanto !

« Seja essa noite presa de um sombrio horror,
« Não conte ella no calculo do anno,
« Não entre ella no computo dos mezes !

« Seja essa noite esteril,
« Não se ouçam durante ella gritos de alegria !

« Escureçam-se as estrellas de sua manhã ;
« Espere elle a luz, sem que a luz venha,
« Não veja ella as palpebras da aurora;

« Pois que ella não fechou o ventre que gerou-me,
« E não me livrou assim da dor.

« Porque não morri no seio de minha mãi,
« E não expirei ao sahir de suas entranhas. » (1)

Não se vê no soneto de Camões o abandono de espirito do homem que se sente só na terra ? E' a mesma linguagem de Job, o mesmo cantico de dôr, o mesmo appello ao aniquilamento e ao descanso !

„ Não ter nascido " eis um dos ultimos desejos de um homem como Camões ; e elle nos diz tudo. Não ter nascido, isto é, não ter passado do nada á vida, não ter nunca pensado nem sentido, não ter tido uma patria, não ter provado da gloria, eis o voto que fazia Camões em seus ultimos momentos ! A fé succumbia luctando com a desgraça, mas era para renascer, porque logo vamos vel-o agradecendo á Deus sua ultima felicidade—a de não sobreviver á patria !

---

(1) Livro de Job—traducção de Ernesto Renan.

„ Quem pode dizer-se mal pago dos homens, ou chamar-se infeliz, recordando-se de Luiz de Camões? " exclama o Morgado de Matteus.

Chegando ao fim da vida de Camões, compare-mol-a com a de dois outros grandes poetas. Da comparação ver-se-ha que nenhuma vida foi mais cheia de amarguras, nem mais digna de estima do que a do cantor dos *Lusiadas*.

Vemos logo, ao lado d'elle e seu contemporaneo, Torquato Tasso. A vida de Tasso foi na verdade cheia de dôres, mas o poeta italiano não tinha a energia, a altivez, a dignidade do nosso. O carcere do hospital de Sant'Anna, onde elle esteve tanto tempo prisioneiro, quebrou-lhe esse caracter violento e indomito, que sempre ostentára antes; por todas as pequenas côrtes da Italia passeava elle, mendigando, e pondo a lyra, que era a mais popular de seu tempo, á disposição dos que podiam pagar o seu fausto e seus caprichos; estar ligado a um principe, que lhe deixasse viver como um sybarita á troco de alguns versos, era seu sonho; por isso não houve erro, que elle não sanccionasse com sua musa, sobretudo os erros do fanatismo. O que, porém, tira á prisão de Tasso a poesia que a legenda lhe tem dado, é sua loucura; no estado de espirito á que chegou nos ultimos dias, vendo inimigos em todos que o cercavam, o poeta deu um dos mais tristes espectaculos, „ o de desconhecer-se a si e suas obras " na energica expressão de Montaigne, que o visitou no carcere.

Esse grande poeta que punha um preço á dedicatoria da „ Jerusalem ", como é differente de Camões offerecendo os *Lusiadas* á um rei de

quem nada esperava e á quem nada pedia senão que illustrasse o seu paiz por novas victorias!

Esse grande poeta que sahia da prisão para mendigar riquezas dos soberanos da Italia, que fugia á noite das côrtes onde era adorado para negociar com sua celebridade, como é diverso do nosso, jazendo com toda sua gloria em um leito de dôr, e occultando seus soffrimentos!

Tasso foi muito infeliz, tão infeliz talvez como Camões, mas sua sorte não nos impõe o mesmo respeito.

Esse poeta que conheceu toda a embriaguez da gloria, desde um nome popular mesmo entre os bandidos da Calabria até uma coroação no Capitolio, conheceu tambem o fel de todos os infortunios. Sem coragem, porém, para resistir ao soffrimento, deixou-se vencer por elle; uma incuravel misanthropia nasceu em sua alma; todos lhe pareceram inimigos, cada dia julgava-se condemnado ao inferno, e ao mesmo tempo que assim odiava os homens, mendigava publicamente para viver no meio de todos os prazeres. A impressão que a vida de Torquato Tasso deixa em quem a estuda é de um profundo pezar. Todos, ao lermos sua correspondencia e ao sorprehendermos o mysterio tanto tempo impenetravel de sua vida, não podemos senão lamental-o.

Porque não teve elle animo bastante para aceitar as condições difficeis da fortuna, e não comprometter sua gloria nem deshonrar seu martyrio?

Ninguem póde lembrar-se sem dôr da vida do poeta, mas sua desgraça não inspira senão compaixão, em quanto a de Camões soffrida com tanta coragem, escondida com tanto pudor, deixa-nos

todos cheios de admiração pela alma que a dominou sempre.

Tasso expirou no meio dos preparativos de uma coroação nacional no Capitolio, Camões expirou ouvindo os ais da agonia de seu paiz.

Se é verdadeira a tradição e se Tasso amou Eleonora d'Este, Camões teve tambem um amor infeliz, e em vez de o prenderem com promessas magnificas á cidade em que residia sua amante, afastaram-n'o d'ella pelo exilio, em quanto que Tasso era o mais bello ornamento da côrte de Ferrara. Se algumas vezes Tasso conheceu a pobreza, não conheceu a miseria; se faltou-lhe dinheiro depois de suas prodigalidades ou em seus caprichos, não recebeu o pão da caridade de um escravo; se mendigava, não era a esmola de um transeunte, eram riquezas; não escondia o rosto nem calava o nome, humilhava antes sua gloria, fazendo d'ella objecto de contractos. A desgraça que ferio Camões achou-o sereno, na consciencia de seu genio; a desgraça que ferio Tasso, foi a desordem de sua vida; seu espirito perturbou-se, elle começou por desconhecer-se a si mesmo, por julgar-se victima de uma conspiração geral; dentro de pouco era na Italia uma só legenda—o genio e o infortunio do poeta. A vida dos dois poetas, semelhante nos seus soffrimentos, não o é na maneira porque ambos os supportaram: um sem calma e sem coragem, sacrificou á desgraça seu genio, sua altivez e sua honra; outro, encobrindo a miseria, não lhe deu outros direitos senão os que a fome, o desamparo e o abandono teem sobre a vida.

Deixemos, porém, sem accusal-o o desgraçado

cantor dos amores de Tancredo e da innocencia de Herminia. Elle que tão bem cantou a gloria de Camões, não deve ser humilhado por um parallelo com seu emulo; nós só queremos mostrar que ainda que na familia dos grandes poetas haja alguns tão infelizes como Camões, nenhum infortunio impõe tanto respeito, como o seu. Vimos Tasso, vejamos Milton.

Não há na vida do cantor de Eva, nenhuma d'essas fraquezas, que escurecem a de Tasso. Alma recta, atravessou as situações difficeis e as felizes com a mesma confiança em si. Milton é um dos maiores genios da humanidade; nenhum foi ao mesmo tempo tão vasto, tão elevado, tão apaixonado da verdadeira grandeza, tão impregnado do bello ideal, tão universal, tão divino como o seu. Elle paira sobre o chaos que esboçou em sua phantasia como o espirito de Deus sobre a superficie das aguas quando a terra era vazia e as trevas moravam sobre ella.

Pensamento creador, não busca para assumpto de seu poema senão o drama da queda; se pinta a humanidade é na fonte, na idéa, quando o coração abria-se como uma grande flôr tropical aos raios do amor, quando as paixões não tinham dominio sobre a terra, e a alma sentia em si o sopro de Deus. Milton foi o artista de um bello idéal, que elle teve no coração o poder de crear. Quando perdeu a luz dos olhos, continuou á gozar das mesmas vistas em que sua alma se comprazia; musico distincto, não ouvia nos sons do orgão a melodia que elles compunham, mas o echo das symphonias ethereas; seus olhos não viam nas côres, nas formas dos seres, nas linhas senão as imagens dos archetypos

divinos, que elle avistava como Platão com os olhos da alma. Era o habitante de um paiz superior, cuja origem dera-lhe ao genio e ao coração, a magestade e a serenidade que elle mostrou sempre. Grande foi o infortunio do poeta inglez, mas não foi comparavel ao de Camões. Este do berço do tumulo foi o homem da dôr;—á Milton estava reservado o soffrimento para os ultimos annos.

Não se póde apurar a verdade sobre os desgostos domesticos que feriram o poeta, mas por grandes que fossem tiveram mesmo dentro de casa suaves compensações. Desde sua mocidade foi elle um homem calmo e sereno, para quem a vida deslisava brandamente. Seu bello rosto, a candura de seu olhar, a singeleza de seus costumes, uma expressão de innocencia impressa no sorriso davam a esse caracter masculo a suave apparencia de uma donzella. (1)

Depois envolvido nos grandes acontecimentos que puzeram fim ao reinado de Carlos I, coube-lhe a gloria de ser o representante das tendencias liberaes e das conquistas democraticas da revolução de 1649. Associado no pensamento á um homem que seria o Washington da Inglatərra, se essa tivesse já recolhido no seu tempo os beneficios da liberdade de consciencia que elle fundou, Milton ligou seu nome ao de Oliver Crommwel.

Foi-lhe dado ver a realisação de suas idéas, e por ellas a Inglaterra, cheia de prestigio e senhora dos mares, tomar na Europa essa supremacia, que

---

(1) Elle era chamado entre os condiscipulos *the lady of the Christ.*

um rei Stuart devia dentro de pouco vender ao ouro da França. Se a republica desappareceu vendida por um Monk, ao menos deu bastante tempo fructos admiraveis, que embora fossem destruidos no ardor da reacção, haviam de cahir sobre o chão da patria e renascer de suas sementes. Ao morrer Milton viu e adevinhou que a liberdade estava fundada na Inglaterra por sua iniciativa e na verdade quatorze annos depois 1688 punha fim á Restauração.

Se heróe da revolução e do protectorado, Milton teve de viver escondido no principio da Restauração, encontrando por toda a parte os cadafalsos de seus amigos, não se póde chamar á isso desgraça. Elle soffria por uma nobre idéa, dedicára-se por ella, não havia intervenção de causas extranhas para perseguil-o. Tempos depois, voltava elle tranquillo e amnistiado á sua casa: foi ahi que compoz o *Paraiso perdido*, cercado de suas filhas, adorado de seu partido; a cegueira não era um mal tão grande para quem tinha um mundo no pensamento e um horisonte interior sem limites!

A' casa do poeta—habitação das musas— como a chamavam, iam sempre em peregrinação os que conheciam a grandeza de sua alma: lá vivia elle absorvido na contemplação das cousas idéaes. A morte foi-lhe serena, como a de um justo, que havia honrado a vida. Se comparamos o destino de Milton com o de Camões, qual nos deixa mais tristes?

Milton, cercado dos seus, finava-se com a consciencia de ter cumprido a sua missão; no futuro via elle a Inglaterra, abençoando seu nome e re-

colhendo os fructos de sua coragem e seus soffrimentos; o espirito não o abandonava, pois, na ultima hora, emquanto o coração esfriava certo de ser chorado no tumulo. Camões, porém, expirou em um leito de hospital; procurando a seu lado um amigo, só viu infelizes como elle; os seres que havia amado dormiam no sepulchro; a patria, por quem afinal vivêra, morria á seu lado. No olhar que ambos lançaram á existencia, havia no de um saudade e esperança, no de outro uma prece á Deus para não demorar o unico bem, que elle não desejou em vão: a morte. Camões foi assim mais infeliz do que Milton, ainda que fossem da mesma tempera.

Não parece á muitos que Milton pintou toda a energia de seu caracter, a força de sua perseverança, o orgulho de seu genio, sua altivez no martyrio, o culto acima de todos da dignidade de sua pessoa, com alguns raios d'essa luz que allumia a fronte de Satan? Pois a alma de Camões era irmã da d'elle.

Uma vida tão infeliz, como a de Camões, devia ter uma sombria morte, e na verdade depois de tão longo martyrio, finou-se o poeta em uma enxerga de hospital, no dia 10 de Junho de 1580. (1)

---

(1) Apezar de contestada por Faria e Souza a tradição de que Camões falleceu em um hospital perdura até hoje. O bispo de Vizeu, repetindo as razões allegadas pelo mais authorisado dos biographos de Camões, não as acha todavia «decisivas» e accrescenta « maiormente quando não sabemos bem, qual era naquelle tempo o uso e economia dos Hospitaes entre nós. » O Sr. Visconde de Juromenha tambem não se decide entre a casa n. 52 á 54 da rua de Sant'Anna e o hospital de S. José. As razões invocadas contra o testemunho ocular de Fr. José Indio não nos parecem

Como havia elle escripto á D. Francisco de Almeida „ não se contentava de morrer na patria, „ mas com ella. “ Mezes depois Felippe II perguntava, pelo cantor dos *Lusiadas*, mas á esse tinha sido poupada a derradeira humilhação de ver no throno de Portugal um rei estrangeiro.

No meio da agonia nacional, a morte do poeta foi silenciosa; nenhum ruido se fez em torno de seu tumulo; o corpo foi depositado em uma sepultura desconhecida do convento de Sant'Anna.

Assim morreu Camões na idade de cincoenta e seis annos. Na lapide que cobriu-lhe os ossos nem uma palavra dizia ao portuguez em que chão sagrado elle pisava.

---

de muito valor. O ter-se pedido a mortalha á casa de Vimioso não prova que morresse elle fora do hospital; o estado das casas de caridade n'esse anno de 1580 devia ser de uma extrema penuria. Não é muito que o hospital não tivesse mortalhas, quando não tinha lençóes. « Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa sin tener una savana con que cobrir-se, » diz a testemunha. Talvez mesmo dar a mortalha para o enterro de semelhante homem, fosse um privilegio reclamado pela casa de Vimioso, e por occasião da morte fossem pedir-lh'a. O silencio de Manuel Correia, ao commentar a estancia dos *Lusiadas* sobre a sorte de Pacheco é um argumento pueril. Podia bem não ter-lhe occorrido uma tal analogia. A tradição pois tem fundamento historico no testemunho ocular de um frade insuspeito, que conta o que viu com uma grande singeleza, e que não pode ser accusado de ter querido illudir, porque deixou o seu testemunho em uma nota original da primeira edição dos *Lusiadas*; provavelmente não pensou elle que essa nota servisse de fundamento historico á uma tradição; se o pensasse e tivesse tido esse proposito, daria mais desenvolvimento á nota e ridigil-a-hia em estylo menos familiar.

Dezeseis annos depois um amigo deu aos restos de Luiz de Camões um melhor jazigo e um epitaphio. (1)

---

(1) Foi D. Gonçalo Coutinho. Este é o epitaphio:

Aqui jaz Luiz de Camões

PRINCIPE

Dos Poetas Do Seu Tempo.

Morreu no anno de 1579.

Esta Campa Lhe Mandou Poer D. Gonçalo Coutinho

Na Qual Não Se Enterrará Ninguem!

CONCLUSÃO

A gloria de Camões cada dia terá mais brilho e e sua memoria ha de ser ainda a mais nacional de seu paiz. Expressão viva da independencia e da liberdade lusitana, sempre que estas correrem perigo, será seu nome o signal da alliança. E' á sombra dos *Lusiadas* que vive a lembrança dos grandes homens portuguezes. E' o Pantheon nacional.

Essas folhas são um penhor de vida sem fim mais seguro que as grossas muralhas de Westminster. O triumpho ephemero de uma opinião inconsciente e barbara pode queimar a aguia de Chatam, sacudir ao vento a poesia de Wilberforce, quebrar o marmore de Sheridan : pode até incendiar o templo da gloria ingleza, como queimou as Tulherias e lançou fogo ao Louvre. O que, porém, revolução nenhuma pode fazer é renovar o

crime de Omar, e partir a cadeia do espirito humano; não se pode cortar o vôo ao pensamento hoje que elle tem as azas da imprensa, da electricidade e do vapor; não se confisca mais a memoria dos povos!

E' por isso que á sombra d'esse livro dormem os Gamas, Albuquerques e Castros certos de uma vida incessante, que pyramide alguma poderia garantir-lhes. Os *Lusiadas* são o poema de Portugal. Cada vez que contemplamos o quadro do naufragio de Camões, perguntamos o que seria da gloria portugueza se a mão intrepida do naufrago não a houvesse, por assim dizermos, salvo das ondas. As areias da Africa tel-a-hiam talvez absorvido, ou então dormiria ella nas *Déeadas* de Barros e nos monumentos da historia, sem que uma d'essas vozes, universaes porque teem por area da repercussão o mundo, e eternas por que dominam o tempo, a houvesse gravado na memoria de todos. Não quiz Deus, porém, que os mares da India devorassem a historia de sua submissão e conquista. Portugal recebeu das mãos do heróe, gottejando ainda agua do Mékong, as folhas do poema, que appareceu no reinado de D. Sebastião, menos como um monumento levantado á gloria de uma nação, que poucos annos depois deixava de existir, do que como uma promessa de vida e resurreição murmurada á beira do sepulchro de Alcacer.

Se cresce sempre em veneração o nome de Luiz de Camões, sua fama cada dia mais popular será universal na hora do perigo. Seus cantos inspirarão sempre o mesmo valor, e do fundo do tumulo guiará elle, novo Tyrteo, os soldados da

patria. (1) Viveu por ella, e morreu com ella; ergueu-lhe em longos annos de martyrio o mais alto monumento; deu-lhe seu sangue no campo da batalha e a luz de seus olhos; amou-a com um excesso, uma abnegação, e um culto que identificam-no aos olhos da posteridade com sua ideal amante: soldado ou navegante, poeta ou martyr, naufrago ou exilado, em todos os momentos da vida elle foi o homem da nação. E' por isso que para nós o poeta e a patria confundem-se e reflectem-se.

Se a justiça, o direito, a alma dos povos, os privilegios da tradição, da lingua e da raça, fossem sacrificados, e um novo duque d'Alba invadisse e conquistasse Portugal, elle não morreria. Os versos do poeta repetidos de bocca em bocca seriam o testemunho da vida independente do paiz, e movidos por elles todos se esforçariam por ligar o futuro ao passado. N'esses dias a gloria do poeta tocaria á seu auge: perseguido, prohibido, queimado, seu poema penetraria no interior dos carceres e no tugurio do lavrador como uma revelação divina. Quem não quereria ser o condestavel de uma outra Aljubarrota?

As mãis aprenderiam de cór as estancias incombusteis e immortaes dos *Lusiadas*.

Sobre o solo do encantado jardim da Europa, haveria uma exhalação d'essas que se desprendem dos tumulos e que diria—isto não é uma provincia

(1) Já se bateram os soldados portuguezes com disticos do poeta. Visconde de Juromenha, tomo I, pag. XXI.

da Hespanha. Portugal, em uma palavra, teria em seu seio, alimentados pelas recordações do passado e pelos versos do poeta, os elementos de uma grande explosão, até que um dia uma cruzada se formasse á voz de um Byron, e a humanidade viesse combater pela patria de Camões, como combateu pela de Homero.

Os annos difficeis, porém, não voltarão: por mais estrondosas que sejam as excepções, o direito de conquista perde terreno no seculo dezenove. A humanidade tem uma consciencia, á qual as victorias da força parecem odiosas; o reinado do ideal approxima-se e em todas as almas já há raios d'elle, como ás vezes no horisonte dos paizes meridionaes há raios da aurora boreal.

Seja, porém, a sorte de Portugal feliz ou adversa, esteja elle destinado á crueis revezes ou á um brilhante futuro, a fama do poeta não será alterada. Gloria incomparavel a do homem, que como Luiz de Camões, é sempre através dos seculos a expressão viva dos triumphos, das esperanças, da morte e da resurreição de seu paiz!

NOTAS

Notas

Pagina 32 „Como o *Ministrel* de Thomas Morus"

Moore deve-se ler, por um engano imprimio-se o nome do martyr em vez do do poeta. Refiro-me a uma de suas melodias irlandezas que começa assim:

The ministrel boy to the war is gone;
In the ranks of death you'll find him.
. . . . . .
« Land of song » said the warrior bard,
Though all the world betrays thee,
One sword, at last, thy rights shall guard,
One faithful harp shall praise thee! »

—

Pag. 65. „Era o navio que conduzia o novo Virgilio. "

A mesma idéa teve antes o Sr. Visconde de Juromenha que exprimio-a n'estes termos: « ... se o poeta de Venuza fazia votos para que o navio que levava Virgilio á Athenas fosse á salvamento, não deviam os portuguezes fazel-os menos ardentes, para que a náo *Santa-Clara* chegasse com prospera viagem á patria, a qual trazia o nosso poeta, e vinha pejada com o maior brazão da gloria de Portugal. » Citando estas palavras rendo uma homenagem ao Sr. Visconde de Juromenha, que tirou para si muita honra de sua completa e excellente edição das obras de Camões.

—

Pag. 78. „ as sombras do exilio entram por seu poema e envolvem até o seu paraiso. "

Macaulay em seu eloquente *Ensaio sobre Milton* exprimio uma idéa muito semelhante á essa n'estes termos: « the gloom of his character linges with its own livid hue the flowers of Paradise. » E' elle o critico a quem me refiro na pagina seguinte, sendo para notar que é a melancholia do Dante e não o seu poema que elle compara ao solo da Sardenha.

—

Pag. 171. „ foi talvez ao dobrar pela primeira vez o cabo das Tormentas. "

Alguem ao ouvir esse capitulo fez-me notar que já Garrett tinha dito a mesma coisa em uma nota ao poema *Camões*. A idéa é d'essas que occorrem naturalmente, mas não contesto que pertença á quem primeiro a teve. Citando as palavras do eximio poeta restituo-lhe sua propriedade: « parece-me muito provavel que realmente a vista d'aquelle immenso e terrivel promontorio suscitasse á Camões a idéa magnifica da sua metamorphose; talvez a não houvera elle concebido se de Portugal não sahisse. »

—

Pag. 225. „ como se em um terreno todo moral, como o de uma antiga sociedade fossem esses rios, etc. "

Essa conjectura litteraria foi-me inspirada por um bello pensamento de A. Cochin: « E' possivel que esqueçais que da mesma sorte que os territorios materiaes, sobre os quaes vivem as sociedades humanas, são regados por tres ou quatro grandes rios, seu territorio moral é regado por tres ou quatro grandes principios? »

—

Pag. 261. „ Vejamol-o alguns dias antes da batalha de 4 de Agosto. "

Essa admiração que mostro por Abd-el-Melek é um pallido reflexo da que inspirou elle ao Sr. Rebello da Silva, em cujo eloquente livro aprendi a historia da expedição.

—

Pag. 271. „ Mandava o Jáo mendigar. "

Sobre essa poetica figura do Jáo que nem pude esboçar veja-se o poema de Garrett.

—

Pag. 274. „ exclama o Morgado de Matteus."

Ser-me-hia impossivel em um livro consagrado á gloria de Camões esquecer o nome do morgado de Matteus, Dom José Maria de Souza Botelho. Esse portuguez illustre levantou á Camões o mais bello monumento artistico e litterario. Elle mesmo fez seu elogio n'estas singelas e eloquentes palavras que escreveu na vida do poeta: « Quantas vezes fui eu obrigado á interromper a leitura d'esta obra sublime por se me arrasarem os olhos de agua, commovido pelo amor da patria, elevado na grandeza dos pensamentos, encantado das bellezas de todo o genero que alli se encontram. Quantas vezes opprimido eu mesmo de trabalhos e desgostos, procurei allivio n'esta lição e nas memorias de sua vida! »

—

OBSERVAÇÃO

O leitor notará certa differença entre a orthographia do texto e a dos versos de Camões. E' que servi-me da edição dos *Lusiadas*, de José da Fonseca, impressa em Paris em 1846. Tambem notará falta de uniformidade na orthographia de certas palavras, que a lingua deixa escrever de differentes modos, como *dois* e *dous*, *idéa* e *ideia*, *cousa* e *coisa*. A falta de habito de corrigir provas explica esse defeito, para o qual o autor pede desculpa.

INDICE

Pags.

Introducção 5

LIVRO I.—Camões antes dos Lusiadas

Capitulo i.—Mocidade de Camões 21
Capitulo ii.—Os Amores de Camões 35
Capitulo iii.—Camões na India 59

LIVRO II.—Os Lusiadas

PARTE PRIMEIRA.—A Idéa do poema 69
PARTE SEGUNDA.—O monumento nacional ... 111
PARTE TERCEIRA.—O maravilhoso pagão
Capitulo i.—Uso que fez Camões do maravilhoso pagão 153
Capitulo ii.—Adamastor 169
Capitulo iii.—O poema de Venus 180
I.—O canto II 181
II.—O canto VI 193
Capitulo iv.—A ilha dos Amores 208
PARTE QUARTA.—A Legenda historica
Capitulo i.—Ignez de Castro 227
Capitulo ii.—Os doze de Inglaterra 241

LIVRO III.—Velhice e morte de Camões

Capitulo I.—Camões e a expedição d'Africa 253
Capitulo II.—Desgraça e fim de Camões..... 268
Conclusão.....
Notas.....